Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do
Desporto e de Educação Física

Comparação entre a concepção do treinador e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica, individual e colectiva.

Um estudo de caso numa equipa de Futebol de Juniores A

**João Manuel
da Costa Lucas**

Janeiro de 2001

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo

Comparação entre a concepção do treinador e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica, individual e colectiva.

Um estudo de caso numa equipa de Futebol de Juniores A.

João Manuel da Costa Lucas

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto, na área de especialização de Treino de Alto Rendimento Desportivo, realizada sob a orientação do Professor Doutor Júlio Garganta (FCDEF-UP) e co-orientação do Professor Doutor António Manuel Fonseca (FCDEF-UP)

PORTO, Janeiro 2001

Agradecimentos

Para garantir a realização deste trabalho, que pela sua natureza e importância, necessitou do empenhamento, conhecimento e apoio de diversas pessoas, sem as quais não seria possível concretizá-lo, a quem desde já gostaríamos de expressar o nosso agradecimento e reconhecimento.

Ao Professor Doutor Júlio Garganta, orientador científico do presente trabalho, estamos eternamente gratos pelo apoio, estímulo, dedicação, ideias, incentivos, permanente disponibilidade e amizade demonstrados desde o primeiro dia. E ainda pela sua receptividade para nos aceitar como seu orientando.

Ao Professor Doutor António Manuel Fonseca, co-orientador deste trabalho, estamos eternamente gratos pelo apoio, estímulo, dedicação, ideias, incentivos e permanente disponibilidade demonstrados.

Ao Gabinete de Futebol da FCDEF-UP, estamos agradecidos pela colaboração prestada, sempre que foi solicitada.

Ao Gabinete de Futebol da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, estamos agradecidos pela colaboração prestada.

Ao Gabinete de Futebol da FCDEF-Universidade de Coimbra, estamos agradecidos pela colaboração prestada.

Aos treinadores e jogadores da equipa Júnior A, que constituíram a amostra do presente estudo, pela participação e colaboração na recolha de dados para o presente trabalho.

Aos colegas, do departamento de Educação Física, da Escola Secundária de Cantanhede, agradecemos pelo apoio, incentivo paciência e amizade que sempre manifestaram.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio incondicional que sempre manifestaram e pelo incentivo constante que contribuiu para levar este "barco a bom porto".

A todos os meus amigos e colegas, que sempre acreditaram em mim, o meu apreço e amizade.

Comparação entre a concepção do treinador e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica, individual e colectiva.

Um estudo de caso numa equipa de Futebol de Juniores A.

RESUMO

Os modelos de jogo terão que ser a base e o ponto de partida para a preparação do jogador, da equipa e consequentemente para a competição, isto é, a base é o modelo de jogo que o treinador tem formulado e idealizado.

O treinador é o responsável pela construção, aplicação e aferição do modelo de jogo, sendo que cada um concebe um modelo mental de jogo. O treinador idealiza, os jogadores aplicam, aquilo que se pretende que seja uma organização eficaz.

Com a realização deste trabalho, pretendemos atingir determinados objectivos, dos quais destacamos como mais importantes:

- A partir do modelo de jogo adoptado pelo treinador, definir categorias e indicadores que, no seu conjunto, traduzam a organização ofensiva e defensiva da sua equipa.

- Comparar a concepção dos treinadores com a percepção dos jogadores, face à prestação táctica, individual e colectiva.

- Evidenciar o modelo ou modelos de jogo de Futebol, com base na organização do jogo da equipa, em função do modelo dos jogadores e do treinador.

Pretendemos saber se ambos, jogadores e treinadores, possuem idênticas ideias e referências semelhantes em relação às acções individuais e colectivas que decorrem durante as duas fases do jogo e que são influenciadas pelas macroestruturas tempo, espaço e tarefa. Para efectuarmos esta comparação recorremos a um questionário, organizando-o de acordo com seis categorias (dimensões) diferentes. Para cada dimensão do nosso questionário (ataque/tempo; ataque/espaço; ataque/tarefa; defesa/tempo; defesa/espaço; defesa/tarefa), seleccionámos as dez expressões que melhor caracterizam cada uma delas.

A amostra do nosso estudo é constituida por dois treinadores e por vinte e dois jogadores de futebol pertencentes a uma equipa que disputa o Campeonato Nacional de Juniores A, na época de 2000/2001.

Após a recolha, os dados foram introduzidos numa folha de cálculo Excel, e depois foram analisados utilizando o software Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 10.0 para o Windows.

Em primeiro lugar realizamos uma análise exploratória dos dados. Para tal recorremos à média, desvio padrão e variância. Em segundo lugar realizamos o tratamento estatístico, Teste Mann-Whitney, com vista a determinar as eventuais diferenças entre o grupo de atletas e treinadores para cada dimensão. O valor de α foi estabelecido a 0.05.

Verifica-se que, à excepção da dimensão defesa/tempo, nas restantes há concordância, entre atletas e treinadores, relativamente às acções colectivas e individuais que são desempenhadas pelos jogadores.

Concluímos, também, que a questão 7, (*O defesa em situação de emergência, temporiza até que os companheiros restabeleçam um equilíbrio de forças*), é a que apresenta uma maior disparidade entre as respostas dos treinadores e dos atletas.

A percepção do treinador e a percepção dos jogadores em relação à prestação táctica da equipa é bastante próxima, embora nalgumas das regras de acção consideradas neste estudo, existam pequenas divergências. O que vai de encontro a estudos similares realizados nesta temática.

Finalizamos o nosso estudo com a apresentação de sugestões para futuros estudos.

Comparison between the conception of the coach and the perception of the players, in view of the tactical contribution, individual and collective.
A case study in a Juniors "A" Football Team.

SUMMARY

The models of game will have to be the basis and the starting point to the player's training, the team and consequently to the competition, that is, the ground is the game's model that the trainer will have expressed and idealised.

The coach is the responsible for the construction, use and estimate of the game's model, in which any individual conceives a mental model of the game. The trainer idealises and the players adapt what is requested to be an effective organization.

With the accomplishment of this job, we intend to reach certain objectives, of which we point out as more important:

- Beginning with the adopted game model by the coach, define categories and indicators that, in their whole, translate the offensive and defensive arrangements of his team.

- Compare the trainers conception with the players perception in face of the tactical, individual and collective accomplishment.

- Demonstrate the model or models of football games, based in the organization of the team's game, according to the coach and the players model.

We intend to know if both the players and trainers have identical ideas and similar references in relation to the individual and collective actions that happen during the two phases of the game and are influenced by the macrostructures time, space and task. To elaborate this comparison we have turned to a questionnaire organized in six different categories (dimensions). To each dimension of the questionnaire (attack/time, attack/space, attack/task, defence/time, defence/space, defence/task), we have selected the ten best characterizing expressions of each.

The sample of our study is composed by two trainers and twenty two football players belonging to a team contesting the 2000/2001 Juniors "A" National Championship. After the collection, the data was inserted in an Excel worksheet, and examined using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS) software v.10.0 for Windows.

In the first place we carried out an exploratory analysis of the data. To proceed we have turned to the average, the standard deviation and the variance. In second place, we performed the statistical observation, Mann-Whitney Test, to define the occasional differences among the group of athletes and trainers in each dimension. The α value was set up in 0.05.

We can notice that except for the dimension defence/time, in the remaining there is harmony among athletes and trainers, in what concerns the individual and collective actions performed by the players.

We therefore infer that question 7 (*In an emergency situation the defence temporises until his partners re-establish a balance of strength*) is the one that presents a bigger inequality among the trainers and athletes answers.

The perception of the coach and the perception of the players regarding the tactical contribution of the team is very close, although in some rules of action considered in this study there are small discrepancies. This agrees with similar studies in this area.

We end this study with the presentation of suggestions for future studies.

Comparaison entre la conception de l'entaîneur et la percepcion des joueurs fâce à la prestation tactique, individuelle et collective.

Etude de cas d'une équipe de Football Junior A

RESUME

Les models de jeux devront être la base et le point de départ de la préparation du joueur, de l'équipe et par conséquent de la compétition, sela dit, la base est le model de jeux que l'entraîneur doit formuler et idéaliser.

L'entraîneur est responsable de la construction, de l'application et de l'étalonnage du jeux, alors que chacun en cnçoit un mentalement. L'entraîneur idéalise, les joueurs appliquent ce qui se prétend être une organisatiion efficace.

Avec la réalisation de ce travail, nous prétendons atteindre les objectifs déterminés, parmis lesquels nous citons ceux jugés les plus important:

- À partir du model de jeux adopté par l'entraîneur, définir les catégories et les indicateurs, qui ensemble, forment l'organisation ofensive et défensive de son équipe.
- Comparer la onception des entraîneurs avec la perception des joueurs, face à la prestation tactique, individuelle et collective.
- Mettre en évidence le ou les models de jeux du Football, ayant comme base l'organisation du jeux en équipe, tout en fonction du model des joueurs et de l'entraîneur.

Nous Prétendons savoir si tous, joueurs et entraîneurs, possèdent des idées identiques et des références semblables par rapport aux actions individuelles et collectives qui décourrent pendant les deux phases du jeux et qui sont influencées par la macrostructure du temps, de l'espace et de la tâche. Pour effectuer cette comparaison, nous avons eu recourt à un questionnaire organisé en six categories (parties) différentes. Pour chaque partie de notre questionnaire (attaque/temps; attaque/espace; attaque/tâche; défence/temps; défence/espace; défence/tâche), nous avons seleccionné les dix expressions qui caractérisent le mieux chacune d'elle.

La preuve de notre étude est constituée par deux entraîneurs et vingt deux joueurs de football appartennant à une équipe qui dispute le Championnat Nacionnal de Junior A, pendant la saison de 2000/2001.

Après le recueil, les données ont été introduit dans une feuille de calcul d'Excel, et ensuite analisées utilisant le software Statistical Package for Social Sciences (SPSS), version 10.0 pour Windows.

Tout d'abord nous avons réalisé une analise exploratrice des données. Pour ce, nous avons eu recours à la moyenne, au déviation standarde et à la variante. Puis nous avons fait le traitement statistique, Teste Mann-Whitney, ayant pour but de déterminer les éventuelles différences entre le grupe d'athlètes et celui des entraîneurs pour chaque parties. La valeur de α a été établie à 0.05.

Nous pouvons vérifier, à l'exception de la partie défense/temps, qu'il existe une concordence entre les athlètes et les entraîneurs relativement aux actions collectives et individuelles acquises par les joueurs.

Nous pouvons conclure, aussi, que la question 7 (*Le défenseur en situation d'urgence, temporise jusqu'à ce que ses équipiés rétablisent un équilibre de force*), est celle qui présente une plus importante disparité entre les réponses des entraîneurs et des athlètes.

La perception de l'entraîneur et celle des joueurs par rapport à la prestation tactique de l'équipe est proche, malgré que dans certaines règles d'actions considérées dans cette étude, existent des petites divergences. Ce qui va à l'encontre d'études similaires réalisées dans ce domaine.

Nous finalisons notre étude avec la présentation de suggestions pour de futures études.

Índice

Agradecimentos

Resumo

Índice Geral

Índice de Figuras

Índice de Quadros

Índice de Anexos

Introdução

Delimitação do Problema 3

I - Quadro Teórico 6

1.1. O Porquê dos Modelos de Jogo 7

1.1.1. As Fases do Jogo de Futebol 15

1.1.1.1. O Processo Ofensivo 17

1.1.1.2. O Processo Defensivo 17

1.1.2. As Variantes Estruturais do Jogo de Futebol 18

1.1.2.1. Macroestrutura Tempo 18

1.1.2.2. Macroestrutura Espaço 19

1.1.2.3. Macroestrutura Tarefa 21

1.3. Modelação/Estruturação/Planeamento do Processo de Treino 22

1.4. Relação Treinador-Jogador 27

II - Quadro Metodológico 33

2.1. Formalização de um Questionário de Caracterização da Percepção do Modelo Táctico de Prestação no Jogo de Futebol 34

2.1.1. Construção do Questionário 34

2.1.1.1. Justificação da sua realização 34
2.1.1.2. Como foi realizado 35
2.1.2. Explicitação das regras de acção (ofensivas e defensivas) que integram o Questionário 37
2.1.2.1. Dimensão Defesa/tempo 37
2.1.2.2. Dimensão Defesa/espaço 38
2.1.2.3. Dimensão Defesa/tarefa 39
2.1.2.4. Dimensão Ataque/tempo 39
2.1.2.5. Dimensão Ataque/espaço 40
2.1.2.6. Dimensão Ataque/tarefa 41
2.2. Validação do Questionário 42
2.3. Protocolo Exploratório 45
2.3.1. Amostra 45
2.3.2. Recolha de Dados 45

III - Apresentação e Discussão dos Resultados 47
3.1. Caracterização da dimensão defesa considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, para o grupo de Atletas 48
3.2. Caracterização da dimensão ataque considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, para o grupo de Atletas 50
3.3. Caracterização da dimensão defesa considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, para o grupo de Treinadores 53
3.4. Caracterização da dimensão ataque considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, para o grupo de Treinadores 54
3.5. Análise estatística descritiva, por dimensão, para o grupo de Atletas e Treinadores 58
3.6. Comparação entre os dois grupos, Atletas e Treinadores, para as seis dimensões do Questionário 59

3.7. Comparação das respostas dos grupos em cada dimensão do Questionário 64

3.8. Análise das respostas dos Atletas, em cada dimensão do Questionário, em função do Estatuto Posicional 78

IV - Conclusões 81

V – Sugestões para Futuros Estudos 84

VI - Bibliografia 86

VIII - Anexos 93

Índice de Figuras

Figura 1 - As fases de jogo de Futebol, adaptado de Castelo (1994) 16

Figura 2 - Esquema representativo das fases de jogo e das três macroestruturas em estudo 36

Figura 3 - Comparação dos Valores da Média dos Treinadores e Atletas por Dimensão 59

Figura 4 - Média para a Dimensão Defesa/Tempo, grupo Treinadores e Atletas 60

Figura 5 - Média para a Dimensão Defesa/Espaço, grupo Treinadores e Atletas 60

Figura 6 - Média para a Dimensão Defesa/Tarefa, grupo Treinadores e Atletas 61

Figura 7 - Média para a Dimensão Ataque/Tempo, grupo Treinadores e Atletas 62

Figura 8 - Média para a Dimensão Ataque/Espaço, grupo Treinadores e Atletas 62

Figura 9 - Média para a Dimensão Ataque/Tarefa, grupo Treinadores e Atletas 63

Figura 10 - Valor de **p** para as Dimensões consideradas no estudo 65

Figura 11 – Nível de identificação entre a concepção de jogo dos treinadores e a percepção dos atletas. Média das questões para as dimensões da defesa 68

Figura 12 – Nível de identificação entre a concepção de jogo dos treinadores e a percepção dos atletas. Média das questões para as dimensões do ataque 69

Índice de Quadros

Quadro 1 - Média, Desvio Padrão e Variância para a Defesa considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, grupo Atletas 49

Quadro 2 - Média, Desvio Padrão e Variância para o Ataque considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, grupo Atletas 51

Quadro 3 - Média, Desvio Padrão e Variância para a Defesa considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, grupo Treinadores 54

Quadro 4 - Média, Desvio Padrão e Variância para o Ataque considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, grupo Treinadores 56

Quadro 5 - Média, Desvio Padrão e Variância de cada Dimensão, Atletas e Treinadores 58

Quadro 6 – Valor de **p** para as Dimensões em estudo 64

Quadro 7 – Média e Desvio Padrão das respostas dos Atletas em função do Estatuto Posicional, considerando as Dimensões da Defesa 79

Quadro 8 – Média e Desvio Padrão das respostas dos Atletas em função do Estatuto Posicional, considerando as Dimensões do Ataque 80

Índice de Anexos

Anexo I - Questionário de Caracterização da Percepção do Modelo Táctico de Prestação no Jogo de Futebol 94

Anexo II - Análise Estatística Descritiva 98

Anexo III - Análise Estatística (Teste de Mann-Whitney) 105

Anexo IV – Análise Estatística Descritiva, em cada Dimensão, em função do Estatuto Posicional 106

INTRODUÇÃO

Introdução

Nos dias que correm, o desporto assumiu uma grande importância na sociedade. No Futebol são cada vez mais e maiores as exigências, tendo-se passado de uma fase de empirismo e amadorismo, para uma fase em que a compreensão em torno dos factores que induzem do resultado, a *performance* e o *record*, assume uma importância cada vez maior.

Actualmente, assistimos a uma evolução do Futebol sustentada no estudo, sistematização, padronização e estruturação de meios e métodos, com o objectivo de controlar e perceber as variantes e os condicionalismos do jogo. Desta forma, fazem cada vez mais parte deste mundo, áreas como a Fisiologia, a Psicologia, a Análise da *Performance*, a Biomecânica, a Computação, a Estatística e a Metodologia do Treino, entre outras.

Neste sentido, pode dizer-se que o treinador de Futebol dispõe actualmente de um conjunto de informações e dados provenientes de vários quadrantes, que podem contribuir para a melhoria do rendimento da sua equipa.

O processo de treino é dirigido pelo treinador que lidera uma vasta equipa de técnicos. O seu objectivo é tentar entender e controlar os factores que influenciam a prestação da equipa durante a competição. Essa informação é útil para se proceder ao planeamento e organização do processo de treino, para que os jogadores, consigam interiorizar as ideias e intenções da equipa técnica, o mais rapidamente possível.

Este processo passa por um projecto delineado pelo treinador, de acordo com as suas ideias e convicções, o qual é colocado em prática através do treino e avaliado durante a competição.

O treinador deve ter definido de forma clara aquilo que pretende para a sua equipa e como quer que os seus atletas desempenhem os seus papéis. Quer isto dizer que o modelo do treinador terá de ser claro, preciso e fundamentado, para que o mesmo seja assimilado pelos jogadores.

Na tentativa de perceber a clareza desse modelo, junto dos respectivos atletas torna-se conveniente avaliar a congruência entre as ideias do treinador e a interpretação que delas fazem os respectivos jogadores.

Assim, ao nos propormos realizar este trabalho, está nos nossos horizontes atingir determinados objectivos, dos quais destacamos como mais importantes:

- A partir do modelo de jogo adoptado pelos treinadores da nossa amostra, definir categorias e indicadores que, no seu conjunto, traduzam a organização ofensiva e defensiva da sua equipa.

- Comparar a concepção dos treinadores com a percepção dos jogadores, face à prestação táctica, individual e colectiva.

- Evidenciar o modelo de jogo de Futebol, com base na organização do jogo da equipa, em função do modelo dos jogadores e dos treinadores.

Entendemos que um trabalho deste género se torna importante para técnicos, jogadores e investigadores ligados ao Futebol, no sentido em que lhes proporciona mais informação a propósito da percepção que treinadores e jogadores possuem acerca da prestação táctica individual e colectiva.

É nossa intenção proporcionar aos treinadores e jogadores algo que lhes sirva para melhorarem a sua prestação, tanto no processo de treino como na competição.

Pretendemos também fornecer dados aos treinadores para que estes possam reformular e reestruturar o seu processo de treino, se for caso disso, de forma a rentabilizarem a sua acção junto dos atletas e da equipa, de acordo com os referenciais implícitos no seu modelo de jogo.

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Delimitação do Problema

O presente estudo intitula-se: Comparação entre a concepção do treinador e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica individual e colectiva. Trata-se de um estudo de caso numa equipa de Futebol de Juniores A que se insere na temática da modelação do jogo de Futebol, nomeadamente no que se refere à percepção que atletas e treinadores possuem acerca do conjunto de comportamentos que importa adoptar na procura da eficácia..

Segundo vários autores, Garganta (1997), Castelo (1996, 1994), Queiroz (1986), Teodorescu (1994), o jogo de Futebol encontra-se dividido em duas fases, defesa e ataque, e as acções desenvolvidas pelos jogadores, nestas duas fases, são influenciadas pelas macroestruturas tempo, espaço e tarefa.

Pretendemos saber se ambos, jogadores e treinadores, possuem idênticas ideias e referências semelhantes em relação às acções individuais e colectivas que decorrem durante as duas fases do jogo e que são influenciadas pelas macroestruturas tempo, espaço e tarefa.

Importa saber até que ponto o modelo de jogo idealizado pelo treinador é entendido e executado pelos jogadores. Para entendermos, de alguma forma, as acções que os atletas realizam dentro do terreno de jogo e para tentarmos perceber a relação que estas têm com o "pensamento técnico-táctico do treinador", procuramos responder às seguintes questões:

Que coerência existe entre a concepção do treinador e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica, individual e colectiva, quando se pormenorizam os comportamentos desejados?

Terão os atletas alguma ideia acerca do facto de estarem ou não em consonância com os seus treinadores, no que se refere à sua prestação individual e colectiva?

Para tentarmos dar resposta a estas dúvidas colocamos as hipóteses que apresentamos de seguida. A elaboração das hipóteses foi baseada na forma como foi constituido o questionário, que serviu de instrumento de recolha dos dados. O questionário é constituído por seis dimensões. Três dizem respeito à fase defensiva e três à fase ofensiva

do jogo. As hipóteses que formulamos dizem respeito a cada uma das dimensões que mais à frente apresentaremos no questionário utilizado no presente estudo.

As hipóteses que formulamos têm por base o questionário e a sua estrutura como já referimos, mas também atendem à revisão da literatura efectuada ao longo deste estudo. Essa revisão conduz-nos para o facto de nem sempre os treinadores estarem em consonância com os atletas ou vice-versa. Desta forma somos levados a pensar, no caso particular do nosso estudo, que possa eventualmente existir discordâncias entre a concepção dos treinadores e as percepções dos jogadores no que diz respeito à prestação táctica da equipa e dos atletas.

Hipótese Nula ($\mathbf{H_0}$):

A) Existem diferenças significativas, para a dimensão Defesa/Tempo, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa.

B) Existem diferenças significativas, para a dimensão Defesa/Espaço, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa.

C) Existem diferenças significativas, para a dimensão Defesa/Tarefa, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa.

D) Existem diferenças significativas, para a dimensão Ataque/Tempo, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa.

E) Existem diferenças significativas, para a dimensão Ataque/Espaço, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa.

F) Existem diferenças significativas, para a dimensão Ataque/Tarefa, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa.

QUADRO TEÓRICO

I - Quadro Teórico

1.1. O PORQUÊ DOS MODELOS DE JOGO

No entendimento de Teodorescu (1977), uma equipa pressupõe uma funcionalidade geral, constante, baseada em princípios e regras de coordenação das acções dos jogadores, e uma funcionalidade especial, variável, para cada jogo, para cada adversário, em função de condições diversas (Garganta, 1997).

De alguns anos a esta parte, nas Ciências do Desporto e em particular no âmbito do treino desportivo, começou a recorrer-se aos conceitos de modelo e de modelação. No Futebol, expressões como modelo de jogo, modelo de jogador e modelo de preparação, fazem já parte do vocabulário quotidiano de treinadores e investigadores (Garganta, 1996).

Dentro do domínio científico, um modelo é uma representação simplificada, sob a forma mais ou menos abstracta e se possível matematizada, de uma ou várias relações, do tipo causal ou descritivo, que reúne os elementos de um sistema. Um modelo cria uma rede de inter-relações entre as unidades de um conjunto, simulando a realidade, ou parte dos aspectos dessa realidade que corresponde à pertinência do ponto de vista adoptado (Castelo, 1994).

O modelo de jogo tem como objectivo, maximizar as potencialidades do jogador, da equipa e ao mesmo tempo diminuir ou anular as capacidades do adversário. O modelo de jogo, tem como referência máxima o jogador na sua expressão individual e no relacionamento colectivo (Vingada, 2000).

A modelação é o processo através do qual se procura correlacionar o treino com as exigências e especificidades sugeridas pelos jogadores e competição; o grau de significação de tal correlação fundamenta o processo de optimização do treino (Bompa, 1983), isto é, no treino quanto maior for o grau de correspondência entre modelos utilizados e o jogo melhores e mais eficazes serão os seus efeitos (Queiroz, 1986).

Na construção da atitude táctica, o desenvolvimento das possibilidades de escolha do jogador depende obviamente do conhecimento que ele tem do jogo. Quer isto dizer que

a forma de actuação de um jogador está fortemente condicionada pelos seus modelos de explicação, ou seja, pelo modo como ele concebe e percebe o jogo. São esses modelos que orientam as respectivas decisões, condicionando a organização da percepção, a compreensão das informações e a resposta motora (Garganta & Pinto (1998).

Por sua vez, Teodorescu (1984) refere que o conceito de raciocínio táctico é o elemento que confere conteúdo táctico aos procedimentos tácticos, acrescentando que para a sua concretização, de forma eficiente, é condição que o jogador possua uma base rica de procedimentos técnicos, de experiência de jogo e de preparação táctica adequada.

Ainda a este respeito, Matvéiev (1986) cit. por Tavares (1996) considera que as qualidades básicas do raciocínio táctico se exprimem pela aptidão do atleta para captar, avaliar, separar e trabalhar os dados informativos essenciais para a resolução dos problemas práticos durante a competição.

Os autores, Garganta (1996) e (1997), Garganta & Pinto (1998), Teodorescu (1984), Tavares (1996), Queiroz (1986), Vingada (2000) e Castelo (1994), na nossa opinião, evidenciam um factor comum; a modelação tem um papel importante nos jogos desportivos colectivos. É evidente que a criação de modelos de jogo por parte dos treinadores, tem contribuído para a evolução do jogo, isto porque, ela permite que o treinador defina claramente as ideias e os comportamentos que deseja dos jogadores. É desejável que as ideias sejam retiradas da observação e análise do jogo, das vivências do treinador e das características individuais dos jogadores.

Na perspectiva de Teodorescu (1977) cit. por Garganta (1997), a análise e interpretação do conteúdo do jogo desportivo e da funcionalidade da equipa através do prisma da modelação asseguram a possibilidade de utilizar uma metodologia científica na programação do treino, na selecção dos jogadores, no conhecimento dos adversários, na escolha da táctica de jogo e, em geral, para toda a actividade dos treinadores e das equipas.

Com frequência os jogadores são enquadrados num processo de treino onde dificilmente podem expressar as suas aptidões criativas através do gesto ou acção. Para isso, muito contribui a actuação do treinador ao transformar o treino numa mera gestão de

processologias técnicas e tácticas limitadoras da criação dos pressupostos para a autonomia do jogador em acção (Faria & Tavares, 1996).

Para Araújo (1987) cit. por Garganta (1997), o ensino e treino das modalidades colectivas tem de desenvolver-se forçosamente segundo planeamentos e programações estritamente influenciadas pelos modelos de jogo, de preparação e de jogador.

Poderemos, a partir das afirmações destes autores, considerar que os modelos de jogo terão que ser a base e o ponto de partida para a preparação do jogador, para a preparação da equipa e consequentemente para a competição, isto é, a base é o modelo de jogo que o treinador tem formulado e idealizado, depois dever-se-á estruturar e formular todo o processo de preparação e treino em função desse modelo, inclusivamente a escolha dos jogadores que constituirão a equipa.

Os autores Tavares & Faria (1996) afirmam ser sua convicção de que a fonte mais importante de vantagem competitiva reside nos modelos existentes na mente dos jogadores e no modo como eles desenvolvem continuamente esses modelos para lidar com situações altamente incertas através de raciocínios analógicos.

Nos processos de ensino, treino e competição do Futebol a construção dum determinado modelo de jogo deverá passar (Frade, 1983; Garganta, 1985; cit. por Garganta, 1996): (1) pela observação e modelação de níveis de jogo diferenciados: do jogo elementar ao jogo de alto nível, registando as invariantes e singularidades, estruturais e funcionais, que os caracterizam; (2) pela articulação dos diferenciados níveis de jogo, induzindo a evolução dos comportamentos e atitudes dos praticantes em consonância com os diferentes modelos (do principiante ao jogador confirmado).

Os modelos técnico-tácticos devem reproduzir de uma forma metódica e sistemática todo o sistema de relações que se estabelecem entre os diferentes elementos de uma dada situação de jogo, definindo de uma forma precisa as tarefas e os comportamentos técnico-tácticos exigíveis aos jogadores, em função dos seus níveis de aptidão e de capacidade (Queiroz, 1986).

Dos momentos iniciais da prática do Futebol até aos mais elevados níveis de rendimento, o jogo vai apresentando sucessivos traços de referência, que uma vez

racionalizados permitem construir os designados modelos de jogo. Estes traduzem um conjunto de comportamentos típicos, regras de acção e de gestão do jogo, do ponto de vista defensivo e ofensivo, que decorrem dos constrangimentos estruturais, funcionais e regulamentares colocados pelo próprio jogo (Garganta, 1996).

O modelo de jogo evoluído deve ser sempre um marco de referência e um exemplo a seguir. O treinador depois de identificar e seleccionar os aspectos que considera mais importantes e que pretende ver cumpridos no seu modelo, deve eliminar o supérfluo e o menos importante.

No âmbito do Futebol, trata-se de elaborar e adoptar modelos cognitivos (de jogo, de treino) que tenham como função fornecer representações dos sistemas (jogo, treino, preparação) que evidenciem as propriedades desses sistemas que se pretendem conhecer, em detrimento de outras propriedades consideradas menos importantes (Pinto & Garganta, 1996).

A modelação do jogo permite fazer emergir problemas, determinar os objectivos de aprendizagem e de treino e constatar os progressos dos praticantes em relação aos modelos de referência (Gréhaigne, 1989, cit. por Garganta, 1997).

Porém, na construção do modelo de jogo a adoptar pela equipa o treinador deve ter sempre como referência as características do modelo de jogo mais evoluído pois, através dele é possível conhecer melhor o fenómeno que representa, procurando chegar àquilo que tem de essencial, eliminando por vezes verdades consideradas até então definitivas (Adelino, 1987, cit. por Silva, 1998).

Por outro lado, o treinador, no momento da construção do modelo de jogo a adoptar para a sua equipa, para além de ter como ponto de referência o modelo de jogo evoluído e as possíveis tendências evolutivas, deve também atender às características morfo-funcionais e sócio-culturais dos jogadores alvo, bem como às condições climatéricas predominantes (Pinto & Garganta, 1996).

Da inter-relação entre todos estes factores e das suas convicções pessoais, o treinador chega finalmente ao modelo de jogo pretendido, que não é mais do que "uma antecipação", formulada a partir de certos elementos essenciais, de uma realidade que

pretendemos alcançar (Curado, 1982). Este modelo de jogo a adoptar, com princípios bem definidos e respectivas características da aplicação táctica, permite delinear a preparação dos jogadores e da equipa em congruência com os objectivos estabelecidos e tem necessariamente repercussões ao nível das restantes componentes de treino (Silva, 1998).

Ignorar o "modelo melhorado ou enriquecido" e agarrar-se ao "modelo tradicional" leva à estagnação e à formação de jogadores e de equipas que terão grandes dificuldades em responder positivamente às questões posteriormente colocadas pelo jogo mais evoluído (Pinto & Garganta, 1989).

Mas como refere Ferreira (1986) cit. por Pinto & Garganta (1996), não chega dizer: vamos jogar ao ataque ou vamos aguentar e depois atacamos, pois os jogadores não são máquinas com botões para comandar ou computadores onde se colocam os programas desejados, não basta dizer para jogarem depressa, defender mais longe da nossa baliza, rematar de longe ou estarem mais concentrados. Estes comportamentos terão de ser o resultado de processos de treino adequados, isto é, o processo de treino tem de ser congruente com os objectivos pretendidos, como referimos anteriormente.

Treinar é modelar através dum projecto (Marina, 1995; cit. por Garganta, 1997), pelo que pode dizer-se que o modelo de prestação competitiva constitui um pressuposto fundamental do modelo de treino (Tschiene, 1995; cit. por Garganta, 1997). Como tal, a definição do conteúdo, exigências e características específicas da competição, porquanto contribui para perfilar a especificidade da disciplina desportiva a que respeita, orienta o refinamento do processo de treino no sentido de potenciar o desenvolvimento do comportamento agonístico dos atletas (Garganta, 1997).

As características do modelo de jogo adoptado, tendo presente as previstas tendências evolutivas deve condicionar todo o processo de treino (Pinto & Garganta, 1996).

No Futebol diz-se frequentemente que conforme se quer jogar assim se deve treinar, o que sugere uma relação de interdependência e reciprocidade entre a preparação e a competição (Garganta, 1997).

Numa alusão ao forte relacionamento, e até mesmo cumplicidade, que deverá existir entre o processo de treino e a competição, Vingada (2000) refere aquilo que considera a expressão máxima do processo de treino "Mostra-me como treinas, dir-te-ei como jogas".

Joga-se como se treina, o que no fundo significa o mesmo que dizer que quem treina pouco e mal, necessariamente irá expressar na situação de jogo as deficiências da sua preparação (Araújo, 1995).

Impõe-se assim a identificação dos problemas do jogo, dos seus indicadores de qualidade, para, a partir deles, sistematizar conteúdos, definir objectivos, construir e seleccionar exercícios para o ensino e treino (Garganta, 1997).

Poderemos, a título de comparação, referir que toda a competição funciona como um espelho em relação ao processo de treino, isto é, se a competição se desenrola a bom nível e atinge *performances* e resultados desejados, então isso é reflexo de um bom processo de treino, bem orientado estruturado, organizado e com metodologias adequadas quer á competição, quer ao nível dos atletas.

Para Garganta (1997) citando os autores Prigogine & Stengers (1981), a explicitação de um entendimento sobre o jogo de Futebol, tanto no plano do jogador como do treinador, deve realizar-se a partir da emergência duma constelação conceptual, construída a partir do compromisso entre o estabelecido (as regras, os princípios) e a inovação.

Partindo do pressuposto que o objectivo primeiro do treinador de alto nível é preparar de maneira eficiente e eficaz a competição, toda a aproximação toda a similitude, toda a procura de situações idênticas entre o treino e a competição, facilitam a obtenção de boas *performances* (Mombaerts, 1991, cit. por Araújo, 1998).

O processo de treino não deverá estar desfasado da competição. Pelo contrário, o treinador deverá ter como preocupação e referência a competição; o treino deve estar tão próximo da situação real da competição quanto possível, nomeadamente no tipo de tensões psicológicas, físicas, técnicas e tácticas que o jogo comporta. Mas devemos estar conscientes de que o treino muitas vezes se afasta da realidade da competição, devido à

necessidade de compartimentar alguns dos conteúdos ou acções do jogo e assim exercitá-los separadamente uns dos outros.

A modelação do treino tenta reproduzir no decurso da sessão, o envolvimento que o jogador e a equipa encontram na competição. Este método consiste sobretudo em integrar no treino um conjunto de tensões (psicológicas, tácticas, entre outras) a fim de reproduzir o mais fielmente possível as características ou condições de jogo com aquelas que o jogador e a equipa serão confrontados durante a competição (Mombaerts, 1991, cit. por Araújo, 1998).

O treinador, enquanto principal responsável de todo o processo de treino, assume o protagonismo na construção do modelo de jogo da sua equipa elaborando os princípios que pretende ver respeitados pelos seus jogadores. Deste modo, o modelo de jogo, decorrendo dos constrangimentos estruturais, funcionais e regulamentares colocados pelo próprio jogo, reflecte, do ponto de vista ofensivo e defensivo, um conjunto de comportamentos típicos, regras de acção e de gestão do jogo (Garganta, 1996).

Na preparação dos jogadores parte-se da premissa de que o desportista é treinável, de que se lhe pode modificar, em sentido positivo, o nível da capacidade de *performance* (Teodorescu, 1984). Também uma equipa, enquanto totalidade que tenta concretizar um modelo de jogo, pode ser submetida a um processo de trabalho congruente ou não com os objectivos definidos. Digamos que, a preparação a que uma equipa pode ser submetida não é neutra, isto é, ou se utilizam meios adequados ao objectivo e então induzem-se na equipa modificações ajustadas ou se utilizam meios não congruentes com o objectivo e as modificações não o serão (Pinto & Garganta, 1996).

Segundo Pinto & Garganta (1996), a evolução dos JDC (Jogos Desportivos Colectivos) em geral e do Futebol em particular, não dispensa actualmente a existência de alguns pressupostos fundamentais. A análise das características particulares do jogo, a verificação das suas tendências evolutivas e as repercussões destas na orientação metodológica do processo de treino desportivo, parecem constituir aspectos determinantes para a elevação do nível de jogo e para a consequente evolução da modalidade.

Neste sentido, o modelo de jogo adoptado pelo treinador para a sua equipa, condiciona todo o processo de treino e de competição, tornando muito mais abrangente a noção de carga ou estímulo de treino, uma vez que esta deve, cada vez mais referenciar-se aos aspectos táctico-técnico (Silva, 1998).

Por tudo o que foi referido, parece evidente que o treinador de futebol sentirá, cada vez mais, a necessidade de controlar e avaliar todo o processo de treino e de competição a partir do modelo de jogo adoptado para a equipa. Impõe-se assim uma observação do jogo dirigida a esse modelo, no sentido de verificar se os comportamentos esperados são, de facto, realizados pelos jogadores e pela equipa no momento da competição (Silva, 1998).

A verificação de todos estes pressupostos e para efectivamente concluir que eles servem como meio ou veículo para atingir os objectivos pretendidos, o treinador, terá obrigatoriamente que efectuar um controlo ao treino e à competição, através da observação sistematizada e da aplicação de testes físicos, psicológicos e cognitivos, entre outros.

Como se verifica, a construção de um modelo de jogo, é bastante complexa porque tem a pretensão de agregar um conjunto de orientações, ideias e regras organizacionais de uma equipa, com o objectivo de a preparar para reagir à variedade de situações que surgem durante a competição.

O modelo de jogo, tem como referência máxima o jogador na sua expressão individual e no relacionamento colectivo. O modelo de jogo não é só do treinador, que quer impor um "arquétipo" que pode ou não ajustar-se ao jogador e à equipa, o modelo de jogo é a conquista da perfeição, é a ausência de erro (Vingada, 2000).

Parece-nos evidente que cada vez mais o processo de treino (modelo de preparação) terá de ser equacionado tendo por objectivo o modelo de jogo, de forma a ser servido ou a servir um determinado modelo de jogador. Estes são, porventura, apenas alguns dos pressupostos que o treinador terá de dominar de uma forma clara e evidente.

Como diz Queiroz (1986), no treino, quanto maior for o grau de correspondência entre os modelos utilizados e o jogo, melhores e mais eficazes serão os seus efeitos.

Assim, teremos de partir do pressuposto de que deverá existir uma grande correspondência entre: competição, modelo de jogo, modelo de jogador, modelo de treino.

No seguimento do que foi referido anteriormente, e para compreendermos como está estruturado e organizado o complexo processo de jogo do futebol, vamos efectuar uma descrição desse processo, começando pelas fases de jogo.

1.1.1. As fases do Jogo de Futebol

Cada jogo caracteriza-se por uma permanente luta entre o ataque e a defesa (Teodorescu, 1984).

Segundo Castelo (1994), procuramos estabelecer um modelo lógico (código de leitura) que estude o jogo, partindo da abordagem dualista que exprime uma situação de confrontação que opõe dois adversários (duas equipas), cujos interesses são diametralmente opostos, no quadro de uma visão de luta permanente pela posse da bola, que consubstancia duas fases fundamentais do jogo: o ataque e a defesa.

A maioria dos autores procuram uma teorização do conteúdo dos jogos desportivos colectivos privilegiando essencialmente um modelo de organização dualista. De uma forma irreversível um jogador é totalmente solidário com todos os companheiros da equipa e totalmente rival de todos os adversários. Esta oposição crucial entre dois blocos antagonistas é sublinhado pela unidade do tempo, pela unidade do espaço e pela unidade da acção (Castelo, 1994).

Consideramos que o jogo se caracteriza pela aplicação de certos procedimentos antagónicos, de ataque e de defesa, tendo em vista o desequilíbrio do sistema contrário, na procura de uma meta comum, organizados e ordenados num sistema de relações e inter-relações coerente e consequente a que chamamos lógica interior do jogo (Queiroz, 1986).

Em termos técnicos da teoria dos jogos, o duelo consubstancia uma situação de confrontação que opõe dois adversários cujos interesses são diametralmente opostos, ou seja, de "soma zero" (nula). Esta expressão indica que a soma algébrica do "saldo" dos dois protagonistas é igual a zero, o que um ganha (vantagem) corresponde a uma perda (desvantagem) simétrica do outro (Castelo, 1994).

A organização dualista do jogo é estabelecida no quadro de uma visão de luta permanente pela posse da bola, que consubstancia duas fases fundamentais do jogo, ou seja: o ataque (processo ofensivo) que é determinado pela posse da bola, e a defesa (processo defensivo). É sobre estas duas fases que os vários autores dispõem todo o edifício teórico-prático do conteúdo do jogo, estruturando e pragmatizando um conjunto de problemas que consideram fundamentais (Castelo, 1994) (Fig. 1).

Segundo Teodorescu (1984), o conteúdo técnico e táctico do jogo desenvolve-se num quadro antagónico de duas fases fundamentais de ataque e de defesa, que tanto se manifesta individualmente (luta entre o atacante e o defesa), como colectivamente (luta entre ataque e a defesa). Cada elemento do jogo (atacante ou defesa), tenta romper o equilíbrio existente (teoricamente), e criar vantagens que lhes assegurem o sucesso.

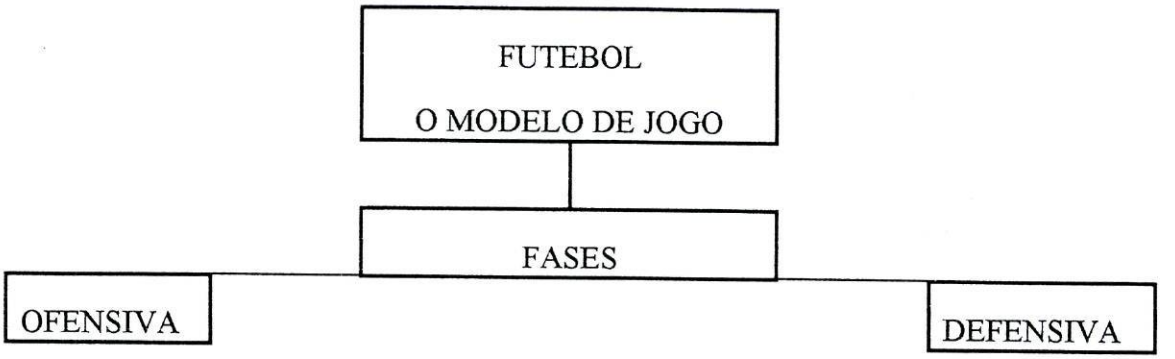

Figura 1 - As fases do jogo de Futebol (adaptado de Castelo, 1994).

Numerosos autores, como Teodorescu (1984), Heddergott (1978), Dietrich (1972), Queiroz (1983), Hughes (1973, 1980), Wade (1972), entre outros, referem que o jogo de futebol evidencia dois processos perfeitamente distintos, que reflectem de forma clara e fundamental diferentes: 1) conceitos; 2) objectivos; 3) princípios; 4) atitudes; e, 5) comportamentos técnico-tácticos, sendo determinados pela condição "posse ou não da bola" (processo ofensivo e processo defensivo) (Castelo, 1994).

Para melhor se compreenderem os processos antagónicos que compõem o jogo de futebol (ataque e defesa), julgamos de capital importância efectuar uma descrição sucinta de algumas das suas características específicas.

1.1.1.1. O Processo Ofensivo

O processo ofensivo representa uma das fases fundamentais do jogo de futebol. Este processo é objectivamente determinado, pela equipa que se encontra de posse de bola, com vista à obtenção do golo, sem cometer infracções às leis do jogo (Teodorescu,1984).

O processo ofensivo abrange todas as acções realizadas pelos jogadores pertencentes à equipa que detém a posse da bola, e que ocorrem com base em cascatas de objectivos, hierarquizados em função da finalidade do jogo: manter a posse da bola, aproximar-se da baliza adversária, marcar golo (Garganta, 1997).

Só o processo ofensivo contém em si um fim positivo, pois só através deste o jogo pode ter uma conclusão lógica - o golo. É para este objectivo que os jogadores das duas equipas, quando de posse de bola, direccionam as suas intenções e acções (Castelo, 1996).

A fase ofensiva do jogo começa assim que a equipa arrebatar a bola ao adversário e termina quando perde a posse daquela. O jogo ofensivo eficaz baseia-se na cooperação programada de todos os jogadores na coordenação dos elementos das várias formações, na alternância surpreendente de ataques lentos e rápidos (Kacani, 1984).

1.1.1.2. O Processo Defensivo

O processo defensivo representa a fase fundamental do jogo, na qual uma equipa luta para entrar na posse da bola, com vista à realização de acções ofensivas, sem cometer infracções e sem permitir que a equipa adversária obtenha golo (Teodorescu, 1984).

O processo defensivo contém em si uma acção negativa, durante o qual, a equipa não poderá concretizar o objectivo do jogo. Assim, este processo deverá ser encarado como uma forma de recurso, sendo logo abandonada quando se recupera a posse da bola. Ao conquistar-se uma vantagem importante, o processo defensivo desempenhou o seu papel e, então, tem que se desenvolver o ataque sob a protecção dessa vantagem em que a passagem rápida ao ataque é o momento mais brilhante do processo defensivo (Castelo, 1996).

1.1.2. As Variantes Estruturais do Jogo de Futebol

Garganta (1997), efectuou o estudo da organização defensiva em equipas de alto rendimento competitivo com base na análise de sequências de jogo Com base nestas sequências o recenseamento das variáveis tácticas foi efectuado com referência a três macrodimensões configuradoras da fase ofensiva do Futebol - Tempo, Espaço e Tarefa.

Os jogos desportivos colectivos, organizam-se num modelo dualista, de confronto directo entre dois opositores, que alternam as suas funções entre o ataque e a defesa, na luta constante pela posse da bola. De acordo com Castelo (1994), esta oposição crucial em dois blocos antagonistas é sublinhado pela unidade do tempo, pela unidade do espaço e pela unidade da acção.

A descontinuidade, a variabilidade e a aleatoriedade que caracterizam o jogo de Futebol não se manifestam somente à escala temporal, mas são também extensivas à forma de utilização do espaço, à realização das tarefas e à sua interacção (Garganta, 1997).

1.1.2.1. Macroestrutura Tempo

No jogo, a estrutura temporal funciona como um gerador de contingências, impondo fortes constrangimentos à utilização do espaço e à realização das tarefas, e sobretudo à sua interacção, na medida em que os jogadores não podem parar para pensar, devendo tomar decisões fortemente pressionados por essa variável (Barth, 1994; Thomas & Thomas, 1994) cit. por (Garganta, 1997).

Efectivamente, a acção técnica está inteiramente imergida no tempo, não somente porque o utiliza, mas também porque joga estrategicamente com esta, em particular utilizando variações de velocidade de execução em função dos adversários (Grehaigne, 1992), e da sua organização colectiva (Castelo, 1994).

Quanto mais tempo os jogadores tiverem para percepcionarem, analisarem e executarem as suas acções técnico-tácticas, menor será a possibilidade de estes cometerem erros, decidindo assim, pela solução mais adaptada à situação táctica (Castelo, 1994).

Segundo Castelo (1994), verificamos que a dimensão tempo está estritamente ligada ao espaço, o que significa que estas são interdependentes, pois, quanto mais temos de um mais temos do outro.

De facto em futebol espaço é igual a tempo, quanto menores os espaços mais rapidamente terão de ser executadas as acções de jogo (Queiroz, 1983a).

O futebolista assume invariavelmente, em cada posse de bola, uma posição central no processo ofensivo. Por outro lado, esta situação é caracterizada pela sua brevidade, sendo o tempo médio de cada posse de bola de poucos segundos e o tempo total de posse de bola de um jogador por jogo de pouco mais de dois minutos. Os dois elementos conjugados fazem da acção com bola um momento em que o jogador apela a todas as suas vivências motoras e mentais, rápida e eficazmente, a fim de poder expressar-se com êxito (Bezerra, 1996).

O tempo representa a frequência (número) das acções individuais e colectivas no ataque ou na defesa, relativas à unidade de tempo, duração de um ataque ou de uma fase de defesa (Teodorescu, 1984).

1.1.2.2. Macroestrutura Espaço

No jogo de Futebol, as sagacidades técnicas e tácticas focalizam-se neste elemento - o espaço - o qual, está estreitamente ligado ao factor tempo. Tendo mais espaço disponível, tem-se também mais tempo para decidir Comucci (1983) cit. por Garganta (1997).

Tanto o trabalho de equipa como a utilização dos espaços contribuem significativamente para o sucesso do ataque. Todos os elementos da equipa se devem preocupar em criar espaços aquando da posse de bola e fechar esses espaços quando defendem. Há uma grande necessidade de criar espaços para que o ataque tenha sucesso (Harris & Reilly, 1988).

Toda a acção de ataque tem por objectivo criar e aproveitar espaço e, consequentemente, toda a acção defensiva tende para o fecho destes espaços na vizinhança, quer da bola, quer do jogador que está para entrar na sua posse (Garganta, 1997).

Cada jogador é confrontado com espaços dinâmicos que se modificam pelo deslocamento dos jogadores em função da evolução e desenvolvimento do jogo, o que condiciona o seu posicionamento e a sua situação no terreno para poder actuar (Castelo, 1994).

Kacani (1981) cit. por Castelo (1994), para além de sublinhar que a universalidade é uma exigência do futebol actual, procura estabelecer uma preparação técnico-táctica dos jogadores segundo a sua posição no terreno de jogo, isto é, em função do(s) espaço(s) predominantes que o jogador ocupa nas situações de jogo ao longo da partida. Nestas circunstâncias, refere a necessidade de potenciar as capacidades individuais, através de uma preparação cujo ponto referencial é o espaço de jogo.

A necessidade de dar uma dimensão "espacial" às acções atacantes advém nomeadamente de na maioria das situações de jogo os defensores deterem a superioridade numérica sobre a equipa que ataca (Castelo, 1994), aliás, os atacantes e os defesas apenas cumprem os princípios fundamentais do jogo de futebol, recusar a inferioridade numérica, evitar a igualdade numérica e criar a superioridade numérica.

Em futebol, espaço é igual a tempo. Esta asserção terá pleno sentido se tivermos presente que todas as acções realizadas colectivamente pretenderão, ganhando espaço, que um qualquer jogador, a cada momento, tenha tempo para jogar. Quanto mais tempo tiver para agir, menor margem de erro é possível por parte do jogador (Cunha, 1986).

A criação ou restrição do espaço só é possível pelos deslocamentos contínuos e sincronizados dos jogadores, que reflectem assim a base do conceito de jogo colectivo. Estas movimentações compreendem dois elementos fundamentais: a) a selecção de um posicionamento em função dos posicionamentos relativos dos companheiros, adversários, bola e balizas; e b) o deslocamento para essa posição (Castelo, 1994).

1.1.2.3. Macroestrutura Tarefa

A dimensão tarefa representa a acção ou acções desempenhadas pelos jogadores nas diferentes fases do jogo, de acordo com os constrangimentos de espaço e tempo que se lhes deparam (Garganta, 1997).

De acordo com uma determinada concepção de jogo os modelos técnico-tácticos devem definir, de uma forma metódica e sistemática, as tarefas e comportamentos técnico-tácticos em consonância com as estruturas de complexidade específicas do jogo (Queiroz, 1986).

As acções que os jogadores realizam num jogo não decorrem de tarefas únicas, mutuamente exclusivas e irreversíveis, mas resultam da assunção de papeis reversíveis diversos, que vão sendo desempenhados alternadamente ao longo do jogo pelo conjunto de jogadores (Garganta, 1997).

O subsistema estrutural da organização de uma equipa de futebol, estabelece para além do dispositivo de base (sistema de jogo) que posiciona os jogadores no terreno de jogo, estabelece igualmente as tarefas ou as missões tácticas fundamentais que se consubstanciam num conjunto de atitudes e comportamentos técnico-tácticos gerais e específicos (Castelo, 1996).

Castelo (1996), considera que a organização de uma equipa de futebol compreende uma estrutura interna que consubstancia vários subsistemas, nomeadamente o subsistema cultural, estrutural, metodológico, relacional, técnico-táctico e táctico-estratégico.

Através da conexão interna que se estabelece ao nível da estrutura de complexidade das acções técnico-tácticas de jogo, e da coerência definida no conteúdo da progressão, é possível, pela inclusão de tais tarefas e comportamentos, estimular e desenvolver, de uma forma planeada e sistemática, um comportamento individual e colectivo final que corresponda ao modelo de jogo desejado (Queiroz, 1986).

No capítulo seguinte efectuaremos uma reflexão sobre os modelos de treino (programação, planeamento e estruturação) e a forma como estão relacionados com os modelos de jogo.

1.2. MODELAÇÃO/ESTRUTURAÇÃO/PLANEAMENTO DO PROCESSO DE TREINO

O conceito de treino moderno é de tal modo abrangente, que tudo na actividade profissional de um atleta, deve ter expressão máxima no dia da competição (Vingada, 2000).

O treino e a competição preparam os atletas para atingirem a vitória: no treino os atletas são preparados para a competição e tudo quanto foi adquirido no processo de treino é demonstrado durante a competição. De certo modo a competição é um indicador considerável da qualidade do treino (Thiess, 1995).

O processo de treino no futebol assistiu nos últimos anos a uma evolução qualitativa. Inicialmente, o treino passava por ser quase um ponto de encontro e um modo dos jogadores se conhecerem. Mais tarde, o aspecto quantitativo começou a ser o ponto nobre do treino, com o aumento do número de sessões e da duração das mesmas. Tratou-se portanto de aumentar o volume de treino, assumindo a condição física do jogador, um lugar de destaque. Hoje o discurso gira em torno de aspectos qualitativos (Bezerra, 1995).

De acordo com Garganta (1996), o processo de ensino/treino do Futebol pode ganhar em coerência e eficácia se referenciado a modelos, que corporizem os aspectos a que se atribui maior importância e que se pretende ver cumpridos. Impõe-se assim que se identifiquem os problemas mais pertinentes do jogo elementar e os indicadores de qualidade do jogo de elevado nível, deles devendo decorrer a sistematização dos conteúdos, a definição dos objectivos e a selecção dos exercícios para ensinar e treinar esta modalidade desportiva.

No quadro da preparação desportiva, a preparação táctica do jogador é feita em função da previsão de um conjunto de situações previamente conhecidas, as quais permitem tipificar um determinado comportamento táctico para o jogador. Ou seja, a preparação táctica do jogador e da equipa é feita considerando as acções de jogo previsíveis (Tavares & Faria, 1996).

Novas tecnologias, a relação volume/intensidade e a selecção/criação de exercícios mais apropriados ao modelo de jogo pretendido, são variáveis de capital importância naquilo que é a planificação do futebol actual. Todavia a relação entre o modelo de jogo e o exercício que o deve suportar não é ainda uma questão perfeitamente assimilada na prática (Bezerra, 1995).

A análise e interpretação do conteúdo do jogo e da funcionalidade da equipa pelo prisma da modelação asseguram a possibilidade de utilização duma metodologia científica na programação do treino, para a selecção dos jogadores, para o conhecimento dos adversários, para a escolha da táctica de jogo e, em geral, para toda a actividade dos treinadores e das equipas (Teodorescu, 1977; cit. por Garganta, 1996).

A análise das características particulares do jogo, a verificação das suas tendências evolutivas e as repercussões destas na orientação metodológica do processo de treino desportivo, constituem aspectos determinantes para a elevação do nível de jogo e para a consequente evolução da modalidade (Pinto & Garganta, 1989).

O treinador deverá então conhecer concretamente o que caracteriza o jogo, para posteriormente desenvolver metodologias de treino que respondam ao que é próprio do rendimento competitivo no futebol (Silva, 1998).

Para Queiroz (1983a), o modelo de jogo passa por duas grandes componentes: a simplificação da estrutura complexa do jogo, e a estruturação e organização da aprendizagem dos atletas.

Mas, como estruturar e organizar a aprendizagem de forma a atingir um modelo de jogador eficaz, inteligente e criativo? Ainda segundo Queiroz (1983a) esta aprendizagem só poderá ser baseada no jogo, ou seja, o jogo é a forma básica fundamental de aprendizagem. O jogo de que falamos não é um jogo qualquer, livre e anárquico, sem qualquer condicionante, que não seja o regulamento. Trata-se sim, de um jogo dirigido, metódico, sistemático, de complexidade crescente, de harmonia com a evolução comportamental do praticante.

Nesta linha de pensamento, Queiroz (1983a) faz referência aos princípios orientadores do modelo didáctico que passam pela definição e caracterização de um modelo

de jogo, definição e caracterização de um modelo de jogador, conceptualização de um modelo de análise de jogo, análise estrutural do jogo, análise comportamental do praticante, caracterização da forma e princípios orientadores da metodologia e finalmente, o conteúdo metodológico.

É de referir que fazem parte integrante dos conteúdos metodológicos, a definição e caracterização das fases ou situações fundamentais do futebol, a definição e caracterização das acções fundamentais do jogo e a definição e caracterização das formas fundamentais ou elementares do jogo (Queiroz, 1983a).

Qualificar e quantificar tudo o que se relaciona com a actividade de treino, é obra do treinador, da equipa técnica, mas que tem como alvo o atleta, visando potenciar e maximizar as suas qualidades (Vingada, 2000).

A planificação conceptual caracteriza-se, essencialmente, pela descrição e construção de um modelo de jogo da equipa que se pretende atingir no futuro, determinando-se no mesmo momento os objectivos da próxima época desportiva. Basicamente este modelo deverá ser alicerçado sob três vertentes fundamentais: (1) das concepções de jogo do treinador que derivam dos seus conhecimentos teóricos sobre o futebol e das suas próprias experiências adquiridas ao longo da sua actividade profissional; (2) das capacidades, particularidades e especificidades dos jogadores que constituem a equipa e, (3) das tendências evolutivas tanto dos jogadores como do jogo de futebol (Castelo, 1996).

Planear ou planificar, significa descrever e organizar antecipadamente, as condições de treino, os objectivos a atingir, os meios e métodos a aplicar, as fases teoricamente mais importantes e exigentes da época desportiva (Garganta, 1991).

Paralelamente à construção de um modelo de jogo, a planificação conceptual realizada pelo treinador, deverá analisar a situação organizacional actual da equipa, isto é, quais os seus principais aspectos negativos e positivos e a elaboração dos programas de acção pragmática que consubstanciam um processo de evolução controlada da organização da equipa direccionando-a para um modelo de jogo pré-determinado. Definindo

simultaneamente as orientações do trabalho da equipa e os meios e métodos de treino para atingir os efeitos pretendidos (Castelo, 1998).

O desenvolvimento do ensino e do treino dos JDC processa-se a partir de planeamentos e programações fortemente influenciados por modelos: de jogo, de preparação e de jogador. Efectivamente, o processo de modelação do treino e da competição nos JDC, tem vindo a adquirir uma importância crescente na procura duma maior eficácia dos jogadores e das equipas. A determinação e caracterização do modelo de jogo deve conduzir à elaboração dum quadro de referências que permita direccionar, duma forma coerente, o processo de preparação e de treino. Este modelo deve ser construído a partir da observação e caracterização do jogo das equipas mais representativas da modalidade, nas grandes competições internacionais (campeonatos do mundo, campeonatos da Europa, taças europeias) e da objectivação das respectivas regularidades (Pinto & Garganta, 1996).

De entre os múltiplos aspectos da modelação nos jogos desportivos encontram-se mais frequentemente os modelos para o programa de treino e os modelos de comportamento no jogo, isto é, concordância, mas não identidade, entre o conteúdo do treino e do jogo. Portanto, treino em condições de jogo ou próximo delas (Teodorescu, 1984).

Parece-nos evidente que a modelação nos jogos desportivos é bastante importante, quer para a evolução técnica, táctica, física e psicológica da modalidade como para a evolução do treino e da consequente preparação para a competição.

Quando assistimos a um cada vez maior equilíbrio competitivo entre as equipas, e quando cada vez mais se prepara minuciosamente a equipa e os jogadores para a competição, não deixando nada ao acaso é vital a modelação do processo de treino. Analisemos então os modelos apresentados por alguns peritos.

Teodorescu (1984) propõe a seguinte sucessão de operações na modelação do treino nos jogos desportivos: (1) elaborar, para cada jogador, os modelos do comportamento técnico-táctico individual (das acções individuais) tanto para o ataque como para a defesa; (2) elaborar os modelos de combinações tácticas (das acções tácticas

colectivas), inclusive os esquemas tácticos; (3) elaborar os exercícios para aprendizagem e aperfeiçoamento dos modelos técnico-tácticos individuais e colectivos; (4) adequar os modelos técnico-tácticos individuais e colectivos (no contexto dos exercícios) ao modelo de esforço (às capacidades motoras).

Queiroz (1983a), apresenta-nos a metodologia e princípios orientadores do treino do modelo, que começa por: (1) introduzir o jovem no jogo; (2) organizar o treino e estruturar os exercícios adequadamente; (3) definir uma sequência pedagógica dos exercícios; (4) utilizar preferencialmente as formas fundamentais do jogo (exercícios com pelo menos uma baliza, onde o objectivo é o golo); (5) as situações de aprendizagem devem ser estruturadas do simples para o complexo; (6) seleccionar situações com níveis de complexidade crescente, de forma a desenvolver: a eficácia técnico-táctica; a inteligência conceptual e a criatividade; (7) qualquer que seja a forma e estrutura organizadora da actividade, a finalização é a meta fundamental a atingir; (8) variar a estrutura e organização dos exercícios, através do aumento do número de jogadores; aumento sucessivo da resistência defensiva; objectivar a realização de um maior número de acções técnico-tácticas, através da diminuição do número de jogadores; desenvolver a eficácia das acções técnico-tácticas, a partir do aumento de velocidade através de situações de treino em espaços reduzidos; aumento sucessivo da definição de tarefas e atribuição de funções.

À medida que vamos construindo o modelo de jogo, devemos realizar constantemente uma reflexão sobre o mesmo a fim de o tornar cada vez mais eficaz e adaptado à realidade competitiva.

Bompa (1990) apresenta-nos um modelo que se poderá dividir em seis fases. Na primeira, o treinador observa e analisa o actual nível de prestação no treino. Na segunda efectua uma reflexão sobre as conclusões da observação, decidindo quais os elementos (técnico-tácticos, físicos e psicológicos) do seu modelo de treino que deverão ser extinguidos e os que devem ser desenvolvidos e aperfeiçoados. Na terceira, a fase da construção, o treinador introduz os elementos qualitativos (aspectos da intensidade do treino, aspectos técnico-tácticos, estratégicos e psicológicos) e os quantitativos (aspectos relativos ao volume de treino, duração e número de repetições necessárias para desenvolver

a aperfeiçoar os aspectos qualitativos). Na quarta o treinador testa o modelo organizativo da equipa em treino e caso seja possível em competições de menor importância. Na quinta o treinador volta a retirar as conclusões do modelo de jogo introduzindo as alterações necessárias, que à partida deverão ser pequenas alterações. Numa última fase, o modelo deverá ser aplicado no treino, para se tornar eficaz nas competições.

Poderemos concluir pela análise dos modelos de treino atrás citados que todos eles se baseiam numa primeira fase na observação e análise dos modelos mais representativos de um nível superior de rendimento, com o objectivo de identificar e caracterizar as suas componentes qualificando e quantificando a sua eficiência e eficácia na competição. Numa segunda fase há que seleccionar e definir os exercícios de treino por forma a consolidarem a aprendizagem, aperfeiçoamento e desenvolvimento dos referidos modelos de jogo.

A conformidade que deve existir entre a concepção do modelo de jogo e o respectivo modelo de treino, deverá ter um único objectivo: o sucesso. Mas muitos outros factores influenciam e intervêm na consecução de tais resultados, nomeadamente a relação que os jogadores estabelecem entre si, a relação entre a equipa técnica e os jogadores, a pressão exercida pelos adeptos e a competitividade dos adversários, entre outros.

1.3. RELAÇÃO TREINADOR-JOGADOR

Quando se pretende realizar um trabalho, cuja base é a concepção que os jogadores têm do modelo de jogo pretendido pelo treinador, é importante compreender algumas das questões relacionadas com a forma como o treinador dirige a equipa, como se relaciona com os jogadores, como os jogadores se relacionam entre si e qual a forma utilizada pelo treinador para dirigir a equipa.

Sabemos pela experiência adquirida no dia-a-dia, que cada indivíduo é único. Ora quando se desenvolve uma actividade dentro do seio de um grupo ou equipa, deve-se ter a noção de que se lida com muitos pontos de vista, muitos sentimentos diferentes, maneiras de estar próprias. No caso dos jogos desportivos colectivos, particularmente no Futebol, o

elemento coordenador e responsável pelos trabalhos - o treinador, deverá ter tudo isto presente, e acima de tudo estar preparado para responder aos problemas que surjam no seio da equipa, porque essa tem um objectivo comum - o resultado, a *performance*.

Segundo Hess (1981), responsabilidade de uma equipa de futebol, especialmente de uma formação de elite, exige disposições particulares por parte dos treinadores, pois deverão considerá-la simultaneamente como um todo sem esquecer que no seu seio existe uma série de indivíduos com características muito marcadas. O papel do treinador consiste, antes de mais, na integração destes indivíduos na equipa para que esta aproveite todas as qualidades que a constituem.

O sucesso desportivo das equipas pode estar na forma como o treinador gere todas estas situações, o treinador deverá ser um gestor de actos, atitudes e sentimentos, no entanto, não se deve esquecer que está enquadrado num meio especial, o desporto. Toda a sua liderança deve ser direccionada para a concretização dos objectivos e metas de todo o grupo de trabalho.

A liderança é um compromisso entre a autoridade e a livre expressão, entre a crítica e o incentivo, entre o apoio e a indiferença, mas para além destes aspectos o treinador não se pode demitir da sua principal função, a orientação da equipa no que respeita, também, aos aspectos físicos, técnicos e tácticos e para tal tem necessariamente que fazer entender aos atletas as ideias e os planos que preconiza para a equipa, principalmente no que diz respeito aos modelos de jogo.

Uma das funções mais importantes do treinador é a de orientar bem o trabalho dos jogadores. Corrigindo-os convenientemente, o treinador auxilia os seus jogadores a resolverem os problemas que se lhe apresentam (Hasler, 1981).

Ainda a este respeito Langlade (SD), refere que o bom treinador servirá os seus jogadores, colocando o bem-estar destes no primeiro lugar de todas as suas relações, respeitando e estimulando os melhores esforços dos seus dirigidos e evitando a mentira e a crítica destrutiva que os pode colocar em situações desagradáveis perante os seus companheiros.

Várias abordagens (sócio-emocionais, comportamentais e organizacionais) têm vindo a ser utilizadas para o estudo desta temática (relação treinador-atleta), tendo resultado a ideia de que o atleta cria uma relação de dependência em relação ao treinador, sustentada pela incerteza do resultado (Palmeira, 1999).

No plano metodológico, o treinador tem como principais tarefas avaliar primeiro os dados existentes e baseando-se neles elaborar uma planificação do treino, assumindo, em seguida o seu controlo e apreciação (Hasler, 1981).

O treinador é o responsável por todo o processo de preparação e condução da equipa. Assim, julgamos que é importante que o treinador, para ter sucesso, sinta que o grupo comunga das mesmas ideias, dos mesmos objectivos e das mesmas metas.

O relacionamento entre jogadores e treinador, é por um lado, uma situação de conflito que opõe treinador (portador e agente dos conteúdos) aos jogadores (motivações, interesses, expectativas) e, por outro lado, uma fonte de conflitos (internos do treinador e jogadores, treinador jogador e interno do grupo/equipa) (Amorim, 1982).

O treinador, como agente de ensino, como indutor e moderador de conflitos, deve ter presente na sua mente que o modelo de jogo não pode ser imposto a todo o custo aos atletas. O treinador deverá ser sensível ao facto de que o seu modelo deverá ter em consideração aspectos particulares do grupo de trabalho, características dos jogadores, meios e métodos de treino, as vivências dos atletas, só assim, conseguirá fazer com que os jogadores assimilem o modelo de jogo. Esta assimilação processa-se através de um modelo de treino que seja conforme com o modelo de jogo.

É muito importante que o treinador coloque as condições a fim de que o jogador seja o protagonista da sua aprendizagem e não só um executor passivo, que as várias actividades propostas sejam reconhecidas como úteis e que ele conheça tanto quanto possível, quer as suas finalidades específicas, quer o motivo por que devem ser executadas exactamente de uma certa forma (Vianello, 1986).

A relação "estreita" que deve ser criada entre o treinador e os jogadores, deverá reflectir-se em todas as áreas, treino, competição, objectivos a atingir e até mesmo na

linguagem que ambos adoptam, como sendo sua, e a qual se torna como um meio de comunicação dentro do grupo de trabalho.

Os treinadores necessitam de ter um modelo preciso ou um "padrão" de jogo que dê sentido e objectividade ao que estão a "ver". Estes aspectos estão enquadrados nos princípios básicos do jogo os quais fornecem os padrões verbais e conceptuais necessários para uma observação inteligente, ajudando assim a simplificar o processo de análise. Do mesmo modo, fornecem também uma "linguagem" táctica que é comum aos treinadores e jogadores o que torna a comunicação mais fácil e ajuda estes últimos a terem um mais rápido entendimento do seu papel, na totalidade do esforço que a equipa realiza (Launder & Piltz, 1999).

Neste sentido, admite-se que o treinador tenha montado um processo de comunicar com o capitão de equipa e com os jogadores que lhe permita dar indicações concretas com vista a alterações ou ajustamentos técnico-tácticos durante o decorrer da competição (Lima, 1993).

A intervenção do treinador durante o jogo ou a condução da equipa na competição é, indiscutivelmente, uma componente muito importante para uma intervenção de sucesso ao mais alto nível de rendimento (Launder & Plitz, 1999). Existem situações no seio de uma equipa onde o comportamento formulado pelo treinador pode ter repercussões importantes e imediatas sobre os jogadores produzindo um efeito que por vezes é incontrolável. Como se sabe, situações como esta são muito frequentes numa equipa de futebol, sentindo-se os treinadores por vezes impotentes para as controlar (Nunes, 1998).

Julgamos importante, dentro desta lógica, que os padrões de comportamento dos jogadores estejam de acordo com os padrões idealizados pelo treinador, criando desta forma uma conduta de comportamentos que seja entendida por ambas as partes, como a mais vantajosa e que os conduzirá ao sucesso e ao êxito.

O treinador deverá ter sempre aberto um canal de comunicação com os seus atletas. Esta comunicação poderá, em nosso entender, ser de dois tipos, uma comunicação menos formal, que diz respeito aos aspectos da vida social e particular dos atletas e uma comunicação mais formal, que diz respeito aos aspectos mais técnicos da modalidade e da

vida desportiva quer dos atletas e treinadores quer do próprio clube. Este segundo tipo de comunicação é extremamente importante, porque é através da instrução durante os treinos ou mesmo durante os exercícios que o treinador faz passar os seus pontos de vista para os atletas. Esta comunicação pode ser complementada com a instrução ministrada pelo treinador nas suas palestras antes da competição, no intervalo da competição ou antes do treino e será este o veículo de transmissão dos modelos de jogo que o treinador deseja ver implementados na equipa que dirige.

Os jogadores precisam aprender a jogar segundo o conjunto de princípios básicos que presidem hoje em dia ao acto de "jogar bem" e que, uma vez compreendidos e assimilados, lhes permitam em cada situação de jogo interagir com os seus companheiros de equipa de modo imaginativo e criativo. Jogar segundo conceitos significa estar habilitado para "ler" cada situação de jogo e dar a resposta adequada, ou seja, ver, analisar e decidir de modo conforme com o tipo de oposição que se lhe depara e não propriamente actuar de um modo mecânico e segundo respostas preparadas mecanicamente pelo treinador (Araújo, 1995).

Na situação de ensino/treino, os treinadores bem sucedidos tendem fundamentalmente para comportamentos de carácter instrutivo, onde o fornecimento de *feed-back*, como forma de reagir às prestações motoras dos atletas, assume uma importância capital (Ferreira, 1994). Ao treinador, figura central de todo o processo são exigidos conhecimentos, atitudes e noção de responsabilidade para encontrar o melhor caminho com vista ao desenvolvimento integral dos seus atletas (Nunes, 1995).

Segundo Nunes (1995) e citando Raposo (1995), o treinador desempenha uma função muitas vezes comparada a uma orquestra com um só músico, tendo de prever e controlar um conjunto alargado de variáveis, encontrando respostas adequadas e concebendo soluções que dêem ao treino o seu verdadeiro sentido, ou seja, levar o atleta a realizar a sua melhor prestação na competição.

A actualização de conhecimentos que é exigida ao treinador e a forma como ele organiza e interpreta o novo conhecimento para aplicar no treino da maneira mais correcta produz, inevitavelmente, resultados durante a competição. Por aqui se constata que os

modelos idealizados pelo treinador estão relacionados com o seu conhecimento, com as suas vivências, com a maneira como interpreta a competição, a forma como organiza e planeia o treino, como se relaciona com os atletas e como os atletas se relacionam entre si.

Nas modalidades desportivas colectivas, parte-se do princípio que o treinador leva a cabo uma preparação adequada dos jogadores e da equipa por forma a permitir que ambos, os jogadores e equipa, realizem a prestação competitiva mais eficaz em função do momento da época oficial e das características dos opositores que, por força da calendarização, lhes cabe enfrentar (Lima, 1993).

Os treinadores têm de acreditar naquilo que estão a tentar alcançar e ter confiança no que fizeram no treino. O sucesso ou fracasso é determinado mais pela qualidade de treino e da preparação, do que pelas alterações feitas durante o jogo (Launder & Piltz, 1999).

Esperamos do treinador que, no mínimo, tome sempre uma decisão apropriada às situações concretas que surgem seja na preparação seja na competição, quer digam respeito à actuação individual dos jogadores quer à actuação da equipa. Essas decisões têm de demonstrar confiança, firmeza e segurança, de modo a que os jogadores sintam que o treinador age em todas as situações com plena convicção e as soluções por ele apontadas são sem dúvida as melhores para as resolver (Lima, 1993).

QUADRO METODOLÓGICO

II - Quadro Metodológico

O treinador é o responsável pela construção, aplicação e aferição do modelo de jogo, sendo que cada um concebe um modelo mental de jogo. O treinador idealiza, os jogadores aplicam aquilo que se pretende que seja uma organização eficaz.

A avaliação desta eficácia nem sempre é fácil. A observação e análise de jogos, treinos e jogadores é por ventura a situação que mais vezes nos é apresentada na literatura. O nosso trabalho pretende utilizar um instrumento ligeiramente diferente, que julgamos ser de melhor compreensão por parte de treinadores e jogadores. É um questionário de caracterização da percepção do modelo táctico de prestação no jogo de futebol.

O referido instrumento tem como suporte teórico a recolha bibliográfica efectuada por nós e que tem por base os modelos de jogo de alguns treinadores, declarações de jogadores, opiniões de autores e outros. A organização e estrutura do questionário baseia-se nas duas fases de jogo e nas estruturas espacial temporal e tarefa que influenciam as acções individuais e colectivas dos jogadores. Obviamente o questionário procura ir de encontro ao que se passa dentro do jogo de futebol e à forma como os jogadores entendem e executam as acções colectivas e individuais e a não menos importante opinião que os treinadores têm acerca dessas execuções técnico-tácticas.

No sentido de facilitar a recolha de dados, construímos um questionário de respostas fechadas, constituido por regras de acção individuais e colectivas (recolhidas da literatura), que descrevem situações referentes às duas fases de jogo (ataque e defesa). Posteriormente efectuaremos uma descrição dos passos que efectuamos até chegarmos à forma final do questionário.

2.1 - FORMALIZAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DA PERCEPÇÃO DO MODELO TÁCTICO DE PRESTAÇÃO NO JOGO DE FUTEBOL

2.1.1. Construção do Questionário

Neste capítulo pretendem-se esclarecer alguns dos motivos pelos quais surgiu o Questionário e a forma como foi pensado, estruturado e organizado até chegar à sua forma final. Posteriormente serviu como ferramenta de trabalho para a consecução desta dissertação.

2.1.1.1. Justificação da sua realização

A ideia que norteou o nosso trabalho foi a da caracterização do modelo de jogo do treinador e a sua comparação com o modelo de jogo dos respectivos jogadores, com o objectivo de evidenciar a congruência entre ambos os modelos.

Para tentarmos perceber o que pretende o treinador, como tem estruturado o seu modelo de jogo, sem que exista perda de informação vital, construímos um questionário que pretende caracterizar o modelo de jogo do treinador. Este questionário também serviu para caracterizar o modelo de jogo dos jogadores.

Para a constituição deste questionário efectuamos leituras a alguns trabalhos, nomeadamente os de Araújo (1998) e Silva (1998). Destas consultas concluímos que os autores, para efectuarem a caracterização do modelo de jogo dos treinadores, utilizam inquéritos de respostas abertas que são complementados por uma entrevista ao treinador. Nos mesmos trabalhos, aos jogadores é efectuada uma observação e análise dos seus comportamentos técnico-tácticos durante a competição, com o objectivo de comparar a prestação táctica da equipa com o modelo de jogo do treinador.

O questionário que preconizamos é de resposta fechada. Os entrevistados optam por uma resposta numa escala de 1 (um) a 5 (cinco) em que a correspondência é: 1 - Nunca; 2 -

Raramente; 3 - Algumas Vezes; 4 - Quase Sempre; 5 - Sempre, em função da avaliação que fazem das afirmações que lhes são apresentadas.

Por último, julgamos pertinente referir o facto de ambos os visados no estudo, treinador e atletas, serem confrontados exactamente com o mesmo instrumento.

2.1.1.2. Como foi realizado

A elaboração do presente questionário decorreu de vários passos. Inicialmente, após uma reflexão e troca de ideias com outras pessoas ligadas ao desporto, nomeadamente à Psicologia do Desporto, entendemos que o questionário seria de resposta fechada. Para tal teríamos de proceder à construção de afirmações que caracterizassem o modelo de jogo, para que o inquirido respondesse com base na escala referida anteriormente.

O segundo passo consistiu em, através da consulta de literatura, efectuar uma caracterização dos modelos de jogo, da forma como estes estão descritos, organizados e estruturados. Desta análise concluímos que, de uma forma geral, o jogo de Futebol, para os autores consultados, está organizado segundo um modelo binário, partindo-se do pressuposto que estão em confronto directo duas equipas e que os seus jogadores estão constantemente a alternar de funções: ora atacam, ora defendem. Em suma, o jogo encontra-se dividido em duas fases fundamentais; a fase do ataque, quando a equipa está na posse da bola, e a fase da defesa, quando a equipa não está na posse da bola.

De seguida procurámos entender como é que estas duas fases se encontram estruturadas, de acordo com a literatura. Nas duas fases de jogo consideradas, a realização das acções técnico-tácticas individuais e colectivas estão dependentes e são influenciadas por diferentes e complementares macroestruturas. As macroestruturas que influenciam as acções técnico-tácticas, de acordo com a literatura, são: tempo, espaço e tarefa.

Todos os aspectos atrás referidos foram desenvolvidos pormenorizadamente nos pontos anteriores do trabalho.

Numa fase posterior de elaboração do nosso questionário, foi efectuada uma recolha de afirmações e expressões de alguns autores e treinadores, tendo em atenção que estas

deveriam caracterizar as duas fases de jogo. Nesta recolha tivemos o cuidado de seleccionar expressões/afirmações que caracterizassem, para cada fase de jogo, também as respectivas macroestruturas (tempo, espaço e tarefa). Deste cruzamento entre as fases de jogo e as macroestruturas, surgiram as seis dimensões que constituem o nosso questionário, porque pareceu-nos ser a forma ideal de estruturar o questionário para abordar a temática dos modelos de jogo.

A figura 2 ilustra as dimensões que constituem o questionário e que surgiram da inter-relação entre as fases de jogo e as macroestruturas que delas fazem parte.

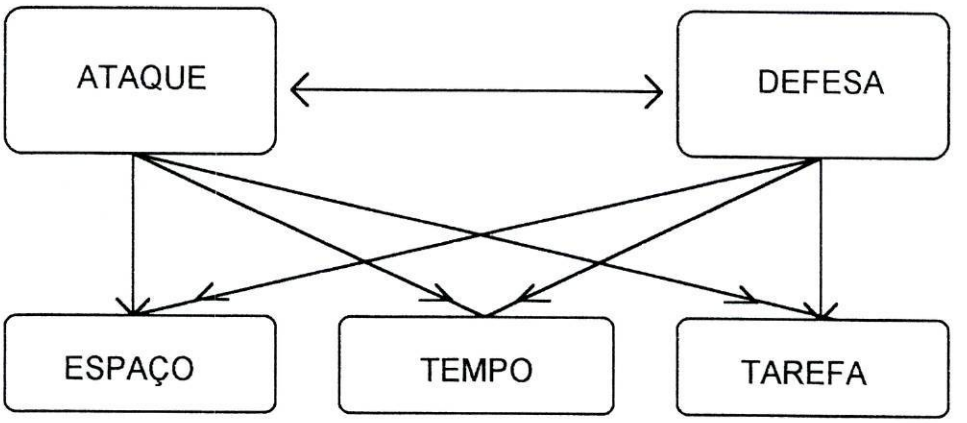

Figura 2 - Esquema representativo das fases de jogo e das três macroestruturas em estudo

A consulta efectuada à literatura conduziu-nos para o facto de que as acções técnico-tácticas realizadas em ambas as fases do jogo são quase sempre influenciadas pelas macroestruturas tempo, espaço e tarefa. Das seis dimensões que constituem o nosso questionário, três pertencem ao ataque (ataque/tempo; ataque/espaço; ataque/tarefa) e três pertencem à defesa (defesa/tempo; defesa/espaço; defesa/tarefa).

De uma forma sucinta as características destas dimensões, por as julgarmos importantes, foram descritas num capítulo anterior do trabalho.

2.1.2. Explicitação das regras de acção (ofensivas e defensivas) que integram o Questionário

Dado ser objectivo do estudo caracterizar e comparar a concepção de jogo dos treinadores com a percepção dos jogadores, face á prestação táctica, foi necessário definir um conjunto de variáveis e indicadores que nos permitissem essa caracterização. Assim, as variáveis encontram-se divididas em seis dimensões (grupos): para a defesa as dimensões defesa/tempo; defesa/espaço e defesa/tarefa e para a o ataque as dimensões ataque/tempo; ataque/espaço e ataque/tarefa.

De acordo com a revisão da literatura e o nosso entendimento acerca do jogo de Futebol, foram elaboradas várias regras de acção que constituíram o suporte para as questões colocadas a atletas e treinadores.

2.1.2.1. Dimensão Defesa/tempo

1 - Os jogadores limitam a iniciativa do adversário, tentando recuperar a posse da bola o mais rapidamente possível.

2 - O defensor, em situação de emergência, temporiza até que os companheiros restabeleçam um equilíbrio de forças.

3 - Os jogadores reagem rapidamente à situação de perda de bola e colocam-se entre a bola e a própria baliza.

4 - A marcação individual ao adversário de posse de bola é feita pelo jogador mais próximo, de forma a ganhar o tempo suficiente para a recuperação e organização do sistema defensivo.

5 - Os jogadores obrigam o adversário a cometer erros, reduzindo-lhe o tempo para jogar.

6 - O jogador retarda o ataque do adversário, particularmente quando é o último defensor.

7 - O defensor tem de ser paciente e evitar arriscar o desarme, salvo quando existir a garantia de poder ficar de posse da bola.

8 - O defensor quando marca o adversário de posse de bola compreende a sua responsabilidade pelo retardamento do processo ofensivo (temporização) e tenta ganhar o tempo suficiente para a recuperação e organização da sua defesa.

9 - O médio ala/extremo, após a perda da bola, presta ajuda ao seu companheiro defesa lateral o mais rapidamente possível.

10 - O defensor central, após ter sido ultrapassado pelo adversário directo, retoma o seu lugar no método defensivo, o mais rapidamente possível.

2.1.2.2. Dimensão Defesa/espaço

1 - Todos os jogadores se preocupam em fechar os espaços quando defendem.

2 - Os jogadores fecham possíveis linhas de passe, fundamentalmente em profundidade.

3 - Os jogadores efectuam oscilações em função da bola tendentes a reduzir espaços de penetração.

4 - O jogador executa constantemente acções de cobertura transmitindo maior confiança e iniciativa ao companheiro que marca o adversário de posse de bola (contenção).

5 - O médio ala/extremo desloca-se para o centro do terreno e ajuda nas tarefas defensivas o médio centro, sempre que a bola esteja no corredor oposto ao seu.

6 - O médio ala/extremo fecha o seu corredor de jogo, prestando ajuda ao seu companheiro defesa lateral.

7 - Os jogadores encurtam o espaço em termos de lateralidade (largura) e profundidade.

8 - A zona privilegiada para a recuperação da bola é o último terço do ataque. Recuperar a bola o mais perto possível da baliza adversária.

9 - A concentração da defesa realiza-se sempre nos espaços mais perigosos para a baliza, nas zonas de remate, que antecedem a grande área, não esquecendo as possíveis lateralizações.

10 - É importante que a perda de bola ocorra no meio-campo ofensivo, em zonas próximas da baliza adversária.

2.1.2.3. Dimensão Defesa/tarefa

1 - A defesa exerce, maior ou menor, pressão sobre o portador da bola de acordo com o momento e a zona do campo em que se processa o ataque adversário.

2 - A defesa executa um apoio permanente ao defensor directamente envolvido na marcação ao portador da bola (cobertura defensiva)

3 - Os jogadores, em processo defensivo, criam, momentaneamente, superioridade numérica nas zonas de disputa da bola.

4 - O jogador marca individualmente o adversário de posse da bola, ou o adversário que possa dar continuidade imediata ao ataque.

5 - O jogador recupera defensivamente, para ocupar as suas funções na defesa. Este deslocamento caracteriza-se pela marcação pressionante sobre os adversários que possam dar continuidade imediata ao ataque.

6 - O defensor lateral desloca-se para a zona central e marca o espaço nas costas dos seus defesas centrais sempre que a bola esteja do lado contrário ao seu corredor de jogo.

7 - O defensor lateral marca pressionantemente o adversário que evolua na sua zona, obrigando-o a orientar os seus comportamentos técnico-tácticos para a linha lateral.

8 - O médio centro, segundo as situações momentâneas de jogo, pode trocar as suas funções com o defesa central.

9 - Os defensores marcam tanto mais agressivamente quanto mais o adversário se aproxima da baliza.

10 - O defesa central marca, de forma activa e vigorosa, o jogador adversário mais adiantado, não lhe dando nem tempo nem espaço para que este possa executar as suas acções técnico-tácticas.

2.1.2.4. Dimensão Ataque/tempo

1 - Os atacantes fazem rapidamente a transição defesa/ataque com apoio significativo (apoio ao portador da bola, cobertura ofensiva, criação de linhas de passe em profundidade e para diferentes corredores).

2 - A capacidade que a equipa manifesta para acelerar repentinamente o ataque é decisiva para o resultado da partida.

3 - Os médios alas/extremos criam situações iminentemente de finalização utilizando a sua velocidade de condução de bola e a sua capacidade de drible (velocidade de execução).

4 - As acções que procuram a libertação de marcação e a procura de espaços livres iniciam-se instantaneamente, após a recuperação da posse de bola.

5 - Uma das regras que a equipa manifesta para melhorar a acção ofensiva é variar o ritmo de jogo.

6 - O médio centro, sempre que possível, joga ao primeiro toque, aumentando deste modo a velocidade de circulação da bola e, ao mesmo tempo, desloca-se para a poder receber de novo.

7 - Para imprimir a máxima rapidez ao ataque, em todas as zonas do campo, os jogadores tentam surpreender a equipa adversária com ataques de duração breve, com a participação de um número reduzido de jogadores, a utilização de um número reduzido de passes, bem como a existência de poucas interrupções.

8 - A arma essencial no ataque são os deslocamentos a grande velocidade, sobretudo do ponto de vista colectivo, para atingir a baliza adversária com o mínimo de passes e o mais rapidamente possível.

9 -Após a recuperação da posse da bola, o jogador muda de uma atitude defensiva para uma atitude ofensiva, baseada em rápidas movimentações, para que o adversário não tenha o tempo necessário para organizar convenientemente as suas acções defensivas, quer individual quer colectivamente.

10 - O médio centro tem uma função extremamente importante na distribuição do jogo ofensivo, na circulação rápida da bola entre os vários corredores, procurando o desequilíbrio do método de jogo defensivo adversário e na finalização do ataque

2.1.2.5. Dimensão Ataque/espaço

1 - A equipa ataca compactamente, isto é, com uma distância curta entre os sectores.

2 - Os jogadores abrem linhas de passe para ganhar espaços e superioridade na posição de abordagem à baliza adversária e ao golo

3 - Todos os elementos da equipa se preocupam em criar espaços aquando da posse de bola.

4 - O jogador afasta-se ou aproxima-se do companheiro de posse de bola para criar espaços que possam ser imediatamente ocupados e explorados pelos seus companheiros, com ou sem posse da bola.

5 - O jogador utiliza todo o espaço de jogo - largura e profundidade, na procura permanente de criação e exploração de espaços livres nas zonas vitais do campo, com vista à instabilidade da equipa adversária e à criação de situações de finalização eficazes.

6 - O defesa lateral, após a recuperação da posse da bola pela sua equipa, desloca-se para a linha lateral, abre uma linha de passe (cria espaço) especialmente quando o seu guarda-redes tiver a bola.

7 - O defesa lateral apoia o ataque através da utilização do seu corredor de jogo, saindo de trás, desequilibrando e criando situações de superioridade numérica ou explorando os espaços livres.

8 - O médio ala/extremo, com a sua mobilidade constante procura encontrar espaços livres ou arrastar consigo um ou mais defesas, para que os outros companheiros possam explorar o espaço por ele criado.

9 - O ponta-de-lança é o jogador que se posiciona mais perto da baliza adversária, dando, assim, profundidade ao processo ofensivo da sua equipa.

10 - Os laterais devem apoiar o ataque através de deslocamentos ofensivos de ruptura, de trás para a frente da linha da bola, procurando criar situações de superioridade numérica ou explorar os espaços livres nas "costas" dos defesas adversários.

2.1.2.6. Dimensão Ataque/tarefa

1 - No ataque, na situação de 1x1 pretende-se criar vantagem sobre o defensor directo, aproximar-se da baliza e rematar com grandes probabilidades de sucesso.

2 - No ataque participam todos os jogadores, logo que se conquista a posse da bola, através de uma mudança brusca de actividade mental (atitude)

3 - A equipa, no processo ofensivo, utiliza como métodos de jogo, o contra-ataque (1ª alternativa) e o ataque rápido (2ª alternativa).

4 - Os jogadores, no processo ofensivo, efectuam desmarcações de apoio e ruptura com passes curtos. Jogar apoiado.

5 - O jogador penetra sempre que as circunstâncias assim o permitam, evitando que o seu adversário directo o conduza para zonas menos importantes (menos perigosas).

6 - O jogador executa constantemente acções de cobertura/apoio, de forma a tornar a tarefa do companheiro com bola o mais simples possível, criando um maior número de hipóteses para que o colega decida pelo comportamento técnico-táctico mais eficaz.

7 - Os médios centro, na fase ofensiva, apoiam constantemente a acção, tendo muitas vezes a função de organizadores de jogo.

8 - O médio centro evita utilizar acções de condução de bola quando é possível efectuar o passe para um companheiro melhor posicionado, utilizando, inclusivé, conforme as circunstâncias de jogo, passes longos por forma a isolar algum companheiro.

9 - O médio ala/extremo desmarca-se para zonas do ponta-de-lança, de forma a desequilibrar a defesa.

10 - O ponta-de-lança domina a acção técnico-táctica de remate, em qualquer situação ou posição (pé e cabeça) sendo espontâneo, criativo e assume a responsabilidade de finalizar o ataque.

2.2. VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Testar o instrumento de observação é um passo extremamente importante.

Há uma operação imprescindível que consiste em testar previamente o questionário junto de um pequeno número de indivíduos pertencentes às diversas categorias do público a que diz respeito o estudo, mas se possível diferentes dos que foram incluídos na amostra.

Este teste prévio permite muitas vezes detectar as questões deficientes, os esquecimentos, as ambiguidades e todos os problemas que as respostas levantam (Quivy & Campenhoudt, 1998).

O questionário destina-se à pessoa interrogada, é lido e preenchido por ela. É, pois, importante que as perguntas sejam claras e precisas, isto é, formuladas de tal forma que todas as pessoas interrogadas as interpretem da mesma maneira. Além da exigência de precisão, é ainda necessário que a pessoa interrogada esteja em condições de dar a resposta, que a conheça e não esteja constrangida ou inclinada a escondê-la (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Para cada dimensão do nosso questionário, seleccionámos as dez expressões que melhor caracterizam cada uma delas. Essa selecção foi conseguida através da colaboração de Técnicos credenciados, Treinadores, Licenciados em Educação Física e Professores Universitários, tendo todos estes elementos formação específica em Futebol.

Inicialmente, cada grelha que correspondia a uma dimensão, possuía um número variável de afirmações (variáveis). Foi solicitado aos técnicos que em cada grelha seleccionassem as doze afirmações que, no seu entendimento, conhecimento e opinião, julgassem as mais importantes. Depois, através de uma análise às escolhas dos peritos, seleccionámos as dez afirmações que reuniam mais opiniões favoráveis, chegando desta forma às dez variáveis para cada dimensão.

Os peritos consultados pertencem a algumas universidades do nosso país. Quatro são docentes da FCDEF da Universidade do Porto, dos quais dois exercem também funções de treinador; um é docente da FCDEF da Universidade de Coimbra e um é docente da Licenciatura em Educação Física e Desporto na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e exerce também funções de treinador.

O nosso questionário de caracterização da percepção do modelo táctico de prestação no jogo de futebol possui uma estrutura e organização próprias, que de seguida passamos a explicar. Para cada dimensão, num total de seis, foram seleccionadas dez variáveis, pelo processo anteriormente descrito. Após esta selecção, as variáveis foram distribuídas pelo questionário na seguinte ordem: para a defesa as dimensões defesa/tempo,

defesa/espaço, defesa/tarefa e para o ataque as dimensões ataque/tempo, ataque/espaço e ataque/tarefa.

Para melhor se apurar a fidelidade das respostas, cada variável da dimensão respectiva, para além da ordem de distribuição atrás referida, está intercalada de seis em seis com outras variáveis, isto é, a primeira variável do questionário pertence à dimensão defesa/tempo, mas a segunda variável, volta a surgir apenas na sétima posição e a terceira variável surge na décima terceira posição e assim sucessivamente. Para a dimensão defesa/espaço, a sua primeira variável surge na segunda posição do questionário, a segunda variável só surge na oitava posição e a terceira variável na décima quarta posição e assim sucessivamente. Para as restantes variáveis das outras dimensões procedeu-se de uma forma análoga.

Resumindo, a estrutura do questionário está assim organizada: à fase de jogo defensiva, correspondem à dimensão defesa/tempo as variáveis 1, 7, 13, 19, 25, 31, 37, 43, 49, 55; à dimensão defesa/espaço as variáveis 2, 8, 14, 20, 26, 32, 38, 44, 50, 56; à dimensão defesa/tarefa as variáveis 3, 9, 15, 21, 27, 33, 39, 45, 51, 57. No que diz respeito à fase de jogo ofensiva, correspondem à dimensão ataque/tempo as variáveis 4, 10, 16, 22, 28, 34, 40, 46, 52, 58; à dimensão ataque/espaço as variáveis 5, 11, 17, 23, 29, 35, 41, 47, 53, 59 e à dimensão ataque/tarefa as variáveis 6, 12, 18, 24, 30, 36, 42, 48, 54, 60.

O questionário que idealizamos é simples e de fácil preenchimento. À frente de cada variável do questionário surge uma escala de 1 (um) a 5 (cinco), tendo o entrevistado apenas de escolher o valor da escala que traduza a sua opinião.

Não há respostas certas ou erradas. Apenas solicitámos às pessoas que exprimissem os seus pontos de vista, de acordo com as suas experiências.

O que pretendemos é que, à frente de cada uma das afirmações, a pessoa entrevistada coloque um círculo em volta do número que melhor reflectir o modo como avalia essa variável. As opções são as seguintes: 1 - Nunca; 2 - Raramente; 3 - Algumas Vezes; 4 - Quase Sempre; 5 - Sempre.

As afirmações descrevem algumas situações que ocorrem durante o jogo de futebol. É nosso objectivo que o entrevistado indique a frequência com que a equipa/jogador realiza

essas situações, ou seja, pretendemos que exprima a opinião relativamente ao que pensa que a equipa/jogadores fazem, efectivamente, durante o jogo e não o que pensa que deveriam fazer.

2.3. PROTOCOLO EXPLORATÓRIO

A metodologia obedeceu a exigências de sistematização, método e precisão.

Nesta perspectiva e no sentido de obviar eventuais distorções susceptíveis de influenciar os resultados, na planificação e organização da recolha dos dados, por intermédio do questionário foram estabelecidos vários requisitos essenciais.

Foi efectuada uma explicação breve sobre os requisitos do questionário

A todos os inquiridos foi garantido o anonimato e a confidencialidade das respostas.

2.3.1. Amostra

A amostra do nosso estudo é constituída por dois treinadores e por vinte e dois jogadores de futebol pertencentes a uma equipa que disputa o Campeonato Nacional de Juniores A, na época de 2000/2001.

2.3.2. Recolha de Dados

Os dados foram recolhidos nas instalações do clube ao qual pertence a nossa amostra, através do questionário de caracterização do modelo de jogo de futebol.

Após a recolha, os dados foram introduzidos numa folha de cálculo Excel e depois foram analisados utilizando o software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 10.0 para o Windows.

Em primeiro lugar realizamos uma análise exploratória dos dados. Para tal utilizamos a estatística descritiva, tendo recorrido à média, desvio padrão e variância.

Em segundo lugar, com vista a determinar as eventuais diferenças entre o grupo de atletas e treinadores, para cada dimensão recorremos à estatística não paramétrica, teste de Mann-Whitney. O valor de α foi estabelecido a 0.05.

O tratamento estatístico (Teste Mann-Whitney) foi realizado em relação às seis dimensões e não em relação às sessenta questões.

O questionário está estruturado em seis grandes grupos (dimensões) de questões, abarcando regras de acção que dizem respeito às macroestruturas tempo, espaço e tarefa. Assim, foram criadas seis dimensões defesa/tempo, defesa/espaço, defesa/tarefa, ataque/tempo, ataque/espaço e ataque/tarefa. Como o questionário foi respondido por treinadores e pelos atletas, julgamos conveniente efectuar a comparação entre as seis dimensões para os dois grupos, porque esta é a lógica interna do questionário.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

III - Apresentação e Discussão dos Resultados

Apresentamos de seguida a descrição e comparação dos dados para as diferentes dimensões e grupos de inquiridos.

Numa primeira fase calculámos a média, desvio padrão e variância para todas as questões do questionáro. Este procedimento foi efectuado para o grupo dos atletas e para o dos treinadores.

Numa segunda fase calculámos a média, desvio padrão e variância para ambos os grupos, considerando cada dimensão em estudo.

3.1. Caracterização da Dimensão Defesa considerando as Macroestruturas Tempo, Espaço e Tarefa, para o grupo de Atletas

Os valores da média para as questões da dimensão defesa/tempo (Quadro 1), para o grupo atletas, variam entre 2,95 e 5. A questão 1 (*Os jogadores limitam a iniciativa do adversário tentando recuperar a posse da bola o mais rapidamente possível*) apresenta a média mais alta. A questão 7 (*O defesa, em situação de emergência, temporiza até que os companheiros restabeleçam um equilíbrio de forças*) apresenta a média mais baixa. Podemos ainda referir, pela análise ao quadro 1, que a questão 7 apresenta uma variação maior nas respostas dos atletas.

Na questão 1, todos os inquiridos assinalaram o valor 5 da escala de resposta, não existindo qualquer variação nas respostas. Todos os atletas concordam que os jogadores limitam, sempre, a iniciativa do adversário, tentando recuperar a posse da bola o mais rapidamente possível.

Em contrapartida, na questão 7, (*O defesa, em situação de emergência, temporiza até que os companheiros restabeleçam um equilíbrio de forças*), os atletas têm uma opinião mais desfasada uns dos outros, pois nas suas respostas percorrem mais a escala do questionário.

Nas questões da dimensão defesa/espaço (Quadro 1), os valores da média variam entre 4,18 e 5. A questão 2 (*Todos os jogadores se preocupam em fechar os espaços quando defendem*) apresenta a média mais alta. A questão 8 (*Os jogadores fecham possíveis linhas de passe, fundamentalmente em profundidade*) apresenta a média mais baixa.

Quadro 1 - Média, Desvio Padrão e Variância para a Defesa considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, grupo Atletas.

Defesa-/Tempo	Média	Desvio Padrão	Variância
Questão 1	**5,00**	0,00	**0,00**
Questão 7	**2,95**	1,89	**3,57**
Questão 13	4,95	0,21	0,05
Questão 19	4,91	0,29	0,09
Questão 25	4,91	0,29	0,09
Questão 31	4,82	0,39	0,16
Questão 37	4,91	0,29	0,09
Questão 43	4,73	0,46	0,21
Questão 49	4,86	0,35	0,12
Questão 55	4,86	0,35	0,12
Defesa/Espaço			
Questão 2	**5,00**	0,00	**0,00**
Questão 8	**4,18**	1,56	**2,44**
Questão 14	4,95	0,21	0,05
Questão 20	4,86	0,35	0,12
Questão 26	4,91	0,29	0,09
Questão 32	4,86	0,35	0,12
Questão 38	4,45	0,67	0,45
Questão 44	4,86	0,35	0,12
Questão 50	4,82	0,39	0,16
Questão 56	4,91	0,29	0,09
Defesa/Tarefa			
Questão 3	4,77	0,43	0,18
Questão 9	**4,95**	0,21	0,05
Questão 15	4,73	0,63	0,4
Questão 21	4,64	0,58	0,34
Questão 27	4,91	0,29	0,09
Questão 33	**4,95**	0,21	0,05
Questão 39	4,68	0,48	0,23
Questão 45	**3,5**	1,01	**1,02**
Questão 51	4,77	0,43	0,18
Questão 57	4,91	0,29	0,09

Devemos referir que a questão 8 apresenta uma variação maior nas respostas por parte dos atletas., isto é, estes discordam mais em relação ao facto dos jogadores fecharem possíveis linhas de passe, fundamentalmente em profundidade.

Na questão 2 a resposta dos atletas foi unânime e todos assinalaram o valor 5 da escala do questionário como opção de resposta. Significa que todos os jogadores se preocupam, sempre, em fechar os espaços quando defendem.

Nas questões da dimensão defesa/tarefa (Quadro 1, os valores da média variam entre 3,5 e 4,95. A questão 45 (*O médio centro, segundo as situações momentâneas de jogo, pode trocar as suas funções com o defesa central*) apresenta a média mais baixa e as questões 9 (*A defesa executa um apoio permanente ao defesa directamente envolvido na marcação ao portador da bola (cobertura defensiva)*) e 33 (*O defesa lateral desloca-se para a zona central e marca o espaço nas costas dos seus defesas centrais sempre que a bola esteja do lado contrário ao seu corredor de jogo*) apresentam as médias mais altas.

A questão 45 é a que apresenta uma maior variação nas respostas dos inquiridos, o que significa que existe uma discrepância de respostas por parte dos atletas, possuindo os mesmos opiniões divergentes em relação ao facto do médio centro poder ou não trocar de funções com o defesa central.

3.2. Caracterização da Dimensão Ataque considerando as Macroestruturas Tempo, Espaço e Tarefa, para o grupo de Atletas

Nas questões da dimensão ataque/tempo (Quadro 2), os valores da média variam entre 4,45 e 5. A questão 28 (*Uma das regras que a equipa manifesta para melhorar a acção ofensiva é variar o ritmo de jogo*) apresenta a média mais baixa. As questões 4 (*Os atacantes fazem rapidamente a transição defesa/ataque com apoio significativo (apoio ao portador da bola, cobertura ofensiva, criação de linhas de passe em profundidade e para diferentes corredores)*) e 22 (*As acções que procuram a libertação de marcação e a*

procura de espaços livres iniciam-se instantaneamente após a recuperação da posse de bola) apresentam a média mais alta.

A questão 28 é a que apresenta maior variação nas respostas dos inquiridos. Os atletas têm opiniões diferentes em relação ao facto de melhorarem a acção ofensiva através das variações do ritmo de jogo.

Quadro 2 - Média, Desvio Padrão e Variância para o Ataque considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, grupo Atletas.

Ataque/Tempo	Média	Desvio Padrão	Variância
Questão 4	**5,00**	0,000	0,00
Questão 10	4,77	0,43	0,18
Questão 16	4,86	0,35	0,12
Questão 22	**5,00**	0,00	0,00
Questão 28	**4,45**	1,18	**1,4**
Questão 34	4,86	0,35	0,12
Questão 40	4,55	0,6	0,35
Questão 46	4,82	0,39	0,16
Questão 52	4,82	0,39	0,16
Questão 58	4,95	0,21	0,05
Ataque/Espaço			
Questão 5	4,91	0,29	0,09
Questão 11	4,91	0,29	0,09
Questão 17	4,95	0,21	0,05
Questão 23	4,86	0,35	0,12
Questão 29	4,77	0,43	0,18
Questão 35	**5,00**	0,00	0,00
Questão 41	4,77	0,43	0,18
Questão 47	4,91	0,29	0,09
Questão 53	**5,00**	0,00	0,00
Questão 59	**4,73**	0,46	0,21
Ataque/Tarefa			
Questão 6	**4,91**	0,29	0,09
Questão 12	**4,09**	1,27	**1,61**
Questão 18	4,5	0,86	0,74
Questão 24	4,5	0,67	0,45
Questão 30	4,73	0,46	0,21
Questão 36	4,86	0,35	0,12
Questão 42	4,86	0,35	0,12
Questão 48	4,77	0,43	0,18
Questão 54	4,14	0,56	0,31
Questão 60	4,77	0,43	0,18

Em contrapartida, as questões 4 e 22 não apresentam qualquer variação de respostas. Todos os inquiridos assinalaram o valor 5 da escala de respostas, como sendo a sua opção de resposta. Os atletas entendem que os atacantes fazem rapidamente a transição defesa/ataque, sempre, com apoio significativo (apoio ao portador da bola, cobertura ofensiva, criação de linhas de passe em profundidade e para diferentes corredores), e que as acções que procuram a libertação de marcação e a procura de espaços livres iniciam-se, sempre, instantaneamente após a recuperação da posse de bola.

As questões da dimensão ataque/espaço (Quadro 2), apresentam valores da média que variam entre 4,73 e 5. A questão 59 (*Os laterais devem apoiar o ataque através de deslocamentos ofensivos de ruptura, de trás para a frente da linha da bola, procurando criar situações de superioridade numérica ou explorar os espaços livres nas "costas" dos defesas adversários*) apresenta a média mais baixa. As questões 35 (*O defesa lateral, após a recuperação da posse da bola pela sua equipa, desloca-se para a linha lateral, abre uma linha de passe (cria espaço) especialmente quando o seu guarda-redes tiver a bola*) e 53 (*O ponta-de-lança é o jogador que se posiciona mais perto da baliza adversária dando assim profundidade ao processo ofensivo da sua equipa*) apresentam a média mais alta.

As questões 35 e 53 apresentam unanimidade de respostas por parte dos atletas. Todos assinalaram na escala de resposta do questionário o número 5, entendemos com isso que os atletas julgam que o defesa lateral, após a recuperação da posse da bola pela sua equipa, desloca-se, sempre, para a linha lateral, abre uma linha de passe (cria espaço) especialmente quando o seu guarda-redes tiver a bola e que o ponta-de-lança é o jogador que se posiciona mais perto da baliza adversária dando assim, sempre, profundidade ao processo ofensivo da sua equipa.

Relativamente às questões da dimensão ataque/tarefa (Quadro 2), os valores da média variam entre 4,09 e 4,91, correspondendo respectivamente às questões 12 (*No ataque participam todos os jogadores, logo que se conquista a posse da bola, através de uma mudança brusca de actividade mental (atitude)*) e 6 (*No ataque, na situação de 1x1 pretende-se criar vantagem sobre o defensor directo, aproximar-se da baliza e rematar com grandes probabilidades de sucesso*).

A questão 12 apresenta uma variação de respostas assinalável; isto evidencia que os atletas nem sempre participam todos ou nem sempre têm essa mudança de atitude.

Apresentamos, de seguida, para o grupo treinadores, os resultados da média, desvio padrão e variância, para as questões que compõem as dimensões do questionário.

3.3. Caracterização da Dimensão Defesa considerando as Macroestruturas Tempo, Espaço e Tarefa, para o grupo de Treinadores

Da análise do quadro 3, as dimensões defesa/tempo e defesa/espaço, verificamos que a média é sempre 5. Isto reflecte que as respostas dos inquiridos foram sempre iguais, existe uma unanimidade nas respostas. Essa unanimidade corresponde à opção 5 da escala de resposta do questionário.

Podemos verificar, igualmente, que a variação de respostas, por questão, é 0 (zero) em ambas as dimensões.

As questões que compõem as dimensões defesa/tempo e defesa/espaço (ver Anexo I), são sempre realizadas pelos jogadores, na perspectiva dos treinadores.

Nas questões da dimensão defesa/tarefa (Quadro 3), apenas na questão 45 (*O médio centro, segundo as situações momentâneas de jogo, pode trocar as suas funções com o defesa central*) existe uma variação dos valores das respostas. Quer isto dizer que nas restantes questões as respostas foram unânimes e apontam sempre para o valor mais elevado da escala do questionário. Os jogadores realizam sempre as situações que são descritas nessas questões, na perspectiva dos treinadores.

Os treinadores, na dimensão defesa/tarefa, não são unânimes em que o jogador médio centro, segundo as situações momentâneas de jogo, possa trocar de funções com o defesa central.

Quadro 3 - Média, Desvio Padrão e Variância para a Defesa considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, grupo Treinadores.

Defesa/Tempo	Média	Desvio Padrão	Variância
Questão 1	5,00	0,00	0,00
Questão 7	5,00	0,00	0,00
Questão 13	5,00	0,00	0,00
Questão 19	5,00	0,00	0,00
Questão 25	5,00	0,00	0,00
Questão 31	5,00	0,00	0,00
Questão 37	5,00	0,00	0,00
Questão 43	5,00	0,00	0,00
Questão 49	5,00	0,00	0,00
Questão 55	5,00	0,00	0,00
Defesa/Espaço			
Questão 2	5,00	0,00	0,00
Questão 8	5,00	0,00	0,00
Questão 14	5,00	0,00	0,00
Questão 20	5,00	0,00	0,00
Questão 26	5,00	0,00	0,00
Questão 32	5,00	0,00	0,00
Questão 38	5,00	0,00	0,00
Questão 44	5,00	0,00	0,00
Questão 50	5,00	0,00	0,00
Questão 56	5,00	0,00	0,00
Defesa/Tarefa			
Questão 3	5,00	0,00	0,00
Questão 9	5,00	0,00	0,00
Questão 15	5,00	0,00	0,00
Questão 21	5,00	0,00	0,00
Questão 27	5,00	0,00	0,00
Questão 33	5,00	0,00	0,00
Questão 39	5,00	0,00	0,00
Questão 45	**3,50**	0,71	**0,50**
Questão 51	5,00	0,00	0,00
Questão 57	5,00	0,00	0,00

3.4. CARACTERIZAÇÃO DA DIMENSÃO ATAQUE CONSIDERANDO AS MACROESTRUTURAS TEMPO, ESPAÇO E TAREFA, PARA O GRUPO DE TREINADORES

Nas questões da dimensão ataque/tempo (Quadro 4), verificamos que os valores da média variam entre 4 e 5. A questão 40 (*Para imprimir o máximo de rapidez ao ataque, em todas as zonas do campo, os jogadores tentam surpreender a equipa adversária com*

ataques de duração breve, com a participação de um número reduzido de jogadores, a utilização de um número reduzido de passes, bem como a existência de poucas interrupções) apresenta a média mais baixa. As questões 4 (*Os atacantes fazem rapidamente a transição defesa/ataque com apoio significativo (apoio ao portador da bola, cobertura ofensiva, criação de linhas de passe em profundidade e para diferentes corredores)*), 10 (*A capacidade que a equipa manifesta para acelerar, repentinamente, o ataque, é decisiva para o resultado da partida*), 16 (*Os médios alas/extremos criam situações iminentemente de finalização utilizando a sua velocidade de condução de bola e a sua capacidade de drible (velocidade de execução)*), 22 (*As acções que procuram a libertação de marcação e a procura de espaços livres iniciam-se instantaneamente após a recuperação da posse de bola*), 28 (*Uma das regras que a equipa manifesta para melhorar a acção ofensiva é variar o ritmo de jogo*), 34 (*O médio centro, sempre que possível, joga ao primeiro toque aumentando deste modo a velocidade de circulação da bola e, ao mesmo tempo desloca-se para a poder receber de novo*), 46 (*A arma essencial no ataque são os deslocamentos a grande velocidade, sobretudo do ponto de vista colectivo, para atingir a baliza adversária com o mínimo de passes e o mais rapidamente possível*) e 58 (*O médio centro tem uma função extremamente importante na distribuição do jogo ofensivo, na circulação rápida da bola entre os vários corredores, procurando o desequilíbrio do método de jogo defensivo adversário e na finalização do ataque*) apresentam a média mais alta.

A variação maior ocorre na questão 40 (*Para imprimir o máximo de rapidez ao ataque, em todas as zonas do campo, os jogadores tentam surpreender a equipa adversária com ataques de duração breve, com a participação de um número reduzido de jogadores, a utilização de um número reduzido de passes, bem como a existência de poucas interrupções*), isto pressupõe que os treinadores tiveram respostas diferenciadas, discordam da frequência com que os jogadores realizam estas situações.

Nas questões 4, 10, 16, 22, 28, 34, 46 e 58 as respostas dos treinadores são unânimes e apontam para o valor mais elevado da escala de resposta do questionário, o que

nos indica que, na opinião dos treinadores, as situações descritas por essas questões (ver Anexo I) são sempre realizadas pelos jogadores.

Nas questões da dimensão ataque/espaço (Quadro 4), não existem quaisquer discrepâncias nas respostas dos treinadores e todas as respostas apontam para o valor mais elevado da escala de respostas do questionário. As respostas foram unânimes. Os treinadores são da opinião de que os jogadores realizam sempre as situações descritas pelas questões correspondentes a esta dimensão (ver Anexo I).

Quadro 4 - Média, Desvio Padrão e Variância para o Ataque considerando as macroestruturas tempo, espaço e tarefa, grupo Treinadores.

Ataque/Tempo	Média	Desvio Padrão	Variância
Questão 4	5,00	0,00	0,00
Questão 10	5,00	0,00	0,00
Questão 16	5,00	0,00	0,00
Questão 22	5,00	0,00	0,00
Questão 28	5,00	0,00	0,00
Questão 34	5,00	0,00	0,00
Questão 40	**4,00**	1,41	**2,00**
Questão 46	5,00	0,00	0,00
Questão 52	4,50	0,71	0,50
Questão 58	5,00	0,00	0,00
Ataque/Espaço			
Questão 5	5,00	0,00	0,00
Questão 11	5,00	0,00	0,00
Questão 17	5,00	0,00	0,00
Questão 23	5,00	0,00	0,00
Questão 29	5,00	0,00	0,00
Questão 35	5,00	0,00	0,00
Questão 41	5,00	0,00	0,00
Questão 47	5,00	0,00	0,00
Questão 53	5,00	0,00	0,00
Questão 59	5,00	0,00	0,00
Ataque/Tarefa			
Questão 6	5,00	0,00	0,00
Questão 12	**4,00**	0,00	0,00
Questão 18	**4,00**	1,41	**2,00**
Questão 24	4,50	0,71	0,50
Questão 30	5,00	0,00	0,00
Questão 36	5,00	0,00	0,00
Questão 42	5,00	0,00	0,00
Questão 48	5,00	0,00	0,00
Questão 54	**4,00**	1,41	**2,00**
Questão 60	5,00	0,00	0,00

Finalmente, nas questões da dimensão ataque/tarefa (Quadro 4), os valores da média variam entre 4 e 5. As questões 12 (*No ataque participam todos os jogadores, logo que se conquista a posse da bola, através de uma mudança brusca de actividade mental (atitude)*), 18 (*A equipa, no processo ofensivo, utiliza como métodos de jogo, o contra-ataque (1ª alternativa) e o ataque rápido (2ª alternativa)*) e 54 (*O médio ala/extremo, desmarca-se para zonas do ponta-de-lança, de forma a desequilibrar a defesa*) apresentam a média mais baixa.

As questões 6 (*No ataque, na situação de 1x1 pretende-se criar vantagem sobre o defensor directo, aproximar-se da baliza e rematar com grandes probabilidades de sucesso*), 30 (*O jogador penetra sempre que as circunstâncias assim o permitam, evitando que o seu adversário directo o conduza para zonas menos importantes (menos perigosas)*), 36 (*O jogador executa constantemente acções de cobertura/apoio, de forma a tornar a tarefa do companheiro com bola o mais simples possível, criando um maior número de hipóteses para que o colega decida pelo comportamento técnico-táctico mais eficaz*), 42 (*Os médios centro, na fase ofensiva, apoiam constantemente a acção, tendo muitas vezes a função de organizadores de jogo*), 48 (*O médio centro evita utilizar acções de condução de bola quando é possível efectuar o passe para um companheiro melhor posicionado, utilizando, inclusivé, conforme as circunstâncias de jogo, passes longos por forma a isolar algum companheiro*) e 60 (*O ponta-de-lança domina a acção técnico-táctica de remate, em qualquer situação ou posição (pé e cabeça) sendo espontâneo, criativo e assume a responsabilidade de finalizar o ataque*) apresentam a média mais alta.

Nas questões 18 e 54 as respostas têm uma variação assinalável. Os treinadores têm opiniões mais desfasadas, em relação ao facto de: (1) a equipa, no processo ofensivo, utilizar como métodos de jogo o contra-ataque (1ª alternativa) e o ataque rápido (2ª alternativa); (2) o médio ala/extremo, desmarcar-se para zonas do ponta-de-lança, de forma a desequilibrar a defesa.

Nas questões 6, 30, 36, 42, 48 e 60 não existe qualquer variação e as respostas incidem todas no valor mais elevado da escala de resposta do questionário. As respostas

foram unânimes Os treinadores são da opinião de que os jogadores realizam sempre as situações descritas pelas questões correspondentes a esta dimensão (ver Anexo I).

3.5. ANÁLISE ESTATISTCA DESCRITIVA, POR DIMENSÃO, PARA O GRUPO DE ATLETAS E TREINADORES

Apresentamos de seguida a análise estatística descritiva (média, desvio padrão e variância) por dimensão, para ambos os grupos, atletas e treinadores (Quadro 5).

A análise por dimensão (Quadro 5) indica-nos, para o grupo atletas, que o valor médio das respostas varia entre 4,61 para a dimensão ataque/tarefa e 4,88 para a dimensão ataque/espaço.

Para o grupo de treinadores, o valor médio das respostas varia entre 4,65 para a dimensão ataque/tarefa e 5,0 para as dimensões defesa/tempo, defesa/espaço e ataque/espaço (Figura 3).

Quadro 5 - Média, Desvio Padrão e Variância de cada dimensão, Atletas e Treinadores.

	ATLETAS n = 22			TREINADORES n = 2		
	Média	Desvio Padrão	Variância	Média	Desvio Padrão	Variância
Dimensão Defesa/Tempo	4,69	0,88	0,77	**5,00**	0,00	0,00
Dimensão Defesa/Espaço	4,78	0,64	0,41	**5,00**	0,00	0,00
Dimensão Defesa/Tarefa	4,68	0,65	0,42	4,85	0,49	0,24
Dimensão Ataque/Tempo	4,81	0,52	0,27	4,85	0,49	0,24
Dimensão Ataque/Espaço	**4,88**	0,32	0,10	5,00	0,00	0,00
Dimensão Ataque/Tarefa	**4,61**	0,68	0,47	**4,65**	0,67	0,45

As dimensões que apresentam uma média de 5 (Defesa/tempo e defesa/espaço), indicam-nos que os treinadores foram unânimes nas suas respostas e que essas respostas incidem sempre no valor mais elevado da escala do questionário (Figura 3).

Podemos constatar pelo figura 3 que os treinadores apresentam sempre valores superiores aos atletas para todas as dimensões, o que revela que aqueles percepcionam que

os seus atletas realizam sempre ou quase sempre as regras de acção descritas no questionário, uma vez que as respostas apontam para os valores mais elevados da escala.

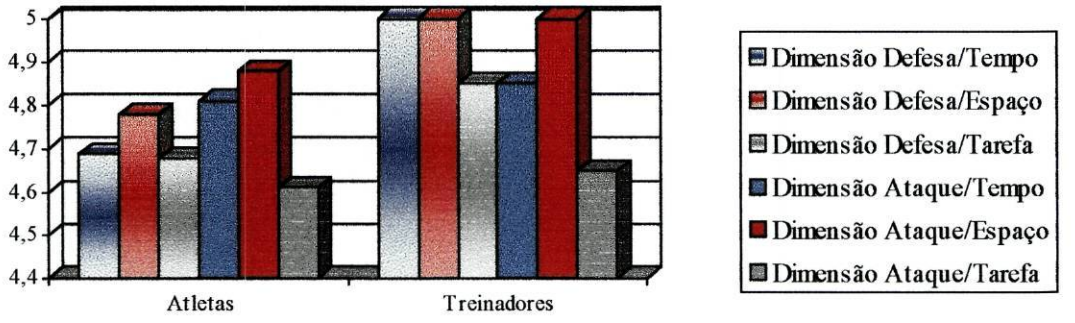

Figura 3 – Comparação dos valores da Média dos Treinadores e Atletas por Dimensão.

De seguida passamos a apresentar algumas ilações retiradas da comparação simples das médias das questões, entre os dois grupos, atletas e treinadores, para as seis dimensões do questionário.

3.6. Comparação entre os dois grupos, Atletas e Treinadores, para as seis Dimensões do Questionário

Quando comparamos as médias das respostas para cada dimensão, em ambos os grupos, na dimensão defesa/tempo constatamos que os dois grupos apresentam valores bastantes próximos, com a predominância dos valores baixos no grupo dos atletas à excepção dos valores da questão 7 (*O defesa, em situação de emergência, temporiza até que os companheiros restabeleçam um equilíbrio de forças*), em que a média dos atletas é bastante inferior à dos treinadores (Figura 4). Poderemos pensar que os treinadores desejam que em situação de emergência os defesas temporizem até que os colegas restabeleçam um equilíbrio de forças, mas na mesma situação os atletas entendem que os treinadores não querem que eles temporizem mas que resolvam a situação rapidamente, tendo os atletas a noção que nem sempre realizam essa acção, entrando assim em contradição com a vontade dos treinadores.

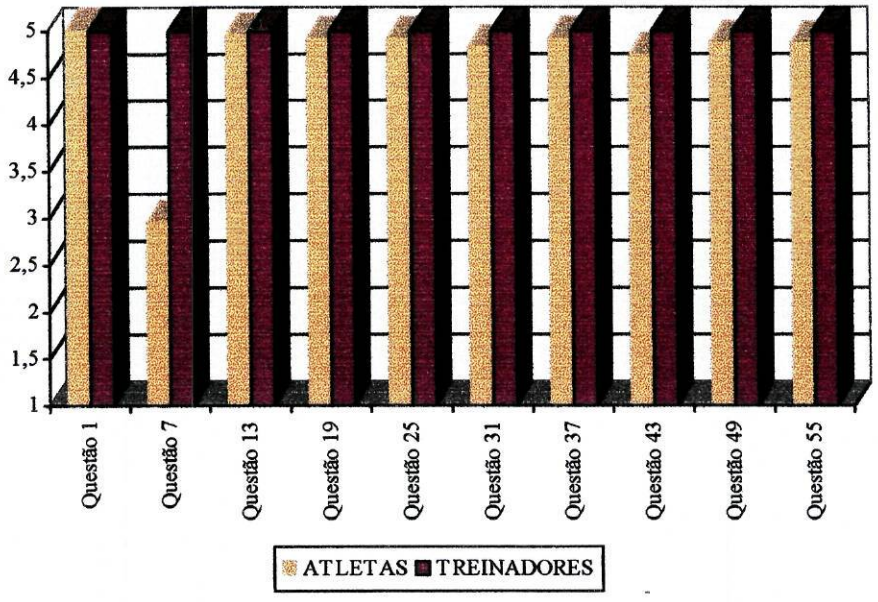

Figura 4 – Média para a Dimensão Defesa/Tempo, grupo Treinadores e Atletas.

Relativamente à comparação das médias dos dois grupos na dimensão defesa/espaço (Figura 5), os valores são muito próximos, mas mantém-se a tendência dos valores mais baixos pertencerem ao grupo dos atletas. Existe um certo receio por parte destes em afirmarem que a equipa realiza sempre as acções descritas no questionário. Por sua vez os treinadores afirmam que os seus atletas realizam sempre essas situações descritas no questionário.

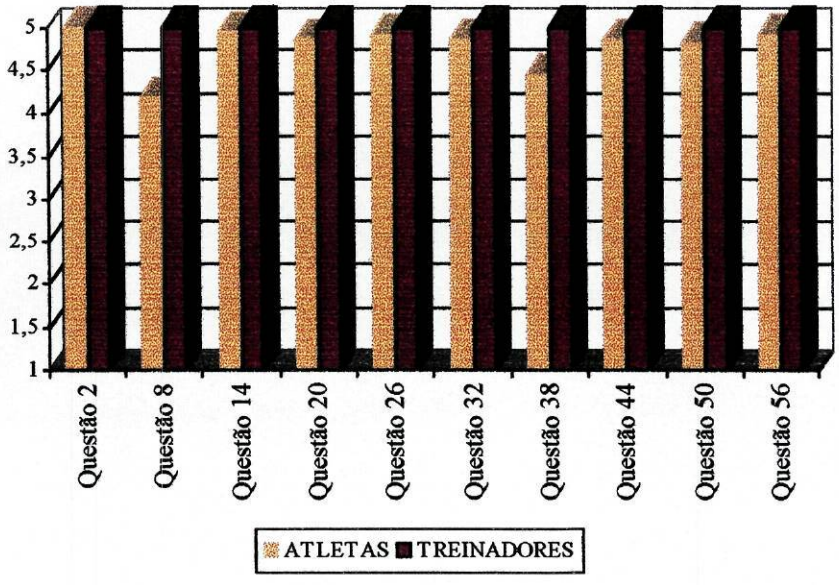

Figura 5 – Média para a Dimensão Defesa/Espaço, grupo Treinadores e Atletas.

Na dimensão defesa/tarefa (Figura 6), os valores da média mantêm a tendência das outras dimensões da defesa, treinadores com médias superiores aos jogadores. O dado curioso refere-se à questão 45 (*O médio centro, segundo as situações momentâneas de jogo, pode trocar as suas funções com o defesa central*), em que ambos os grupos de inquiridos apresentam um valor da média mais baixo, comparativamente às outras questões. Para além disso, esta questão apresenta um valor da média igual para os dois grupos.

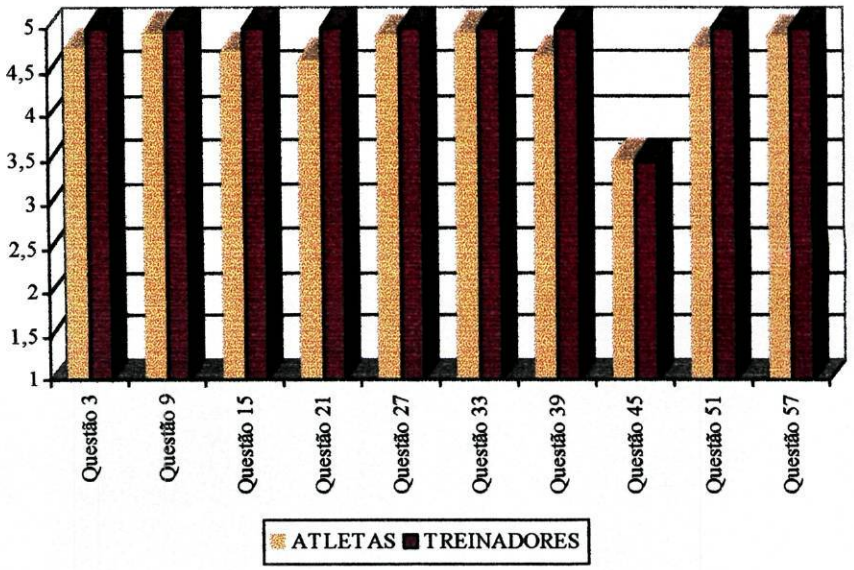

Figura 6 – Média para a Dimensão Defesa/Tarefa, grupo Treinadores e Atletas

Parece-nos evidente que tanto atletas como treinadores estão de acordo que o médio centro algumas vezes troca de funções com o defesa central, pois a média de resposta é de 3,5 para ambos os grupos.

Relativamente à dimensão ataque/tempo (Figura 7) os atletas revelam, novamente, médias inferiores às dos treinadores, à excepção das médias da questão 40 (*Para imprimir a máxima rapidez ao ataque, em todas as zonas do campo, os jogadores tentam surpreender a equipa adversária com ataques de duração breve, com a participação de um número reduzido de jogadores, a utilização de um número reduzido de passes, bem como a existência de poucas interrupções*) em que os atletas evidenciam uma média superior aos treinadores. Isto quer dizer que os atletas julgam que quase sempre efectuam ataques rápidos com poucos jogadores e poucos passes, por forma a imprimir mais rapidez ao

ataque e assim surpreender o adversário. Por sua vez, os treinadores julgam que isso nem sempre é realizado pelos jogadores.

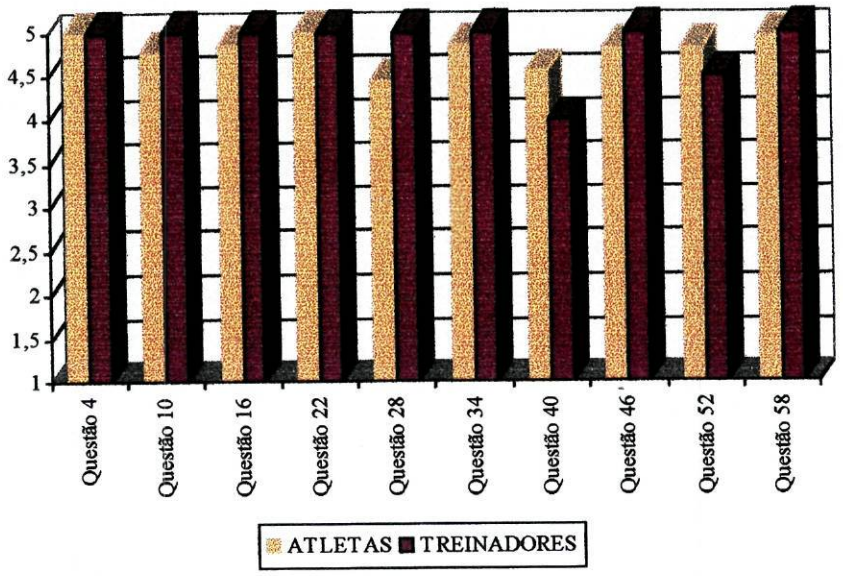

Figura 7 – Média para a Dimensão Ataque/Tempo, grupo Treinadores e Atletas

Quanto à figura 8, que diz respeito à comparação das médias dos dois grupos relativamente à dimensão ataque/espaço, novamente os treinadores apresentam médias mais altas para o conjunto das dez questões que compõem esta dimensão.

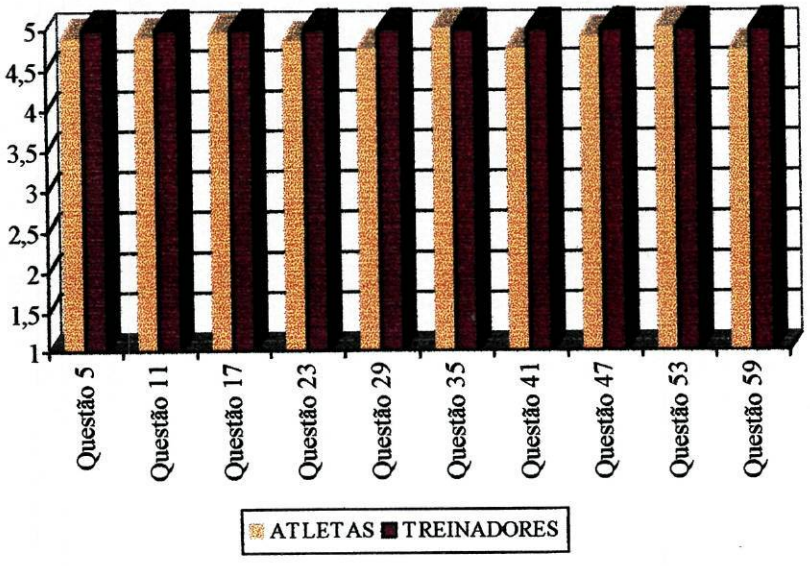

Figura 8 – Média para a Dimensão Ataque/Espaço, grupo de Treinadores e Atletas

Poderemos acrescentar que os treinadores afirmam que os atletas realizam sempre as acções descritas nesta dimensão (ataque/espaço), enquanto que alguns atletas têm uma opinião ligeiramente diferente, isto é, realizam quase sempre essas acções.

Por último, a comparação das médias dos dois grupos na dimensão ataque/tarefa (Figura 9). Mantém-se a tendência de os treinadores apresentarem médias superiores em relação aos atletas. Em duas questões os atletas apresentam uma média ligeiramente superior, mas é na questão 18 (*A equipa no processo ofensivo utiliza como métodos de jogo, o contra-ataque (1ª alternativa) e o ataque rápido (2ª alternativa)*) que os atletas apresentam uma superioridade mais evidente em relação aos treinadores.

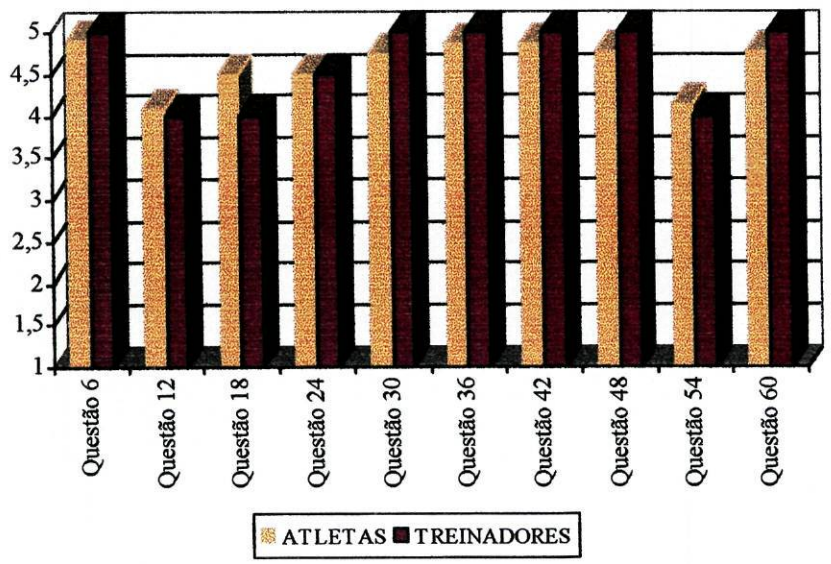

Figura 9 – Média para a Dimensão Ataque/Tarefa, grupo Treinadores e Atletas

A percepção que treinadores e jogadores têm relativamente aos momentos em que a equipa está em processo ofensivo e o tipo de método de jogo que a equipa utiliza não está em consonância. Os jogadores julgam ser quase sempre ou sempre o contra-ataque como primeira alternativa e os treinadores entendem que isso acontece algumas vezes, mas nem sempre.

Posteriormente, para compararmos a diferença dos valores das médias de cada dimensão para os dois grupos, atletas e treinadores, procedemos ao tratamento estatístico Teste Mann-Whitney (Quadro 6).

3.7. COMPARAÇÃO DAS RESPOSTAS DOS GRUPOS EM CADA DIMENSÃO DO QUESTIONÁRIO

Apresentamos no Quadro 6 os valores resultantes da comparação das respostas dos grupos em cada dimensão, tendo sido aplicado o Teste Não Paramétrico de Mann-Whitney.

Quadro 6 - Valor de **p** para as Dimensões em estudo.

	Valor de **p**	Mann-Whitney U
Defesa/Tempo	0,047 *	1830,000
Defesa/Espaço	0,059	1860,000
Defesa/Tarefa	0,190	1918,000
Ataque/Tempo	0,531	2083,500
Ataque/Espaço	0,104	1940,000
Ataque/Tarefa	0,711	2111,500

* - Estatisticamente significativo

É importante referir que quanto mais baixo é o valor de **p**, maior é a expressão estatística da diferença, nomeadamente quando o valor de **p** é inferior a 0.05.

A diferença da média de valores entre os grupos, atletas e treinadores, para a dimensão defesa/tempo, é suficiente para considerar a possibilidade de existirem diferenças devido à variabilidade da amostra. Existem diferenças estatisticamente significativas ($p = 0,047$), o valor de α foi estabelecido a 0.05, conforme se pode verificar pelo quadro 6 e figura 10.

A diferença da média de valores entre os grupos, atletas e treinadores, para a dimensão defesa/espaço, não é suficiente para excluir a possibilidade dessa diferença ser devida à variabilidade da amostra. Não existe uma diferença estatisticamente significativa ($p = 0,059$), conforme se pode verificar pelo quadro 6 e figura 10.

A diferença da média de valores entre os grupos, atletas e treinadores, para a dimensão defesa/tarefa, não é suficiente para excluir a possibilidade dessa diferença ser devida à variabilidade da amostra. Não existe uma diferença estatisticamente significativa ($p = 0,190$), conforme se pode verificar pelo quadro 6 e figura 10.

A diferença da média de valores entre os grupos, atletas e treinadores, para a dimensão ataque/tempo, não é suficiente para excluir a possibilidade dessa diferença ser devida à variabilidade da amostra. Não existe uma diferença estatisticamente significativa (p = 0,531), conforme se pode verificar pelo quadro 6 e figura 10.

A diferença da média de valores entre os grupos, atletas e treinadores, para a dimensão ataque/espaço, não é suficiente para excluir a possibilidade dessa diferença ser devida à variabilidade da amostra. Não existe uma diferença estatisticamente significativa (p = 0,104), conforme se pode verificar pelo quadro 6 e figura 10.

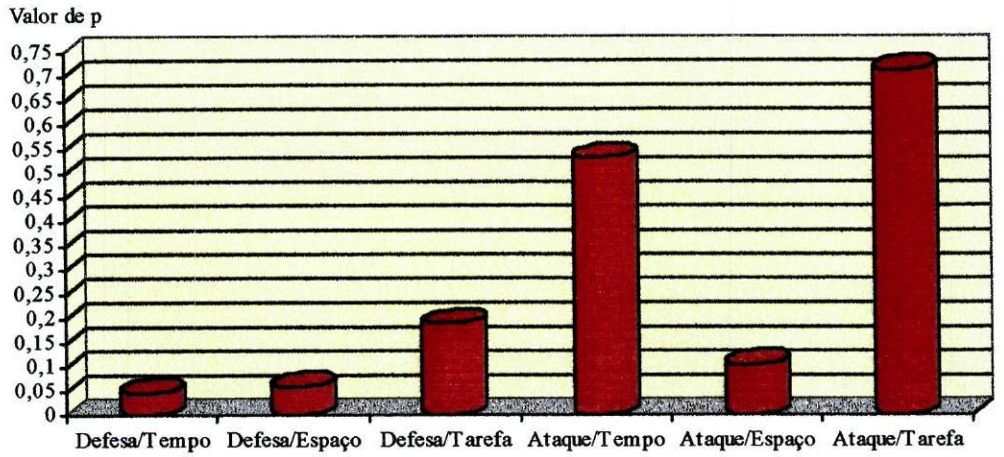

Figura 10 – Valor de **p** para as Dimensões consideradas no estudo.

A diferença da média de valores entre os grupos, atletas e treinadores, para a dimensão ataque/tarefa, não é suficiente para excluir a possibilidade dessa diferença ser devida à variabilidade da amostra. Não existe uma diferença estatisticamente significativa (p = 0,711), conforme se pode verificar pelo quadro 6 e figura 10.

O facto de não existirem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de testados (atletas e treinadores) em cinco das seis dimensões do questionário, significa que ambos os grupos expressam a mesma opinião quando confrontados com as questões do questionário, nessas cinco dimensões.

Poderemos entender esta concordância de duas formas distintas. A primeira, os atletas receando que as suas respostas possam chegar ao conhecimento dos treinadores, e

que não lhes agradem, optam por escolher quase sempre o valor cinco da escala de resposta, porque essa será a forma que mais se assemelha ao modelo de jogo de uma equipa "ideal", e desta forma refugiam-se e tentam agradar aos treinadores; a segunda, tem precisamente a ver com o facto de ambos os grupos estarem de acordo, isto é, comungam efectivamente das mesmas ideias, o que poderá ser motivado pelo facto de os treinadores terem bem implementado os seus modelos de jogo no seio da equipa. Obviamente poderemos, pela mesma analogia de ideias, considerar que os atletas têm perfeitamente bem assimilado os modelos de jogo pretendidos pelos treinadores.

Aquando da análise exploratória dos dados da estatística descritiva, já nos permitia verificar uma grande congruência entre as respostas dadas pelos atletas e pelos treinadores; ambos optam, invariavelmente, pelo mesmo valor da escala de resposta para a grande maioria das questões.

Poderemos ainda constatar, igualmente através da estatística descritiva, que na maioria das questões, tanto atletas como treinadores, são da opinião que as regras de acção descritas ao longo do questionário são sempre realizadas pela equipa em situação de competição. Isto é notório porque a maioria das opções escolhidas por ambos os grupos na escala de resposta do questionário é o valor cinco (Sempre), sendo mais evidente nas respostas dos treinadores.

Aquando da análise à estatística descritiva, já existia uma suspeita de que a dimensão defesa/tempo era onde existia uma maior discrepância entre algumas das respostas dadas pelos atletas e pelos treinadores. Essa nossa suspeita confirmou-se com o Teste de Mann-Whitney onde, efectivamente, existe uma diferença estatística significativa entre atletas e treinadores. Poderemos afirmar que quando a equipa está envolvida no processo defensivo, treinadores e atletas não estão em total acordo relativamente à estrutura tempo e à sua influência nas acções técnico-tácticas, quer individuais, quer colectivas, especialmente quando o defensor em situação de emergência, temporiza, até que os companheiros restabeleçam um equilíbrio de forças; neste ponto concreto, os atletas manifestam uma opinião bastante diferente da dos treinadores.

Grosso modo, poderemos afirmar que o modelo de jogo dos treinadores não estará completamente implantado no seio da equipa. As acções que os jogadores referem que realizam e a percepção que têm da frequência com que o fazem, não está totalmente de acordo com o que os treinadores referem que a sua equipa realiza e a frequência com que o fazem, especialmente no que se refere ao processo defensivo e à influência da estrutura tempo nas acções técnico-tácticas individuais e colectivas.

Em relação às outras dimensões também existem pequenas diferenças. Bastará, para o efeito, consultar as figuras 11 e 12 que apresentam as médias, questão a questão, entre treinadores e atletas. Mas estas não são suficientes para afirmarmos que estatisticamente existam diferenças, aliás como nos é comprovado pelo Teste de Mann-Whitney e a análise à figura 10, onde todas as dimensões apresentam valores de **p** superiores a 0.05, à excepção da dimensão defesa/tempo (p=0,047).

Nos figuras 11 e 12, pretendemos ilustrar o nível de identificação existente entre o modelo de jogo do treinador e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica individual e colectiva da equipa a partir das regras de acção ofensivas e defensivas que compõem o questionário.

Verificamos pela figura 11 que a média de respostas, na fase defensiva, dos treinadores e atletas é bastante similar. As médias dos atletas são ligeiramente mais baixas, mas muito próximas das dos treinadores. Existe um paralelismo nas curvas das médias à excepção das questões 7 e 8, que dizem respeito à dimensão defesa/tempo e defesa/espaço, respectivamente. Inclusivamente, a disparidade do valor das médias da questão sete contribui, eventualmente, para o facto de ser esta a única dimensão que apresenta uma diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos.

Constata-se, pela figura 11, essa proximidade entre as respostas, quando analisamos as médias da questão 45, que sofre uma queda, mas curiosamente acontece nos dois grupos. Ambos manifestam a mesma percepção relativamente ao facto do médio centro trocar de funções com o defesa central.

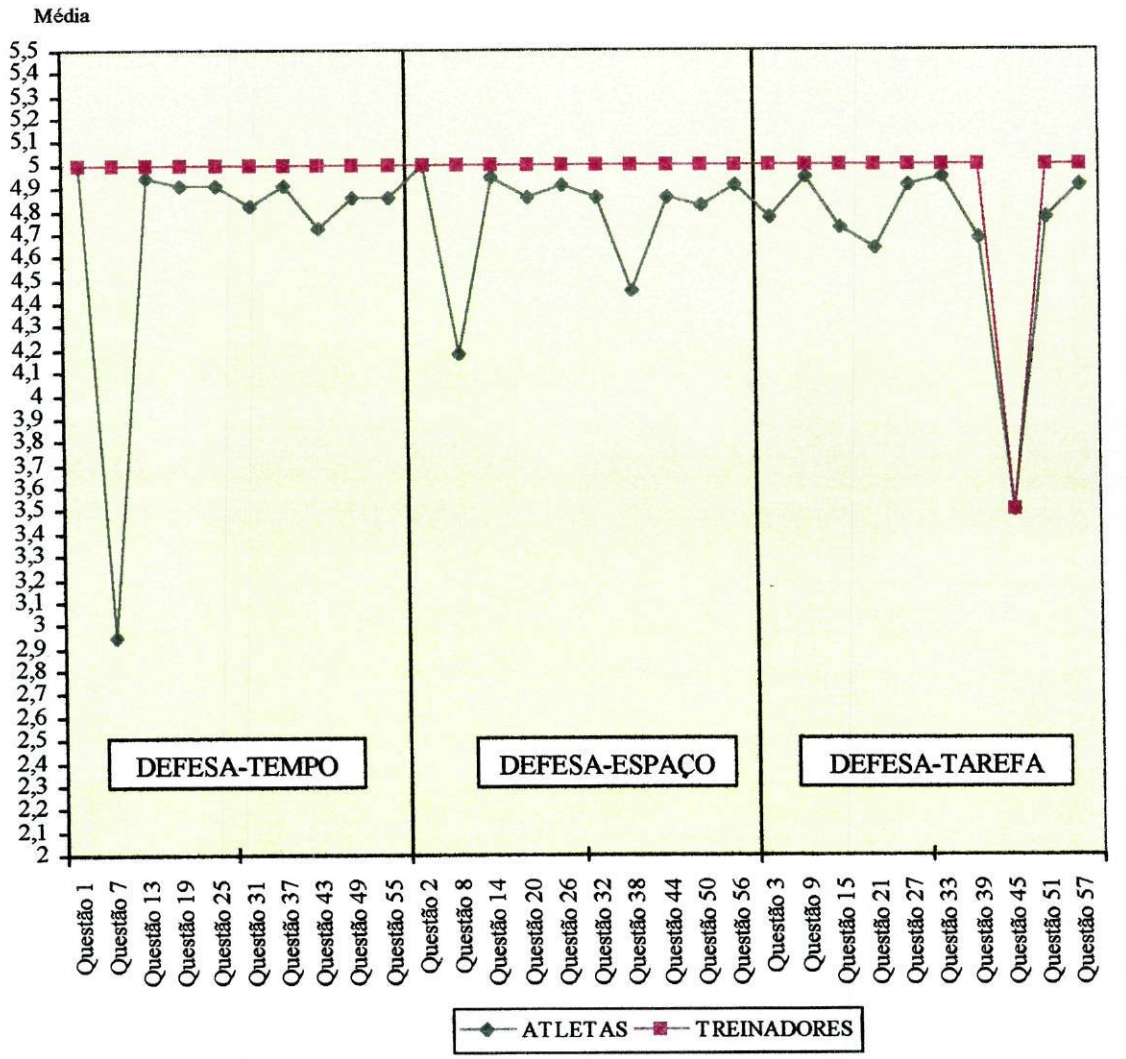

Figura 11 – Nível de identificação entre a concepção de jogo dos treinadores e a percepção dos atletas. Média das questões para as dimensões da defesa.

A figura 12 diz respeito à média das respostas para a fase ofensiva. Aqui, também podemos verificar uma média de respostas ligeiramente mais baixa para os atletas em relação aos treinadores, mas existe uma proximidade grande entre as médias dos dois grupos.

Na fase ofensiva, especialmente na dimensão ataque/tarefa, quando a média de um grupo desce a do outro acompanha essa descida. As duas linhas do gráfico têm um desenvolvimento bastante próximo, o que parece indicar grande sintonia entre a concepção dos treinadores e a percepção dos atletas em relação à prestação táctica da equipa no processo ofensivo.

A este propósito, em trabalhos semelhantes, outros autores chegaram a resultados similares aos nossos, nomeadamente Araújo (1998), que a partir da observação de 36 jogos de uma equipa pretendia verificar a congruência entre o modelo de contra-ataque do treinador e o futebol praticado pela equipa, no que respeitava a este método de jogo ofensivo. Perante os resultados, o autor verificou que de uma forma genérica a prestação táctica da equipa relativamente ao contra-ataque é congruente com o modelo do treinador, apesar de não existir congruência total entre a concepção do treinador e a expressão das respectivas variáveis observadas.

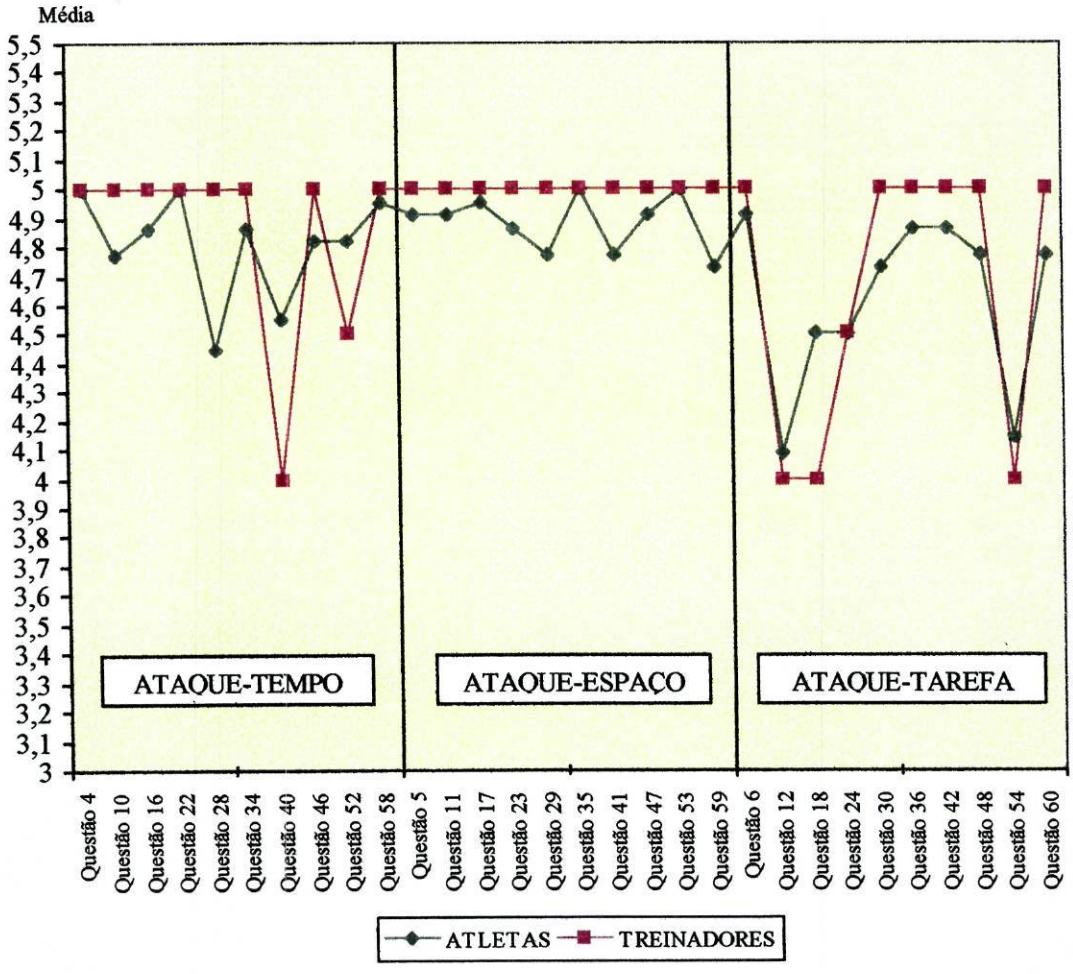

Figura 12 – Nível de identificação entre a concepção de jogo dos treinadores e a percepção dos atletas. Média das questões para as dimensões do ataque.

Num estudo que pretendia verificar a congruência entre o modelo de jogo do treinador, relativamente ao processo ofensivo, e a prestação táctica da equipa, que

disputava o campeonato nacional da primeira liga, Coelho (2000) verificou que de uma forma genérica a prestação táctica da equipa é congruente com o modelo do treinador, relativamente ao processo ofensivo, apesar de também existirem pequenas diferenças em relação a algumas variáveis.

Estes autores concluíram que a congruência entre a prestação táctica dos jogadores e o modelo dos treinadores não é total, isto é, existem pequenas diferenças. No nosso estudo, embora a estrutura seja ligeiramente diferente dos estudos destes autores, também encontramos pequenas diferenças entre concepção do treinador e a percepção dos jogadores, em relação à prestação táctica da equipa.

Poderemos igualmente especular que a divergência existente entre o modelo de jogo dos treinadores e a percepção dos jogadores em relação à prestação táctica da equipa se fica a dever ao facto de os jogadores pertencerem ao escalão de juniores A, à sua juventude, aliada ainda ao facto de se encontrarem em processo de formação desportiva e possivelmente por estarem a trabalhar à pouco tempo com o treinador, uma vez que alguns jogadores transitaram do escalão etário inferior. A acrescentar a estas situações é importante referir que o questionário foi apresentado aos jogadores numa altura inicial da época (Outubro), o que poderá contribuir para a discrepância entre treinadores e jogadores.

A este propósito, num trabalho realizado com a selecção nacional de futebol feminino, sobre a congruência entre o modelo de jogo do treinador e a prestação táctica da equipa, Silva (1998) refere, igualmente, que a dificuldade do treinador em implantar o modelo de jogo pode estar associada ao pouco tempo que este dispôs para implantar o mesmo.

Verificamos que em relação às 60 questões que compõem o questionário e que descrevem regras de acção individuais e colectivas, do ataque e da defesa, apresentam regra geral valores da média mais elevados para os treinadores. Isto poderá indicar que os

treinadores julgam que têm o modelo de jogo bem implementado na equipa, ou então como factor de protecção própria optam preferencialmente pelo valor cinco da escala de resposta julgando que ficam menos comprometidos.

Como é notório, encontramos algumas dificuldades em referenciar autores na discussão. Isto deve-se ao facto de existirem poucos estudos deste género na literatura. Por outro lado alguns autores descrevem estudos e resultados que dizem respeito ao modelo de jogo do treinador, mas preocupam-se em verificar se a equipa e os jogadores cumpre com o modelo estipulado pelo treinador. Essa verificação é efectuada na maioria das vezes através do recurso à observação dos jogos e a uma análise exaustiva das acções colectivas e individuais dos jogadores. Essas acções depois são comparadas com os pressupostos do modelo de jogo do treinador. Para além disto, a caracterização do modelo de jogo do treinador é efectuada, nestes trabalhos, através de entrevistas de resposta aberta, aos treinadores.

Com base nas regras de acção ofensivas e defensivas, apresentamos de seguida a concepção de Modelo de Jogo, preconizado pelos treinadores e, entre parentisis, apresentamos a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa, sempre que este diferir dos treinadores. Esta descrição é efectuada de acordo com as respostas de ambos ao questionário.

Os treinadores, em relação à fase defensiva e à macroestrutura tempo preconizam:

- que os jogadores limitam a iniciativa do adversário tentando recuperar, sempre, a posse da bola o mais rapidamente possível;
- que o defensor, em situação de emergência, temporiza sempre até que os companheiros restabeleçam um equilíbrio de forças (os jogadores referem em situação de emergência, temporizam algumas vezes, até que os companheiros restabeleçam um equilíbrio de forças);

- que os jogadores reagem sempre, rapidamente à situação de perda de bola e colocam-se entre a bola e a própria baliza;
- que a marcação individual ao adversário de posse de bola é feita sempre pelo jogador mais próximo, de forma a ganhar o tempo suficiente para a recuperação e organização do sistema defensivo;
- que os jogadores obrigam sempre o adversário a cometer erros, reduzindo-lhe o tempo para jogar;
- que o jogador retarda sempre o ataque do adversário, particularmente quando é o último defensor;
- que o defensor tem de ser sempre paciente e evitar arriscar o desarme, salvo quando existir a garantia de poder ficar de posse da bola;
- que o defensor quando marca o adversário de posse de bola compreende sempre, a sua responsabilidade pelo retardamento do processo ofensivo (temporização) e tenta ganhar o tempo suficiente para a recuperação e organização da sua defesa;
- que o médio ala/extremo, após a perda da bola, presta sempre ajuda ao seu companheiro defesa lateral o mais rapidamente possível;
- que o defesa central, após ter sido ultrapassado pelo adversário directo, retoma sempre o seu lugar no método defensivo, o mais rapidamente possível.

Relativamente à macroestrutura espaço, na fase defensiva, os treinadores preconizam:

- que todos os jogadores se preocupam, sempre, em fechar os espaços quando defendem;
- que os jogadores fecham sempre possíveis linhas de passe, fundamentalmente em profundidade (os jogadores referem que fecham quase sempre as possíveis linhas de passe);

- que os jogadores efectuam sempre oscilações, em função da bola, tendentes a reduzir espaços de penetração;
- que o jogador executa sempre e constantemente acções de cobertura transmitindo maior confiança e iniciativa ao companheiro que marca o adversário de posse de bola (contenção);
- que o médio ala/extremo desloca-se sempre para o centro do terreno e ajuda o médio centro nas tarefas defensivas, sempre que a bola esteja no corredor oposto ao seu;
- que o médio ala/extremo fecha sempre o seu corredor de jogo, prestando ajuda ao seu companheiro defesa lateral;
- que os jogadores encurtam sempre o espaço em termos de largura e profundidade;
- que a zona privilegiada para a recuperação da bola é sempre o último terço do ataque, recuperando a bola o mais perto possível da baliza adversária;
- que a concentração da defesa realiza-se sempre nos espaços mais perigosos para a baliza, nas zonas de remate, que antecedem a grande área, não esquecendo as possíveis lateralizações;
- que é importante que a perda de bola ocorra sempre no meio-campo ofensivo, em zonas próximas da baliza adversária.

Por último, na fase defensiva e em relação à macroestrutura tempo, os treinadores preconizam:

- que a defesa exerce sempre, maior ou menor pressão sobre o portador da bola de acordo com o momento e a zona do campo em que se processa o ataque adversário;
- que a defesa executa sempre um apoio permanente ao defesa directamente envolvido na marcação ao portador da bola (cobertura defensiva);

- que os jogadores em processo defensivo, momentaneamente criam sempre, superioridade numérica nas zonas de disputa da bola;
- que o jogador marca sempre individualmente o adversário de posse da bola, ou o adversário que possa dar continuidade imediata ao ataque;
- que o jogador recupera sempre defensivamente, para ocupar as suas funções na defesa, este deslocamento caracteriza-se pela marcação pressionante sobre os adversários que possam dar continuidade imediata ao ataque;
- que o defensor lateral desloca-se sempre para a zona central e marca o espaço nas costas dos seus defesas centrais sempre que a bola esteja do lado contrário ao seu corredor de jogo;
- que o defensor lateral marca sempre pressionantemente o adversário que evolua na sua zona, obrigando-o a orientar os seus comportamentos técnico-tácticos para a linha lateral;
- que o médio centro, segundo as situações momentâneas de jogo algumas vezes, pode trocar as suas funções com o defesa central;
- que os defesas marcam sempre tanto mais agressivamente quanto mais o adversário se aproxima da baliza;
- que o defesa central marca sempre de forma activa e vigorosa o jogador adversário mais adiantado, não lhe dando nem tempo nem espaço para que este possa executar as suas acções técnico-tácticas.

Em relação à fase ofensiva e à macroestrutura tempo, os treinadores preconizam:

- que os atacantes fazem sempre rapidamente a transição defesa/ataque e sempre com apoio significativo;
- que a capacidade que a equipa manifesta sempre para acelerar o ataque é decisiva para o resultado da partida;

- que os médios alas/extremos criam, sempre, situações iminentemente de finalização utilizando a sua velocidade de condução de bola e a sua capacidade de drible (velocidade de execução);
- que as acções que procuram a libertação de marcação e a procura de espaços livres iniciam-se sempre e instantaneamente, após a recuperação da posse de bola;
- que uma das regras que a equipa manifesta para melhorar a acção ofensiva é variar sempre o ritmo de jogo;
- que o médio centro, quando é possível, joga sempre ao primeiro toque aumentando deste modo a velocidade de circulação da bola e ao mesmo tempo desloca-se para a poder receber de novo;
- que para imprimir a máxima rapidez ao ataque, em todas as zonas do campo, os jogadores, quase sempre, tentam surpreender a equipa adversária com ataques de duração breve, com a participação de um número reduzido de jogadores, a utilização de um número reduzido de passes, bem como a existência de poucas interrupções;
- que a arma essencial no ataque, são sempre os deslocamentos a grande velocidade, sobretudo do ponto de vista colectivo, para atingir a baliza adversária com o mínimo de passes e o mais rapidamente possível;
- que após a recuperação da posse da bola, o jogador muda sempre de uma atitude defensiva para uma atitude ofensiva, baseada em rápidas movimentações para que o adversário não tenha o tempo necessário para organizar convenientemente as suas acções defensivas, quer individual quer colectivamente;
- que o médio centro tem uma função extremamente importante na distribuição do jogo ofensivo, na circulação rápida da bola entre os vários corredores, procurando

sempre o desequilíbrio do método de jogo defensivo adversário e na finalização do ataque.

Ainda na fase ofensiva mas em relação à macroestrutura espaço, os treinadores preconizam:

- que a equipa ataca sempre compactamente, isto é, com uma distância curta entre os sectores;
- que os jogadores abrem sempre linhas de passe para ganhar espaços e superioridade na posição de abordagem à baliza adversária e ao golo;
- que todos os elementos da equipa se preocupam sempre em criar espaços aquando da posse de bola;
- que o jogador afasta-se ou aproxima-se sempre do companheiro de posse de bola para criar espaços que possam ser imediatamente ocupados e explorados pelos seus companheiros, com ou sem posse da bola;
- que o jogador utiliza sempre todo o espaço de jogo - largura e profundidade, na procura permanente de criação e exploração de espaços livres nas zonas vitais do campo, sempre com vista à instabilidade da equipa adversária e à criação de situações de finalização eficazes;
- que o defensor lateral, após a recuperação da posse da bola pela sua equipa, desloca-se sempre para a linha lateral, abre uma linha de passe (cria espaço) especialmente quando o seu guarda-redes tiver a bola;
- que o defensor lateral apoia sempre o ataque através da utilização do seu corredor de jogo, saindo de trás, desequilibrando e criando situações de superioridade numérica ou explorando os espaços livres;

- que o médio ala/extremo, com a sua mobilidade constante, procura sempre encontrar espaços livres ou arrastar consigo um ou mais defesas para que os outros companheiros possam explorar o espaço por ele criado;
- que o ponta-de-lança é o jogador que se posiciona sempre mais perto da baliza adversária, dando, assim, profundidade ao processo ofensivo da sua equipa;
- que os laterais devem apoiar sempre o ataque através de deslocamentos ofensivos de ruptura, de trás para a frente da linha da bola, procurando criar situações de superioridade numérica ou explorar os espaços livres nas "costas" dos defesas adversários.

Finalmente, em relação à macroestrutura tarefa na fase ofensiva, os treinadores preconizam:

- que no ataque, na situação de 1x1 pretende-se sempre criar vantagem sobre o defensor directo, aproximar-se da baliza e rematar com grandes probabilidades de sucesso;
- que no ataque participam, quase sempre, todos os jogadores, logo que se conquista a posse da bola, através de uma mudança brusca de actividade mental;
- que a equipa no processo ofensivo utiliza quase sempre como métodos de jogo o contra-ataque (1ª alternativa) e o ataque rápido (2ª alternativa);
- que os jogadores no processo ofensivo efectuam, sempre ou quase sempre, desmarcações de apoio e ruptura com passes curtos;
- que o jogador penetra sempre que as circunstâncias lho permitam, evitando que o seu adversário directo o conduza para zonas menos perigosas;
- que o jogador executa sempre acções de cobertura/apoio, de forma a tornar a tarefa do companheiro com bola o mais simples possível, criando um maior

número de hipóteses para que o colega decida pelo comportamento técnico-táctico mais eficaz;

- que os médios centro, na fase ofensiva, apoiam sempre a acção, tendo muitas vezes a função de organizadores de jogo;
- que o médio centro evita sempre utilizar acções de condução de bola quando é possível efectuar o passe para um companheiro melhor posicionado, utilizando inclusivé, conforme as circunstâncias de jogo, passes longos por forma a isolar algum companheiro;
- que o médio ala/extremo desmarca-se quase sempre para zonas do ponta-de-lança, de forma a desequilibrar a defesa;
- que o ponta-de-lança domina sempre a acção técnico-táctica de remate, em qualquer situação ou posição (pé e cabeça) sendo sempre espontâneo e criativo e assume sempre a responsabilidade de finalizar o ataque.

3.8. ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ATLETAS, EM CADA DIMENSÃO DO QUESTIONÁRIO, EM FUNÇÃO DO ESTATUTO POSICIONAL.

Apresentamos a média e o desvio padrão, para as seis dimensões consideradas no estudo, referentes às respostas dos atletas de acordo com o seu estatuto posicional.

O estatuto posicional dos atleta foi considerado a partir da posição que ocupam dentro do campo, foram considerados seis grupos diferentes, guarda-redes, defesas laterais, defesas centrais, médios centro, médios alas/extremos e pontas de lança

A partir da análise do quadro 7, constatamos que a média, na dimensão defesa/tempo varia entre 4,58 e 4,78. Para a dimensão defesa/espaço a média varia entre 4,66 e 4,97. Na dimensão defesa/tarefa a média varia entre 4,55 e 4,80.

Quadro 7 – Média e Desvio Padrão das respostas dos Atletas em função do Estatuto Posicional, considerando as Dimensões da Defesa.

Defesa/Tempo	Média	Desvio Padrão
Guarda Redes	4,75	0,44
Defesa Lateral	4,70	0,84
Defesa Central	**4,58**	1,01
Médio Centro	4,70	1,02
Médio Ala/Extremo	**4,78**	0,70
Ponta-de-lança	4,70	1,02
Defesa/Espaço		
Guarda Redes	4,70	0,47
Defesa Lateral	4,86	0,35
Defesa Central	**4,66**	0,87
Médio Centro	**4,97**	0,18
Médio Ala/Extremo	4,80	0,72
Ponta-de-lança	4,70	0,79
Defesa/Tarefa		
Guarda Redes	**4,55**	0,69
Defesa Lateral	4,68	0,65
Defesa Central	4,66	0,66
Médio Centro	4,73	0,74
Médio Ala/Extremo	4,65	0,70
Ponta-de-lança	**4,80**	0,41

Podemos referir que nas dimensões da defesa, a diferença das médias entre os diferentes grupos estatutários é efectivamente reduzida. Isto permite-nos afirmar que os jogadores consoante os diferentes lugares que ocupam dentro do campo, não têm percepções demasiadamente dispares uns dos outros.

A única nota digna de registo é que nas três dimensões defensivas, as médias mais baixas dizem respeito aos grupos de jogadores que ocupam posições defensivas, nomeadamente defesas centrais e guarda-redes (Quadro 7) e as médias mais altas dizem respeito a jogadores que ocupam posições mais ofensivas.

Relativamente ás dimensões ofensivas (Quadro 8) as médias variam entre 4,68 e 4,88 na dimensão ataque/tempo. Na dimensão ataque/espaço a média varia entre 4,68 e 4,88. Na dimensão ataque/espaço a média varia entre 4,43 e 4,75.

Quadro 8 – Média e Desvio Padrão das respostas dos Atletas em função do Estatuto Posicional, considerando as Dimensões do Ataque.

Ataque/Tempo	Média	Desvio Padrão
Guarda Redes	4,85	0,37
Defesa Lateral	4,80	0,40
Defesa Central	4,88	0,33
Médio Centro	4,87	0,35
Médio Ala/Extremo	4,68	0,76
Ponta-de-lança	4,80	0,76
Ataque/Espaço		
Guarda Redes	4,75	0,44
Defesa Lateral	4,82	0,39
Defesa Central	4,88	0,33
Médio Centro	4,97	0,18
Médio Ala/Extremo	4,90	0,30
Ponta-de-lança	4,97	0,80
Ataque/Espaço		
Guarda Redes	4,75	0,44
Defesa Lateral	4,70	0,61
Defesa Central	4,58	0,61
Médio Centro	4,63	0,61
Médio Ala/Extremo	4,43	0,87
Ponta-de-lança	4,67	0,80

Comparativamente às dimensões defensivas, nas ofensivas as médias mais baixas dizem respeito aos grupos de jogadores que ocupam posições ofensivas, à excepção da dimensão ataque/espaço em que são os guarda-redes que apresentam a média mais baixa.

Em jeito de conclusão podemos afirmar que as diferenças das médias em ambas as dimensões ofensivas e defensivas, são insuficientes para suspeitarmos que efectivamente o estatuto posicional poderá proporcionar uma percepção diferente aos atletas acerca da sua prestação táctica.

Finalizada a apresentação e discussão dos resultados, apresentamos seguidamente as principais conclusões a que chegamos no presente estudo.

CONCLUSÕES

IV - Conclusões

No presente estudo efectuámos uma comparação entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores relativamente à prestação táctica, individual e colectiva, tendo por base as regras de acção ofensivas e defensivas.

Esta comparação efectuou-se a partir de seis dimensões. Considerando as dimensões em estudo e comparando-as entre o grupo de atletas e treinadores, concluímos:

- Em relação à dimensão defesa/tempo, existem diferenças estatisticamente significativas, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa. Por conseguinte, confirmamos a alínea A) da hipótese nula;
- Em relação à dimensão defesa/espaço, não existem diferenças estatisticamente significativas, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa. Não confirmamos a alínea B) da hipótese nula;
- Em relação à dimensão defesa/tarefa, não existem diferenças estatisticamente significativas, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa. Não confirmamos a alínea C) da hipótese nula;
- Em relação á dimensão ataque/tempo, não existem diferenças estatisticamente significativas, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa. Não confirmamos a alínea D) da hipótese nula;

- Em relação à dimensão ataque/espaço, não existem diferenças estatisticamente significativas, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa. Não confirmamos a alínea E) da hipótese nula;
- Em relação à dimensão ataque/tarefa, não existem diferenças estatisticamente significativas, entre a concepção dos treinadores e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica da equipa. Não confirmamos a alínea F) da hipótese nula.

Verifica-se que, à excepção da dimensão defesa/tempo, nas restantes há concordância entre atletas e treinadores relativamente às acções colectivas e individuais que são desempenhadas pelos jogadores.

Concluímos, também, que a questão 7, (*O defesa em situação de emergência, temporiza até que os companheiros restabeleçam um equilíbrio de forças*), é a que apresenta uma maior disparidade entre as respostas dos treinadores e dos atletas.

A concepção do treinador e a percepção dos jogadores em relação à prestação táctica da equipa é bastante próxima, embora nalgumas das regras de acção consideradas neste estudo existam pequenas divergências, o que vai de encontro a estudos similares realizados nesta temática.

SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS

V – Sugestões para Futuros Estudos

Os resultados das análises e observações sistemáticas dos jogos e competições são apresentados aos treinadores de uma forma muito complexa, com excesso de informação. Outras vezes nem lhes chegam ao conhecimento, o que leva a que os treinadores não dêem o devido valor a este tipo de investigação, surgindo um corte entre o investigador e o treinador.

Actualmente, assistimos a uma, cada vez mais, estreita relação entre o trabalho de laboratório e as necessidades que os treinadores sentem para resolverem os problemas que surgem durante o processo de treino e na própria competição.

Ao longo da elaboração do presente trabalho surgiram-nos algumas dúvidas que, por limitações temporais e organizacionais, não conseguimos esclarecer. Desta forma, abriram-se-nos novas perspectivas que nos permitem propor, para a realização de futuros trabalhos de investigação, os seguintes aspectos:

- Comparar o modelo de jogo do treinador e o modelo de jogo dos jogadores, em equipas de diferentes escalões competitivos.
- Comparar a congruência existente entre os modelos de jogo do treinador e dos jogadores, entre equipas que lutam pelo título no Campeonato da I liga e as equipas que lutam pela permanência na I liga.
- Efectuar a caracterização do modelo de jogo do treinador e comparar com o modelo de treino adoptado por ele.
- Passar o questionário a uma amostra mais numerosa.

BIBLIOGRAFIA

VI - Bibliografia

AMORIM, J. J. (1982): Reflexões Sobre a Relação Treinador-Futebolistas Jovens. *Futebol em Revista*, 3ª série, Nº 11, pp. 7-9.

ARAÚJO, A. (1998): Congruência entre o Modelo de Jogo do Treinador e o Futebol Praticado pela Equipa - O Contra-ataque. Um Estudo de Caso em Futebol de Alto Rendimento. *Dissertação de Mestrado.* FCDEF. Universidade do Porto.

ARAÚJO, J. (1995): Ser Treinador. *Revista Horizonte*, Nº 70, pp. 139-143.

BATE, R. (1988): Football Chance: Tactics and Strategy. In *Procedings of the First World Congress of Science and Football.* pp. 293-301. Liverpool, 1987 T. Reilly, A. Lees, K. Davis & W. J. Murphy (Eds). E. & F. N. Spon. London.

BOMPA, T. (1990): *Theory and Methodology of Training.* Kendal/Hunt Publishing Company. USA.

BEZERRA, P. (1995): Análise do Comportamento Motor do Jogador com Bola no Futebol: Estudo de uma Equipa de Alto Rendimento no Mundial de Sub-20. *Dissertação de Mestrado.* FCDEF. Universidade do Porto.

BEZERRA, P. (1996): Jogador em Posse de Bola. Caracterização das Acções Desenvolvidas por uma Equipa de Alto Rendimento. *Revista Horizonte*, Nº 72 , Dossier, pp. I - VIII.

CASTELO, J. (1986): A Marcação em Futebol. *Revista Ludens*, Vol. X, Nº 2, pp. 12-27.

CASTELO, J. (1994): *Futebol - Modelo Técnico-Táctico do Jogo. Identificação e Caracterização das Grandes Tendências Evolutivas das Equipas de Rendimento Superior.* Edições FMH. Universidade Técnica de Lisboa.

CASTELO, J. (1996): *Futebol - A Organização do Jogo.* Edição do Autor

CASTELO, J. (1998): O Planeamento do Treino Desportivo. In *Metodologia do Treino Desportivo*, 1998. J. Castelo et col. pp. 439-647, Edições FMH. Universidade Técnica de Lisboa.

COELHO, F. (2000): Níveis de Identificação entre o Modelo de Jogo do Treinador e a Prestação Táctica da Equipa. Estudo do Processo Ofensivo numa Equipa de Futebol da primeira Divisão Nacional. *Dissertação de Mestrado*. Secção Autónoma de Educação Física e Desporto. Universidade da Madeira.

CUNHA, A. J. F.F. (1986): Os Princípios Específicos do Ataque. *Relatório de Aula Apresentado Visando a Realização das Provas de Aptidão Pedagógica*. FMH. Universidade Técnica de Lisboa.

DUFOUR, W. (1983): Processos de Objectivação do Comportamento Motor. A Observação em Futebol. *Futebol em Revista*, 4ª série, Nº 1, pp. 39-46.

FARIA, R. & TAVARES, F. (1996): O Comportamento Estratégico: Acerca da Autonomia de Decisão nos Jogadores de Desportos Colectivos. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds) *Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos*, pp. 33-38. CEJD, FCDEF. Universidade do Porto.

FERREIRA, A. P. (1994): O Comportamento do Treinador no Treino e na Competição. *Revista Horizonte*, Nº 62, pp. 61-65.

FRANKS, I. M. & MCGARRY, T. (1996): The Science of Match Analysis. In Reilly, T. (Eds) *Science and Soccer*. pp. 363-375. E & FN Spon, London.

GARGANTA, J. (1991): Planeamento e Periodização do Treino - Futebol. *Revista Horizonte*, Nº 42, pp. 196-200.

GARGANTA, J. (1996): Modelação da Dimensão Táctica do Jogo de Futebol. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds) *Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos*, pp. 63-82. CEJD, FCDEF. Universidade do Porto.

GARGANTA, J. (1997): Modelação Táctica do Jogo de Futebol - Estudo da Organização da Fase Ofensiva em Equipas de Alto Rendimento. *Tese de Doutoramento*. FCDEF. Universidade do Porto.

GARGANTA, J. (1998): Analisar o Jogo nos Desportos Colectivos. *Revista Horizonte*, Nº 83, pp. 7-14.

GARGANTA, J. (1999): A importância da Forma de Jogo 1x1 na Formação do Futebolista. *Revista Horizonte*, Nº 90, pp. 15-17.

GARGANTA, J. & OLIVEIRA, J. (1996): Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds) *Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos*, pp. 7-23. CEJD, FCDEF. Universidade do Porto.

GARGANTA, J. & PINTO, J. (1998): O Ensino do Futebol. In A. Graça & J. Oliveira (Eds) (3ª Edição) *O Ensino dos Jogos Desportivos*, pp. 95-136. CEJD, FCDEF. Universidade do Porto.

GERISCH, G. & REICHELT, M. (1993): Computer and Video Aided Analysis of Football Games. In *Procedings of the Second World Congress of Science and Football*. pp. 167-173. Eindhoven, 1991 T. Reilly, J. Clarys & A. Stibbe (Eds). E. & F. N. Spon. London.

GOWAN, G. R. (1982): A Análise do Jogo. *Futebol em Revista*, 3ª série, Nº 11, pp. 35-40.

HARRIS, S. & REILLY, T. (1988): Space Teamwork and Attacking Sucess in Soccer. In *Procedings of the First World Congress of Science and Football*. pp. 322-328. Liverpool, 1987 T. Reilly, A. Lees, K. Davis & W. J. Murphy (Eds). E. & F. N. Spon. London.

HASLER, H. (1981): As Tarefas do Treinador de Futebol. *Futebol em Revista*, 3ª série, Nº 5, pp. 23-28.

HESS, H. (1981): O Futebol e a Psicologia. O Papel do Treinador. *Futebol em Revista*, 3ª série, Nº 2, pp. 9-13.

KACANI, L. (1984): Preparação Técnico-Táctica do Futebolista Segundo a sua Posição no Campo. *Futebol em Revista*, 4ª série, Nº 8, pp. 33-40.

LANGLADE, A. (SD): O Treinador. *Futebol em Revista*, 1ª série, Nº 4, pp. 29-36.

LAUNDER, A. & PILTZ, W. (1999): Como Dirigir a Equipa Durante as Competições. *Revista Treino Desportivo*, Edição CEFD, 3ª série, Nº 7, pp. 24-29.

LIMA, T. (1993): Como é que o Treinador se prepara para a Competição. *Revista Horizonte*, Nº 53, pp. 183-186.

NUNES, M. M. (1995): A Formação e o Treinador de Futebol. *Revista Horizonte*, Nº 68, pp. 75-78.

NUNES, M. M. (1998): Observação e Análise do Comportamento do Treinador em Futebol. *Revista Horizonte*, Nº 85, pp. 31-39.

PALMEIRA, A. (1999): Vitórias e Derrotas. Intervenção do Treinador. *Revista Treino Desportivo*, Edição CEFD, 3ª série, Nº 7, pp. 2-9.

PINTO, J. (1996): A Táctica no Futebol: Abordagem Conceptual e Implicações na Formação. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds) *Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos*, pp. 51-62. CEJD, FCDEF. Universidade do Porto.

PINTO, J. & GARGANTA, J. (1989): Futebol Português - Importância do Modelo de Jogo no seu Desenvolvimento. *Revista Horizonte*, Nº 33, pp. 94-98.

PINTO, J. & GARGANTA, J. (1996): Contributo da Modelação da Competição e do Treino para a Evolução do Nível do Jogo no Futebol. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds) *Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos*, pp. 83-94. CEJD, FCDEF. Universidade do Porto.

QUEIROZ, C. (1983a): Para uma teoria do Ensino/Treino do Futebol. *Futebol em Revista*, 4ª série, Nº 1, pp. 47-49.

QUEIROZ, C. (1983b): Para uma teoria do Ensino/Treino do Futebol. Análise Sistemática do Jogo. *Futebol em Revista*, 4ª série, Nº 2, pp. 15-31.

QUEIROZ, C. (1983c): Para uma teoria do Ensino/Treino do Futebol. Os Factores: Desmarcações, Combinações, Marcações. *Futebol em Revista*, 4ª série, Nº 3, pp. 35-40.

QUEIROZ, C. (1983d): Para uma teoria do Ensino/Treino do Futebol. *Futebol em Revista*, 4ª série, Nº 4, pp. 25-33.

QUEIROZ, C. (1986): *Estrutura e Organização dos Exercícios de Treino em Futebol.* Federação Portuguesa de Futebol. Lisboa.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT (1998): *Manual de Investigação em Ciências Sociais.* (2ª Edição). Gradiva-Publicações. Lisboa.

SARMENTO, P. (1992): Pedagogia do Desporto. Aspectos da Formação do Treinador. *Revista Horizonte*, Nº 50, pp. 67-70.

SILVA, A. M. S. (1998): Congruência entre o Modelo de Jogo do Treinador e a Prestação Táctica de uma Equipa de Futebol. *Dissertação de Mestrado.* FCDEF. Universidade do Porto.

TAVARES, F. (1996): Bases Teóricas da Componente Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds) *Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos*, pp. 25-32. CEJD, FCDEF. Universidade do Porto.

TAVARES, F. & FARIA, R. (1996): A Capacidade de Jogo como Pré-requisito do Rendimento para o Jogo. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds) *Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos*, pp. 39-50. CEJD, FCDEF. Universidade do Porto.

TEODORESCU, L. (1984): *Problemas da Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos.* Colecção Horizonte de Cultura Física. Livros Horizonte. Lisboa.

TEODORESCU, L. (1987): Orientações e Tendências da Teoria e Metodologia de Treino nos Jogos Desportivos. *Futebol em Revista*, 4ª série, Nº 23, pp. 37-45.

THIESS, G. (1995): La Necessitá di una Teoria della Gara. *Revista di Cultura Sportiva,* Anno XIII, Nº 30, pp. 53-58.

TUTKO, T. & OGILVIE, B. (1981): O Treinador e a sua Personalidade. *Futebol em Revista*, 3ª série, Nº 4, pp. 7-12.

VIANELLO, R. (1986): Aspectos Psicológicos na Condução de uma Equipa Profissional de Futebol. *Futebol em Revista*, 4ª série, Nº 19, pp. 5-10.

VINGADA, N. (2000): Processo de Treino/Modelo de Jogo. *Comunicação Apresentada no Segundo Colóquio "O Treinador de Futebol"*. Escola Superior de Desporto de Rio Maior. Instituto Politécnico de Santarém.

ANEXOS

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Questionário de Caracterização da Percepção do Modelo Táctico de Prestação no Jogo de Futebol

Tendo em vista a elaboração de uma Tese de Mestrado em treino de Alto Rendimento Desportivo, solicitamos a sua colaboração para o preenchimento deste questionário.

Apresenta-se, em seguida, um conjunto de regras de acção relacionadas com o jogo de futebol. As regras de acção descrevem algumas situações que ocorrem durante o jogo de futebol.

O que pretendemos é que indique a frequência com que a equipa/jogador realiza essas situações, ou seja, pretendemos que exprima a sua opinião relativamente ao que pensa que a equipa/jogadores fazem, efectivamente, durante o jogo e não o que pensa que deveriam fazer.

À frente de cada uma das afirmações, coloque um círculo em volta do número que corresponda, na sua opinião, à frequência com que ocorrem essas situações. As opções são as seguintes: 1 - Nunca; 2 - Raramente; 3 - Algumas Vezes; 4 - Quase Sempre; 5 - Sempre.

Não há respostas certas ou erradas, apenas solicitamos às pessoas que exprimam os seus diferentes pontos de vista de acordo com as suas experiências.

Este questionário é anónimo.

O nosso agradecimento pela sua colaboração.

		Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Quase Sempre	Sempre
1	Os jogadores limitam a iniciativa do adversário, tentando recuperar a posse da bola o mais rapidamente possível	1	2	3	4	5
2	Todos os jogadores se preocupam em fechar os espaços quando defendem.	1	2	3	4	5
3	A defesa exerce, maior ou menor, pressão sobre o portador da bola de acordo com o momento e a zona do campo em que se processa o ataque adversário.	1	2	3	4	5
4	Os atacantes fazem rapidamente a transição defesa/ataque com apoio significativo (apoio ao portador da bola, cobertura ofensiva, criação de linhas de passe em profundidade e para diferentes corredores).	1	2	3	4	5
5	A equipa ataca compactamente, isto é, com uma distância curta entre os sectores.	1	2	3	4	5
6	No ataque, na situação de 1x1 pretende-se criar vantagem sobre o defensor directo, aproximar-se da baliza e rematar com grandes probabilidades de sucesso.	1	2	3	4	5
7	O defensor, em situação de emergência, temporiza até que os companheiros restabeleçam um equilíbrio de forças.	1	2	3	4	5
8	Os jogadores fecham possíveis linhas de passe, fundamentalmente em profundidade.	1	2	3	4	5
9	A defesa executa um apoio permanente ao defensor directamente envolvido na marcação ao portador da bola (cobertura defensiva).	1	2	3	4	5
10	A capacidade que a equipa manifesta para acelerar repentinamente, o ataque é decisiva para o resultado da partida.	1	2	3	4	5
11	Os jogadores abrem linhas de passe, para ganhar espaços e superioridade na posição de abordagem à baliza adversária e ao golo.	1	2	3	4	5

12	No ataque participam todos os jogadores, logo que se conquista a posse da bola, através de uma mudança brusca de actividade mental (atitude).	1	2	3	4	5
13	Os jogadores reagem rapidamente à situação de perda de bola e colocam-se entre a bola e a própria baliza.	1	2	3	4	5
14	Os jogadores efectuam oscilações em função da bola tendentes a reduzir espaços de penetração.	1	2	3	4	5
15	Os jogadores, em processo defensivo, criam, momentaneamente, superioridade numérica nas zonas de disputa da bola.	1	2	3	4	5
16	Os médios alas/extremos criam situações iminentemente de finalização utilizando a sua velocidade de condução de bola e a sua capacidade de drible (velocidade de execução).	1	2	3	4	5
17	Todos os elementos da equipa se preocupam em criar espaços aquando da posse de bola.	1	2	3	4	5
18	A equipa no processo ofensivo utiliza como métodos de jogo, o contra-ataque (1ª alternativa)e o ataque rápido (2ª alternativa).	1	2	3	4	5
19	A marcação individual ao adversário de posse de bola é feita pelo jogador mais próximo, de forma a ganhar o tempo suficiente para a recuperação e organização do sistema defensivo.	1	2	3	4	5
20	O jogador executa constantemente acções de cobertura transmitindo maior confiança e iniciativa ao companheiro que marca o adversário de posse de bola (contenção).	1	2	3	4	5
21	O jogador marca individualmente o adversário de posse da bola, ou o adversário que possa dar continuidade imediata ao ataque	1	2	3	4	5
22	As acções que procuram a libertação de marcação e a procura de espaços livres iniciam-se instantaneamente após a recuperação da posse de bola.	1	2	3	4	5
23	O jogador afasta-se ou aproxima-se, do companheiro de posse de bola para criar espaços que possam ser imediatamente ocupados e explorados pelos seus companheiros, com ou sem posse da bola.	1	2	3	4	5
24	Os jogadores no processo ofensivo efectuam desmarcações de apoio e ruptura com passes curtos. Jogar apoiado.	1	2	3	4	5
25	Os jogadores obrigam o adversário a cometer erros, reduzindo-lhe o tempo para jogar.	1	2	3	4	5
26	O médio ala/extremo desloca-se para o centro do terreno e ajuda nas tarefas defensivas o médio centro, sempre que a bola esteja no corredor oposto ao seu.	1	2	3	4	5
27	O jogador recupera defensivamente, para ocupar as suas funções na defesa. Este deslocamento caracteriza-se pela marcação pressionante sobre os adversários que possam dar continuidade imediata ao ataque.	1	2	3	4	5
28	Uma das regras que a equipa manifesta para melhorar a acção ofensiva é variar o ritmo de jogo.	1	2	3	4	5
29	O jogador utiliza todo o espaço de jogo - largura e profundidade, na procura permanente de criação e exploração de espaços livres nas zonas vitais do campo, com vista à instabilidade da equipa adversária, e à criação de situações de finalização eficazes.	1	2	3	4	5
30	O jogador penetra sempre que as circunstâncias assim o permitam, evitando que o seu adversário directo o conduza para zonas menos importantes (menos perigosas).	1	2	3	4	5
31	O jogador retarda o ataque do adversário, particularmente quando é o último defensor.	1	2	3	4	5
32	O médio ala/extremo fecha o seu corredor de jogo, prestando ajuda ao seu companheiro defesa lateral.	1	2	3	4	5
33	O defensor lateral desloca-se para a zona central e marca o espaço nas costas dos seus defesas centrais sempre que a bola esteja do lado contrário ao seu corredor de jogo.	1	2	3	4	5

34	O médio centro, sempre que possível, joga ao primeiro toque aumentando deste modo a velocidade de circulação da bola, e ao mesmo tempo desloca-se para a poder receber de novo.	1	2	3	4	5
35	O defensor lateral, após a recuperação da posse da bola pela sua equipa, desloca-se para a linha lateral, abre uma linha de passe (cria espaço) especialmente quando o seu guarda-redes tiver a bola.	1	2	3	4	5
36	O jogador executa constantemente acções de cobertura/apoio, de forma a tornar a tarefa do companheiro com bola o mais simples possível, criando um maior número de hipóteses para que o colega decida pelo comportamento técnico-táctico mais eficaz.	1	2	3	4	5
37	O defensor tem de ser paciente e evitar arriscar o desarme, salvo quando existir a garantia de poder ficar de posse da bola.	1	2	3	4	5
38	Os jogadores encurtam o espaço em termos de lateralidade (largura) e profundidade.	1	2	3	4	5
39	O defensor lateral marca pressionantemente o adversário que evolua na sua zona, obrigando-o a orientar os seus comportamentos técnico-tácticos para a linha lateral.	1	2	3	4	5
40	Para imprimir o máximo de rapidez ao ataque, em todas as zonas do campo, os jogadores tentam surpreender a equipa adversária com ataques de duração breve, com a participação de um número reduzido de jogadores, a utilização de um número reduzido de passes, bem como a existência de poucas interrupções.	1	2	3	4	5
41	O defensor lateral apoia o ataque através da utilização do seu corredor de jogo, saindo de trás desequilibrando e criando situações de superioridade numérica ou explorando os espaços livres.	1	2	3	4	5
42	Os médios centro, na fase ofensiva, apoiam constantemente a acção, tendo muitas vezes a função de organizadores de jogo.	1	2	3	4	5
43	O defensor quando marca o adversário de posse de bola compreende a sua responsabilidade pelo retardamento do processo ofensivo (temporização) e tenta ganhar o tempo suficiente para a recuperação e organização da sua defesa.	1	2	3	4	5
44	A zona privilegiada para a recuperação da bola é o último terço do ataque. Recuperar a bola o mais perto possível da baliza adversária.	1	2	3	4	5
45	O médio centro, segundo as situações momentâneas de jogo, pode trocar as suas funções com o defesa central.	1	2	3	4	5
46	A arma essencial no ataque, são os deslocamentos a grande velocidade, sobretudo do ponto de vista colectivo, para atingir a baliza adversária com o mínimo de passes e o mais rapidamente possível.	1	2	3	4	5
47	O médio ala/extremo, com a sua mobilidade constante procura encontrar espaços livres ou arrastar consigo um ou mais defesas, para que os outros companheiros possam explorar o espaço por ele criado.	1	2	3	4	5
48	O médio centro evita utilizar acções de condução de bola quando é possível efectuar o passe para um companheiro melhor posicionado, utilizando inclusivé, conforme as circunstâncias de jogo, passes longos por forma a isolar algum companheiro.	1	2	3	4	5
49	O médio ala/extremo, após a perda da bola, presta ajuda ao seu companheiro defesa lateral o mais rapidamente possível.	1	2	3	4	5
50	A concentração da defesa realiza-se sempre nos espaços mais perigosos para a baliza, nas zonas de remate, que antecedem a grande área, não esquecendo as possíveis lateralizações.	1	2	3	4	5
51	Os defesas marcam tanto mais agressivamente quanto mais o adversário se aproxima da baliza.	1	2	3	4	5
52	Após a recuperação da posse da bola, o jogador muda de uma atitude defensiva para uma atitude ofensiva, baseada em rápidas movimentações, para que o adversário não tenha o tempo necessário para organizar convenientemente as suas acções defensivas, quer individual quer colectivamente.	1	2	3	4	5

53	O ponta-de-lança é o jogador que se posiciona mais perto da baliza adversária dando assim profundidade ao processo ofensivo da sua equipa.	1	2	3	4	5
54	O médio ala/extremo, desmarca-se para zonas do ponta-de-lança, de forma a desequilibrar a defesa.	1	2	3	4	5
55	O defesa central, após ter sido ultrapassado pelo adversário directo, retoma o seu lugar no método defensivo, o mais rapidamente possível.	1	2	3	4	5
56	É importante que a perda de bola ocorra no meio-campo ofensivo, em zonas próximas da baliza adversária.	1	2	3	4	5
57	O defesa central marca, de forma activa e vigorosa, o jogador adversário mais adiantado, não lhe dando nem tempo nem espaço para que este possa executar as suas acções técnico-tácticas.	1	2	3	4	5
58	O médio centro tem uma função extremamente importante na distribuição do jogo ofensivo, na circulação rápida da bola entre os vários corredores, procurando o desequilíbrio do método de jogo defensivo adversário e na finalização do ataque.	1	2	3	4	5
59	Os laterais devem apoiar o ataque através de deslocamentos ofensivos de ruptura, de trás para a frente da linha da bola, procurando criar situações de superioridade numérica ou explorar os espaços livres nas "costas" dos defesas adversários.	1	2	3	4	5
60	O ponta-de-lança domina a acção técnico-táctica de remate, em qualquer situação ou posição (pé e cabeça) sendo espontâneo, criativo e assume a responsabilidade de finalizar o ataque.	1	2	3	4	5

Posição em que joga, habitualmente:

Guarda-redes		☐
Defesa Lateral		☐
Defesa Central	Líbero	☐
	Marcação	☐
Médio Centro	Ofensivo	☐
	Defensivo (trinco)	☐
Médio Ala/Extremo		☐
Ponta de Lança		☐

DEFESA - TEMPO

Q-1	Q-7	Q-13	Q-19	Q-25	Q-31	Q-37	Q-43	Q-49	Q-55
5	5	5	5	4	4	4	5	5	5
5	4	5	5	5	5	5	5	4	5
5	1	5	5	4	5	5	5	5	5
5	4	5	4	5	5	5	5	4	5
5	5	4	5	5	5	5	4	5	4
5	1	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	1	5	5	5	5	5	4	5	5
5	1	5	5	5	5	5	5	5	4
5	1	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	4	5
5	3	5	4	5	4	5	4	5	4
5	1	5	5	5	5	5	4	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	1	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	4	5	5	5	4	4	4	5	5
5	5	5	5	5	4	5	5	5	5
5	1	5	5	5	5	5	5	5	5
5	1	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	4	5	5
5	1	5	5	5	5	5	5	5	5

Q-1	Q-7	Q-13	Q-19	Q-25	Q-31	Q-37	Q-43	Q-49	Q-55
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5

ATLETAS

	Q-1	Q-7	Q-13	Q-19	Q-25	Q-31	Q-37	Q-43	Q-49	Q-55
Mean	5	2.95	4.955	4.91	4.91	4.82	4.91	4.73	4.86	4.86
Standard Error	0	0.4	0.045	0.06	0.06	0.08	0.06	0.1	0.07	0.07
Median	5	3.5	5	5	5	5	5	5	5	5
Mode	5	1	5	5	5	5	5	5	5	5
Standard Deviation	0	1.89	0.213	0.29	0.29	0.39	0.29	0.46	0.35	0.35
Variance	0	3.57	0.045	0.09	0.09	0.16	0.09	0.21	0.12	0.12
Range	0	4	1	1	1	1	1	1	1	1
Minimum	5	1	4	4	4	4	4	4	4	4
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	110	65	109	108	108	106	108	104	107	107
Count	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22

TREINADORES

	Q-1	Q-7	Q-13	Q-19	Q-25	Q-31	Q-37	Q-43	Q-49	Q-55
Mean	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Standard Error	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Median	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Mode	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Standard Deviation	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Variance	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Range	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Minimum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10
Count	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2

DEFESA - ESPAÇO

Q-2	Q-8	Q-14	Q-20	Q-26	Q-32	Q-38	Q-44	Q-50	Q-56
5	5	5	4	5	5	4	4	4	4
5	5	5	5	5	4	5	5	5	5
5	4	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	4	5	5	5	4	5	5	5
5	5	5	5	4	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	4	4	4	5	5	5
5	1	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	4	4	5
5	1	5	5	5	5	3	5	5	5
5	5	5	5	5	4	4	5	5	5
5	5	5	4	5	5	4	5	4	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	4	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	3	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	4	5	5
5	1	5	5	5	5	4	5	5	5
5	5	5	5	5	5	4	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	4	4
5	1	5	4	5	5	4	5	5	5

Q-2	Q-8	Q-14	Q-20	Q-26	Q-32	Q-38	Q-44	Q-50	Q-56
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5

ATLETAS

	Q-2	Q-8	Q-14	Q-20	Q-26	Q-32	Q-38	Q-44	Q-50	Q-56
Mean	5	4.182	4.95	4.86	4.91	4.86	4.45	4.86	4.82	4.91
Standard Error	0	0.333	0.05	0.07	0.06	0.07	0.14	0.07	0.08	0.06
Median	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Mode	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Standard Deviation	0	1.563	0.21	0.35	0.29	0.35	0.67	0.35	0.39	0.29
Variance	0	2.442	0.05	0.12	0.09	0.12	0.45	0.12	0.16	0.09
Range	0	4	1	1	1	1	2	1	1	1
Minimum	5	1	4	4	4	4	3	4	4	4
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	110	92	109	107	108	107	98	107	106	108
Count	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22

TREINADORES

	Q-2	Q-8	Q-14	Q-20	Q-26	Q-32	Q-38	Q-44	Q-50	Q-56
Mean	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Standard Error	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Median	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Mode	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Standard Deviation	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Variance	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Range	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Minimum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10
Count	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2

DEFESA-TAREFA

Q-3	Q-9	Q-15	Q-21	Q-27	Q-33	Q-39	Q-45	Q-51	Q-57
5	5	5	5	5	5	4	3	4	4
5	5	4	4	5	5	5	3	5	5
5	5	4	5	5	5	5	4	5	5
4	5	5	4	5	5	5	3	5	5
5	5	3	4	5	5	4	5	4	5
5	5	5	5	5	5	5	2	5	5
5	5	5	4	5	5	4	5	5	5
4	5	5	5	5	5	5	3	5	5
5	5	5	4	5	5	5	5	5	5
4	5	5	5	5	5	5	3	5	5
5	5	5	5	5	5	5	3	5	5
5	5	3	3	4	5	4	4	4	5
5	5	5	5	5	5	5	3	4	5
5	5	5	5	5	5	5	3	5	5
5	5	5	5	5	5	5	2	5	5
5	5	5	5	5	5	5	3	5	5
5	5	5	5	5	4	5	3	5	5
5	4	5	4	4	5	5	2	5	5
4	5	5	5	5	5	4	4	5	5
5	5	5	5	5	5	4	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	4	4	4
4	5	5	5	5	5	4	5	5	5

Q-3	Q-9	Q-15	Q-21	Q-27	Q-33	Q-39	Q-45	Q-51	Q-57
5	5	5	5	5	5	5	4	5	5
5	5	5	5	5	5	5	3	5	5

ATLETAS

	Q-3	Q-9	Q-15	Q-21	Q-27	Q-33	Q-39	Q-45	Q-51	Q-57
Mean	4.77	4.95	4.73	4.64	4.91	4.95	4.68	3.5	4.77	4.91
Standard Error	0.09	0.05	0.13	0.12	0.06	0.05	0.1	0.22	0.09	0.06
Median	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5
Mode	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5
Standard Deviation	0.43	0.21	0.63	0.58	0.29	0.21	0.48	1.01	0.43	0.29
Variance	0.18	0.05	0.4	0.34	0.09	0.05	0.23	1.02	0.18	0.09
Range	1	1	2	2	1	1	1	3	1	1
Minimum	4	4	3	3	4	4	4	2	4	4
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	105	109	104	102	108	109	103	77	105	108
Count	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22

TREINADORES

	Q-3	Q-9	Q-15	Q-21	Q-27	Q-33	Q-39	Q-45	Q-51	Q-57
Mean	5	5	5	5	5	5	5	3.5	5	5
Standard Error	0	0	0	0	0	0	0	0.5	0	0
Median	5	5	5	5	5	5	5	3.5	5	5
Mode	5	5	5	5	5	5	5	#N/D	5	5
Standard Deviation	0	0	0	0	0	0	0	0.71	0	0
Variance	0	0	0	0	0	0	0	0.5	0	0
Range	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Minimum	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5
Sum	10	10	10	10	10	10	10	7	10	10
Count	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2

ATAQUE-TEMPO

Q-4	Q-10	Q-16	Q-22	Q-28	Q-34	Q-40	Q-46	Q-52	Q-58
5	4	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	4	5	4	5	5	5
5	5	4	5	5	4	5	5	5	5
5	4	5	5	5	4	4	5	5	5
5	5	5	5	4	5	5	5	5	4
5	5	5	5	5	5	5	5	4	5
5	4	5	5	5	5	4	5	5	5
5	5	5	5	5	5	4	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	4	5	5
5	5	5	5	5	5	4	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	4	5	4	5	5	5	4	5
5	5	4	5	5	5	5	5	5	5
5	4	5	5	5	5	5	4	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	4	5
5	5	5	5	5	5	4	5	5	5
5	4	5	5	4	4	3	4	5	5
5	5	5	5	5	5	4	4	5	5
5	5	5	5	1	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	4	5	4	5
5	5	5	5	1	5	5	5	5	5

Q-4	Q-10	Q-16	Q-22	Q-28	Q-34	Q-40	Q-46	Q-52	Q-58
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	3	5	4	5

ATLETAS

	Q-4	Q-10	Q-16	Q-22	Q-28	Q-34	Q-40	Q-46	Q-52	Q-58
Mean	5	4.77	4.864	5	4.45	4.86	4.55	4.82	4.82	4.95
Standard Error	0	0.09	0.075	0	0.25	0.07	0.13	0.08	0.08	0.05
Median	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Mode	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Standard Deviation	0	0.43	0.351	0	1.18	0.35	0.6	0.39	0.39	0.21
Variance	0	0.18	0.123	0	1.4	0.12	0.35	0.16	0.16	0.05
Range	0	1	1	0	4	1	2	1	1	1
Minimum	5	4	4	5	1	4	3	4	4	4
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	110	105	107	110	98	107	100	106	106	109
Count	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22

TREINADORES

	Q-4	Q-10	Q-16	Q-22	Q-28	Q-34	Q-40	Q-46	Q-52	Q-58
Mean	5	5	5	5	5	5	4	5	4.5	5
Standard Error	0	0	0	0	0	0	1	0	0.5	0
Median	5	5	5	5	5	5	4	5	4.5	5
Mode	5	5	5	5	5	5	#N/D	5	#N/D	5
Standard Deviation	0	0	0	0	0	0	1.41	0	0.71	0
Variance	0	0	0	0	0	0	2	0	0.5	0
Range	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0
Minimum	5	5	5	5	5	5	3	5	4	5
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	10	10	10	10	10	10	8	10	9	10
Count	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2

ATAQUE-ESPAÇO

Q-5	Q-11	Q-17	Q-23	Q-29	Q-35	Q-41	Q-47	Q-53	Q-59
5	4	5	5	4	5	5	5	5	4
5	5	5	5	4	5	5	5	5	4
5	5	5	5	5	5	5	4	5	5
5	5	5	4	4	5	4	5	5	4
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	4	4	5	5	5	5	4	5	4
5	5	5	5	4	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	4	5	5	4	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	4	5	4	5	5	4
4	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	4	5	5	4	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	4
4	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	4	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5

Q-5	Q-11	Q-17	Q-23	Q-29	Q-35	Q-41	Q-47	Q-53	Q-59
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5

ATLETAS

	Q-5	Q-11	Q-17	Q-23	Q-29	Q-35	Q-41	Q-47	Q-53	Q-59
Mean	4.91	4.909	4.95	4.86	4.77	5	4.77	4.91	5	4.73
Standard Error	0.06	0.063	0.05	0.07	0.09	0	0.09	0.06	0	0.1
Median	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Mode	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Standard Deviation	0.29	0.294	0.21	0.35	0.43	0	0.43	0.29	0	0.46
Variance	0.09	0.087	0.05	0.12	0.18	0	0.18	0.09	0	0.21
Range	1	1	1	1	1	0	1	1	0	1
Minimum	4	4	4	4	4	5	4	4	5	4
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	108	108	109	107	105	110	105	108	110	104
Count	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22

TREINADORES

	Q-5	Q-11	Q-17	Q-23	Q-29	Q-35	Q-41	Q-47	Q-53	Q-59
Mean	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Standard Error	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Median	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Mode	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Standard Deviation	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Variance	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Range	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Minimum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10
Count	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2

ATAQUE-TAREFA

Q-6	Q-12	Q-18	Q-24	Q-30	Q-36	Q-42	Q-48	Q-54	Q60
5	5	5	4	5	5	4	5	4	5
5	5	5	5	5	4	5	5	4	5
5	4	3	4	5	5	5	5	4	4
5	5	5	5	5	4	5	5	5	5
5	4	2	5	5	5	5	5	5	4
5	5	5	5	5	5	5	5	4	5
5	5	5	5	5	5	5	4	4	5
5	3	4	5	4	5	5	4	4	5
5	4	5	5	5	5	4	5	5	5
5	3	5	4	4	5	5	5	5	5
5	5	5	5	4	5	5	5	3	5
5	5	4	4	4	4	5	5	4	4
5	3	5	4	5	5	5	5	4	4
5	5	5	4	5	5	5	4	3	4
5	5	5	5	5	5	5	5	4	5
5	3	5	4	4	5	5	5	4	5
4	5	4	3	5	5	5	4	4	5
4	5	3	3	5	5	5	4	4	5
5	1	5	5	5	5	5	5	4	5
5	5	4	5	5	5	5	5	4	5
5	4	5	5	5	5	4	5	5	5
5	1	5	5	4	5	5	5	4	5

Q-6	Q-12	Q-18	Q-24	Q-30	Q-36	Q-42	Q-48	Q-54	Q60
5	4	5	5	5	5	5	5	5	5
5	4	3	4	5	5	5	5	3	5

ATLETAS

	Q-6	Q-12	Q-18	Q-24	Q-30	Q-36	Q-42	Q-48	Q-54	Q60
Mean	4.91	4.09	4.5	4.5	4.73	4.86	4.86	4.77	4.14	4.77
Standard Error	0.06	0.27	0.18	0.14	0.1	0.07	0.07	0.09	0.12	0.09
Median	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5
Mode	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5
Standard Deviation	0.29	1.27	0.86	0.67	0.46	0.35	0.35	0.43	0.56	0.43
Variance	0.09	1.61	0.74	0.45	0.21	0.12	0.12	0.18	0.31	0.18
Range	1	4	3	2	1	1	1	1	2	1
Minimum	4	1	2	3	4	4	4	4	3	4
Maximum	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	108	90	99	99	104	107	107	105	91	105
Count	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22

TREINADORES

	Q-6	Q-12	Q-18	Q-24	Q-30	Q-36	Q-42	Q-48	Q-54	Q60
Mean	5	4	4	4.5	5	5	5	5	4	5
Standard Error	0	0	1	0.5	0	0	0	0	1	0
Median	5	4	4	4.5	5	5	5	5	4	5
Mode	5	4	#N/D	#N/D	5	5	5	5	#N/D	5
Standard Deviation	0	0	1.41	0.71	0	0	0	0	1.41	0
Variance	0	0	2	0.5	0	0	0	0	2	0
Range	0	0	2	1	0	0	0	0	2	0
Minimum	5	4	3	4	5	5	5	5	3	5
Maximum	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5
Sum	10	8	8	9	10	10	10	10	8	10
Count	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2

ATLETAS

	DEFESA-TEMPO	DEFESA-ESPAÇO	DEFESA-TAREFA	ATAQUE-TEMPO	ATAQUE-ESPAÇO	ATAQUE-TAREFA
Mean	4.69	4.78	4.68	4.81	4.88	4.61
Standard Error	0.06	0.04	0.04	0.04	0.02	0.05
Median	5	5	5	5	5	5
Mode	5	5	5	5	5	5
Standard Deviation	0.88	0.64	0.65	0.52	0.32	0.68
Variance	0.77	0.41	0.42	0.27	0.1	0.47
Range	4	4	3	4	1	4
Minimum	1	1	2	1	4	1
Maximum	5	5	5	5	5	5
Sum	1032	1052	1030	1058	1074	1015
Count	220	220	220	220	220	220

TREINADORES

	DEFESA-TEMPO	DEFESA-ESPAÇO	DEFESA-TAREFA	ATAQUE-TEMPO	ATAQUE-ESPAÇO	ATAQUE-TAREFA
Mean	5	5	4.85	4.85	5	4.65
Standard Error	0	0	0.11	0.11	0	0.15
Median	5	5	5	5	5	5
Mode	5	5	5	5	5	5
Standard Deviation	0	0	0.49	0.49	0	0.67
Variance	0	0	0.24	0.24	0	0.45
Range	0	0	2	2	0	2
Minimum	5	5	3	3	5	3
Maximum	5	5	5	5	5	5
Sum	100	100	97	97	100	93
Count	20	20	20	20	20	20

NPar Tests

Descriptive Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Defesa-Tempo	240	4.7167	.8452	1.00	5.00
Defesa_Espaço	240	4.8000	.6150	1.00	5.00
Defesa-Tarefa	240	4.6958	.6364	2.00	5.00
Ataque-Tempo	240	4.8125	.5197	1.00	5.00
Ataque-Espaço	240	4.8917	.3115	4.00	5.00
Ataque-Tarefa	240	4.6167	.6807	1.00	5.00
VAR00001	240	1.0833	.2770	1.00	2.00

Mann-Whitney Test

Ranks

	VAR00001	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Defesa-Tempo	jogador	220	118.82	26140.00
	treinador	20	139.00	2780.00
	Total	240		
Defesa_Espaço	jogador	220	118.95	26170.00
	treinador	20	137.50	2750.00
	Total	240		
Defesa-Tarefa	jogador	220	119.22	26228.00
	treinador	20	134.60	2692.00
	Total	240		
Ataque-Tempo	jogador	220	119.97	26393.50
	treinador	20	126.32	2526.50
	Total	240		
Ataque-Espaço	jogador	220	119.32	26250.00
	treinador	20	133.50	2670.00
	Total	240		
Ataque-Tarefa	jogador	220	120.10	26421.50
	treinador	20	124.93	2498.50
	Total	240		

Test Statistics[a]

	Defesa-Tempo	Defesa_Espaço	Defesa-Tarefa	Ataque-Tempo	Ataque-Espaço	Ataque-Tarefa
Mann-Whitney U	1830.000	1860.000	1918.000	2083.500	1940.000	2111.500
Wilcoxon W	26140.000	26170.000	26228.000	26393.500	26250.000	26421.500
Z	-1.984	-1.890	-1.311	-.626	-1.625	-.371
Asymp. Sig. (2-tailed)	.047	.059	.190	.531	.104	.711

a. Grouping Variable: VAR00001

DEFESA-TEMPO

	Guarda Redes	Defesa Lateral	Defesa Central	Médio Centro	Médio Ala/Extremo	Ponta Lança
Média	4,75	4,7	4,58	4,7	4,78	4,7
Desv Padrão	0,44	0,84	1,01	1,02	0,7	1,02

DEFESA-ESPAÇO

	Guarda Redes	Defesa Lateral	Defesa Central	Médio Centro	Médio Ala/Extremo	Ponta Lança
Média	4,7	4,86	4,66	4,97	4,8	4,7
Desv Padrão	0,47	0,35	0,87	0,18	0,72	0,79

DEFESA-TAREFA

	Guarda Redes	Defesa Lateral	Defesa Central	Médio Centro	Médio Ala/Extremo	Ponta Lança
Média	4,55	4,68	4,66	4,73	4,65	4,8
Desv Padrão	0,69	0,65	0,66	0,74	0,7	0,41

ATAQUE-TEMPO

	Guarda Redes	Defesa Lateral	Defesa Central	Médio Centro	Médio Ala/Extremo	Ponta Lança
Média	4,85	4,8	4,88	4,87	4,68	4,8
Desv Padrão	0,37	0,4	0,33	0,35	0,76	0,76

ATAQUE-ESPAÇO

	Guarda Redes	Defesa Lateral	Defesa Central	Médio Centro	Médio Ala/Extremo	Ponta Lança
Média	4,75	4,82	4,88	4,97	4,9	4,97
Desv Padrão	0,44	0,39	0,33	0,18	0,3	0,8

ATAQUE-TAREFA

	Guarda Redes	Defesa Lateral	Defesa Central	Médio Centro	Médio Ala/Extremo	Ponta Lança
Média	4,75	4,7	4,58	4,63	4,43	4,67
Desv Padrão	0,44	0,61	0,61	0,61	0,87	0,8